SET & VÍDEO

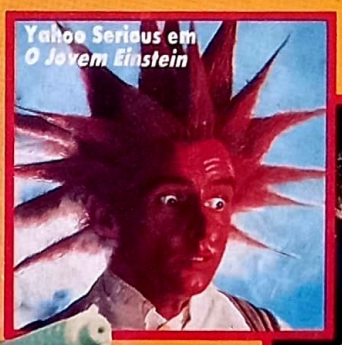
EDITORA AZUL

56330001 – Ed. 28 – Ano III Nº 10 – NCz$ 18,00

O MÊS DA PALHAÇADA

Michael Keaton em *De Médico e Louco Todo Mundo Tem um Pouco*

EM NOVEMBRO, UMA SAFRA DE COMÉDIAS VARIADAS VAI GARANTIR A RISADA GERAL



Yahoo Serious em *O Jovem Einstein*

Gene Wilder e Richard Pryor em *Cegos, Surdos e Loucos*

AVANT-PREMIÈRE

Williams: professor Keating em *Dead Poets Society*

O NOVO ROBIN WILLIAMS, COM POESIA E HUMOR

VÍDEO

- UMA CILADA PARA ROGER RABBIT
- CLIENTE MORTO NÃO PAGA
- A FELICIDADE NÃO SE COMPRA

E OS LANÇAMENTOS DO MÊS

Steve Martin em *O Tiro Não Saiu pela Culatra*

PHILIPS

LINHA PHILIPS DE TELEVISORES. MAIS OPÇÕES, MAIS TECNOLOGIA, MAIS RECURSOS. DE MAIS A MAIS, UMA BOA IMAGEM É FUNDAMENTAL.

Philips. A maior e mais completa linha de televisores com VHF e UHF.

Na hora de comprar, compare os recursos dos televisores Philips e solicite uma demonstração na loja de sua preferência. Você vai descobrir que eles são incomparáveis.

STANDARD

B E M - V I N D O A O F U T U R O

Laudenir Francisco Marcelino

Philips 14'' Luxo - VHF/UHF
Também na versão
só com VHF

Philips 14'' Superluxo
VHF/UHF

Philips 14'' Look
VHF/UHF
Também nas versões rosa,
beige e vermelho

Philips 14''
TV Monitor
VHF/UHF

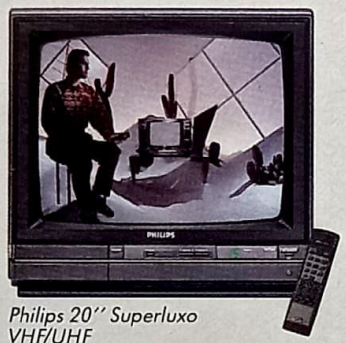
Philips 14'' Plus
VHF/UHF

Philips 16'' Luxo - VHF/UHF
Também na versão só com VHF

Philips 16'' Superluxo
VHF/UHF

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONFIA É AMAZÔNIA

Philips 20'' Luxo - VHF/UHF
Também na versão só com VHF



Philips 20'' Superluxo
VHF/UHF

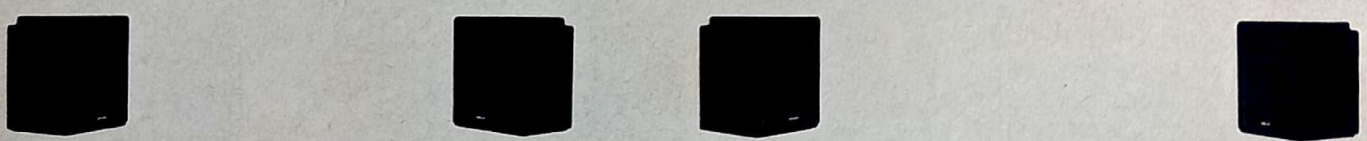
Philips 20'' TV Monitor
VHF/UHF

Philips 20'' Stereo SDE - VHF/UHF

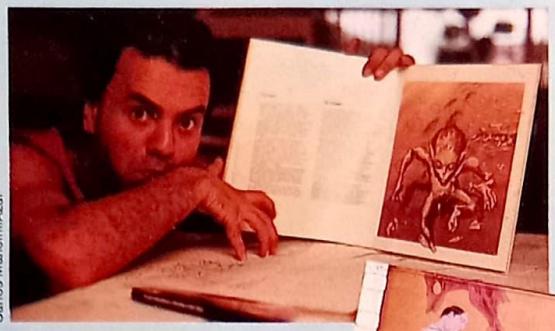
Laudenir Francisco Marcelino

Philips 21'' PIP Dolby Surround Sound - VHF/UHF

Philips 28'' PIP Dolby Surround Sound - VHF/UHF
Também na versão Widescreen



B E M - V I N D O À P H I L I P S.



Carlos Mancini/Azul

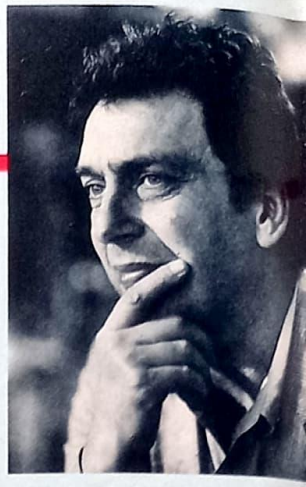
UM BRASILEIRO NA CORTE DO REI SPIELBERG

Depois de oito anos à frente de uma produtora de animação e efeitos especiais para publicidade, a Cigarra Inquietante, **Celso D'Elia** (conhecido como Céu — acima) resolveu juntar a mala e a cuia, a cara e a coragem, e partiu para Londres atrás de trabalho. Tinha a seu favor um curta experimental, *Adeus* (no destaque), que consumiu sete anos de intensa pesquisa de linguagem e foi visto e elogiado nos festivais do Rio, Los Angeles, Utrecht (Holanda) e no mais importante festival de animação do mundo, o de Annecy, na França. Com essa bagagem foi contratado pela Felix Film, na qual realizou um videoclip e dois comerciais. Daí para entrar na equipe do mais recente projeto de Spielberg foi um passo. Selecionado em meio a vários animadores, Celso, de apenas 26 anos, será um dos trinta *seniors animators* (os animadores que dão vida aos personagens) da seqüência de *Fievel, um Conto Americano,* cujo título — ainda provisório — é *Fievel Goes to America*. Dentre seus colegas de trabalho estará boa parte da equipe que realizou *Uma Cilada para Roger Rabbit*, à exceção do mestre **Richard Williams**. O desenho está sendo produzido em um novo estúdio da Amblin (a produtora de Spielberg) em Londres, e seus diretores são **Phil Nibbelink** e **Simon Wells**.

Salva Produções

NA ONDA DO MERCHANDISING

Na base do merchandising, o cinema brasileiro vai se viabilizando. E com as facilidades fiscais criadas pela lei Sarney, é cada vez maior o número de empresas privadas que descobre que pôr dinheiro em filme nacional pode ser um bom negócio. Agora é a vez da revista *Fluir*, especializada em surf, pegar essa onda. *Manobra Radical*, direção de **Elisa Tolomeli** (em pé, na foto acima, com o elenco), com fotografia do ótimo **Pedro Farkas**, é o nome do filme que *Fluir* está ajudando a pagar. Ao lado de inúmeras outras marcas. Por trás de tudo está o produtor **Alberto Salvá**, o mesmo de *A Menina do Lado* (com Reginaldo Faria e Flávia Monteiro), que surpreendeu fazendo um público de 800 mil espectadores no território nacional. A revista *Fluir* entrou com 25 000 dólares na produção de *Manobra Radical*, mas não terá participação na bilheteria. O retorno que espera é a promoção institucional, na forma de um adesivo com a marca *Fluir* na caminhonete que leva os personagens do filme numa viagem pelo litoral brasileiro. Andam à procura de ondas e paisagens. Tomam sol, água de coco e bastante Coca-Cola, marca que entrou com 200 000 dólares no projeto e bancou, sozinha, 40% do orçamento. Com a estratégia de merchandising, o filme chega às telas praticamente pago, e a bilheteria que vier é lucro.



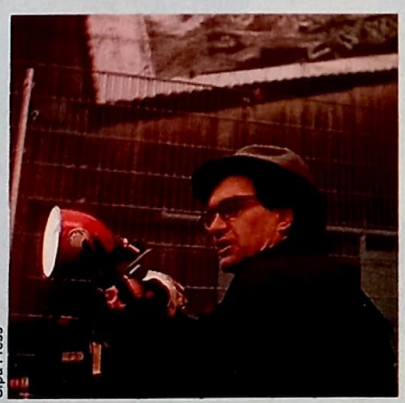
Warner

INTERCÂMBIO CULTURAL

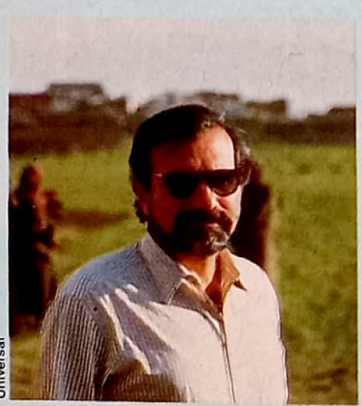
Martin Scorsese (abaixo, à esquerda) produz simultaneamente dois filmes de diretores europeus de primeira linha: *The Crew*, de **Michelangelo Antonioni** (abaixo, à direita), com roteiro de **Mark Peploe** (o mesmo de *O Último Imperador*); e *The Grifters*, de **Stephen Frears** (acima). O primeiro representa a volta à ativa de um dos maiores cineastas vivos, sete anos depois de seu último filme (*Identificação de uma Mulher*) e dezenove anos depois de sua primeira e única experiência na América (*Zabriskie Point*). The Grifters, por sua vez, marca a estréia do britânico Frears nos EUA, contando a história de um jovem marginal (**John Cuzak**) na Los Angeles dos anos 50. O roteiro foi extraído de um romance *noir* de **Jim Thompson**, e o elenco traz ainda **Melanie Griffith** e **Geena Davis**.

WENDERS NO FIM DO MUNDO

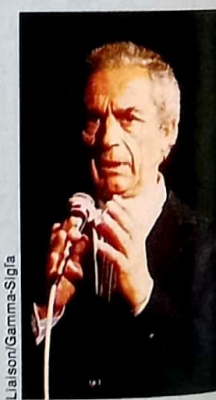
O próximo e esperadíssimo filme de **Wim Wenders** (à direita), *Até o Fim do Mundo*, começa a ficar menos misterioso. Será a história de uma garota (a sra. Wenders, **Solveig Dommartin**) que segue pelos quatro cantos do mundo o homem por quem está apaixonada. Ao mesmo tempo, ela é seguida por um admirador tão obsessivo quanto ela. O filme será rodado em nada menos que quinze países, e seus papéis principais masculinos deverão ser interpretados por **Rudiger Vogler** e **Jacques Dutronc**.



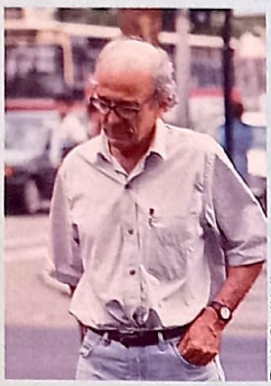
Sipa-Press



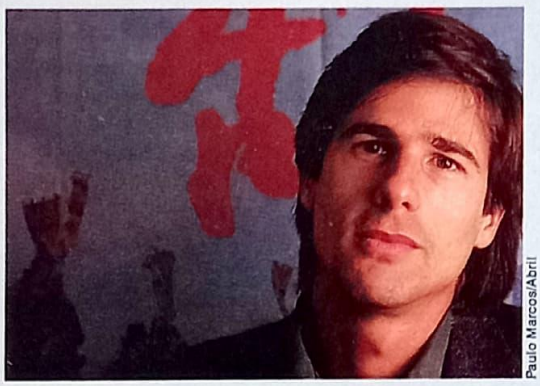
Universal



Liaison/Gamma-Sigla



Flavio Ciro/Abril



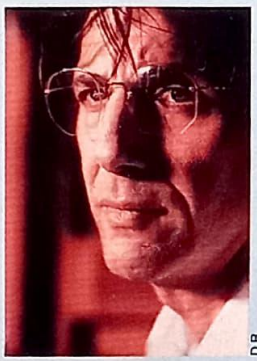
Paulo Marcos/Abril

LFI

LFI

A GRANDE ESPERA

A Grande Arte, o célebre romance de **Rubem Fonseca** (acima, à esquerda), finalmente está virando filme, quase um ano depois de as primeiras notícias sobre o assunto terem saído na imprensa. A direção, como se sabe, é do talentoso **Walter Salles Jr.** (acima, à direita), e o elenco é praticamente o mesmo que SET divulgou no final do ano passado: **Peter Coyote** (à direita) — no papel do advogado/investigador Mandrake —, **Miguel Angel Fuentes** (*Fitzcarraldo*), o anão **Tum-Tum** (*A Sombra do Vulcão*), **Cássia Kiss**, **Eduardo Conde**, **Giulia Gam** (ou **Fernanda Torres**) e **Raul Cortez**. O lançamento deve ficar para 1990.

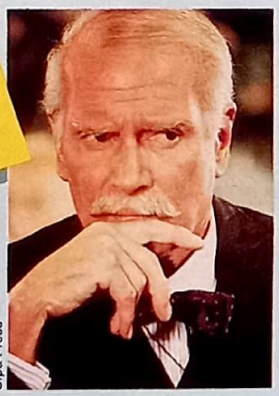


D.R

A PERESTROIKA DAS VIZINHAS

Apesar de Israel e União Soviética não manterem relações diplomáticas, soviéticos e israelenses uniram-se aos franceses para produzir aquele que é considerado o primeiro filme da *perestroika*, *O Passaporte*. A co-produção está sendo rodada na Geórgia (URSS), sob a direção de **Gueorgui Daniela**, e tem no elenco os ocidentais **Gérard Darmon**, **Jennifer Beals** (acima, à esquerda) e **Uma Thurman** (acima, à direita). A história é convenientemente polêmica: um erro burocrático faz com que um jovem georgiano seja expulso de seu país e vá parar, contra a vontade, no Ocidente.

"A arte é um pouco maior que a vida."
Laurence Olivier



Sipa-Press

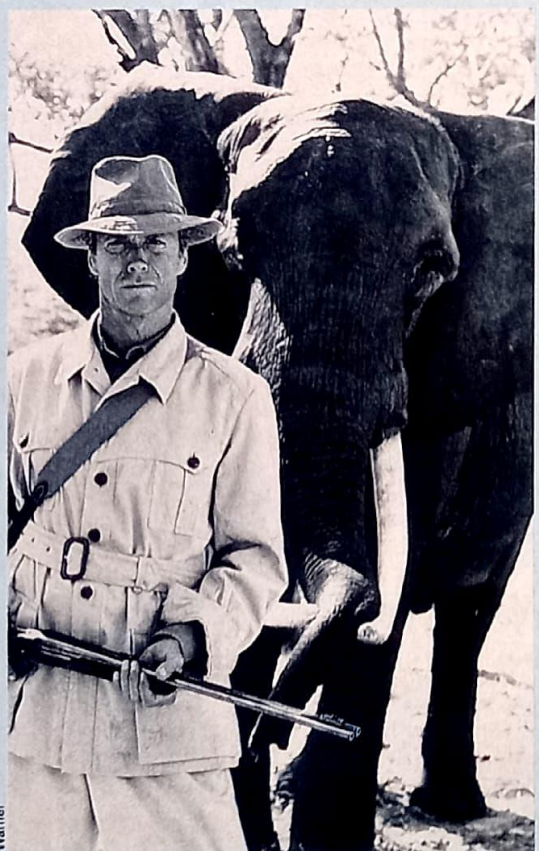
Sipa-Press

A PRINCESA E O PLEBEU

A musa de outrora **Monica Vitti** (à esquerda) estréia na direção com *Scandalo Segreto*, cujo roteiro foi escrito por ela própria em parceria com **Roberto Russo**. No elenco, contracenando com a diretora, o veterano *outsider* **Elliott Gould**.

PAQUIDERME COBIÇADO

Pilotar é o verbo do ano para **Clint Eastwood**. Pilotando as filmagens de *White Hunter / Black Heart* (uma história sobre o clássico de John Huston *Uma Aventura na África*, de 1951), Eastwood pilotou o elenco, pilotou o papel principal — o de Huston, que resolveu encarnar —, pilotou um orçamento de 30 milhões de dólares e pilotou um helicóptero à cata de locações e elefantes. Bem, os elefantes, não consta que ele os tenha pilotado. O ator procurava um paquiderme com marfins de 2,5 m de comprimento para uma cena do filme. Achou, como mostra a foto à direita. Agora, concluído o filme, Eastwood continua pilotando. Lidera uma associação internacional contra o tráfico de marfim.



Warner

TAKES

Ouro

ESSA NOITE LEVAREI A SUA GRANA

O mundo se curva diante do terror tupiniquim. O filme *Atração Satânica* (Emilia Mazer, na foto acima), lançado em São Paulo em agosto último, foi vendido para exibição em nove países (Alemanha, Austrália, França, Itália, Argentina, México, Coréia, Iugoslávia e Singapura) e em vídeo, para outros 20. A produtora J'Dávila Enterprises (sic), responsável pela fita, já está negociando sua seqüência, *Ritual Macabro* (*Ritual of Death*), rodado em São Paulo originalmente em inglês, mas com versão também em português (o lançamento nacional é iminente). *Ritual Macabro* já está negociado em vídeo (35 mil cópias) com distribuidoras dos Estados Unidos.

NOMES DE GUERRA

Os leitores da SET n.º 5, ano II, publicada em maio do ano passado, ficaram sabendo, entre outras curiosidades onomásticas, que o verdadeiro nome de **Kirk Douglas** é Issur Danielovitch. Agora tente adivinhar a que ilustres personalidades pertencem os seguintes nomes: 1) Arthur Stanley Jefferson; 2) Harlean Carpentier; 3) Thomas Mapother IV; 4) Krishna Banji; 5) Daniel Agraluscarsacra; 6) Maurice Micklewhite; 7) Betty Perske; 8) Bernard Schwartz; 9) Joseph Levitch; 10) Francesca Rivelli; 11) Dino Crocetti; 12) Walter Matuschanskayasky.

Respostas: 1) Stan Laurel; 2) Jean Harlow; 3) Tom Cruise; 4) Ben Kingsley; 5) Dan Aykroyd; 6) Michael Caine; 7) Lauren Bacall; 8) Tony Curtis; 9) Jerry Lewis; 10) Ornella Muti; 11) Dean Martin; 12) Walter Matthau. Matou todos? Na próxima edição tem mais.

Liaison/Gamma-Sigla

ESCRETE DE OURO

Doze cineastas italianos de primeiro time estão envolvidos no projeto de divulgação da Copa do Mundo de 1990, a ser realizada naquele país. Cada um deles dirigirá um documentário, em versões de seis minutos (para exibição nos cinemas) e 30 segundos (para a TV), sobre uma das cidades-sede dos jogos do mundial. Os diretores são ninguém menos que **Michelangelo Antonioni** (Roma), **Bernardo Bertolucci** (Bolonha), **Mario Monicelli** (Verona), **Francesco Rosi** (Nápoles), **Ermano Olmi** (Milão), **Gillo Pontecorvo** (Údine), **Mauro Bolognini** (Palermo), **Lina Wertmüller** (Bari), **Franco Zeffirelli** (Florença), **Alberto Lattuada** (Gênova), **Mario Soldati** (Torino) e **Carlo Lizzani** (Cagliari). Que outro país pode contar com uma seleção assim e ainda deixar de fora craques como Fellini, Scola, Ferreri, Risi e os irmãos Taviani?

Warner

A HISTÓRIA CONTINUA SEM FIM

Cuidado com as aparências. O **George Miller** que está dirigindo *História sem Fim II* não é o talentoso criador da saga *Mad Max* e de *As Bruxas de Eastwick* mas um homônimo, também australiano e muito menos brilhante. O primeiro *História sem Fim* (acima) foi dirigido em 1984 pelo alemão **Wolfgang Petersen**. Esta seqüência está sendo bancada pela Warner Bros., ao custo de cem milhões de dólares. Dinheiro sem fim.

> "O que eu digo sobre Brian De Palma também vale para Bob Zemeckis: o que faz seus filmes tão divertidos é exatamente o que torna um inferno trabalhar neles."
> Michael J. Fox

Retna

ENCONTRO AMAZÔNICO

O cara-pálida **Sting** e **Paulinho Paiakan** (acima), chefe da tribo caiapó, são dois dos protagonistas de *Amazon Encounter*, documentário realizado por **Neville D'Almeida** (*A Dama do Lotação*), **Dudi Guper** e **Guará** (ator de inúmeros filmes "udigrudi" brasileiros). Narrado pelo antropólogo **Darrell Addison Posey**, o filme traz depoimentos dos principais chefes indígenas e líderes ecologistas reunidos em Altamira (PA) no início do ano para protestar contra a construção da hidroelétrica Cararaó. O média-metragem já foi exibido em diversos países (em sessões especiais) e deve ser lançado brevemente em vídeo no Brasil.

"Eu achava que conhecia videocassetes, mas então a Panasonic lançou o VHS alta-fidelidade. Que diferença!

Veja, por exemplo, um grande prêmio de automobilismo. Eu costumava invejar os privilegiados que tinham entradas para as arquibancadas, mas isso não acontece mais. Agora, quando as máquinas passam roncando eu estou no "box" com o resto da equipe!"

Hi-Fi VIDEO

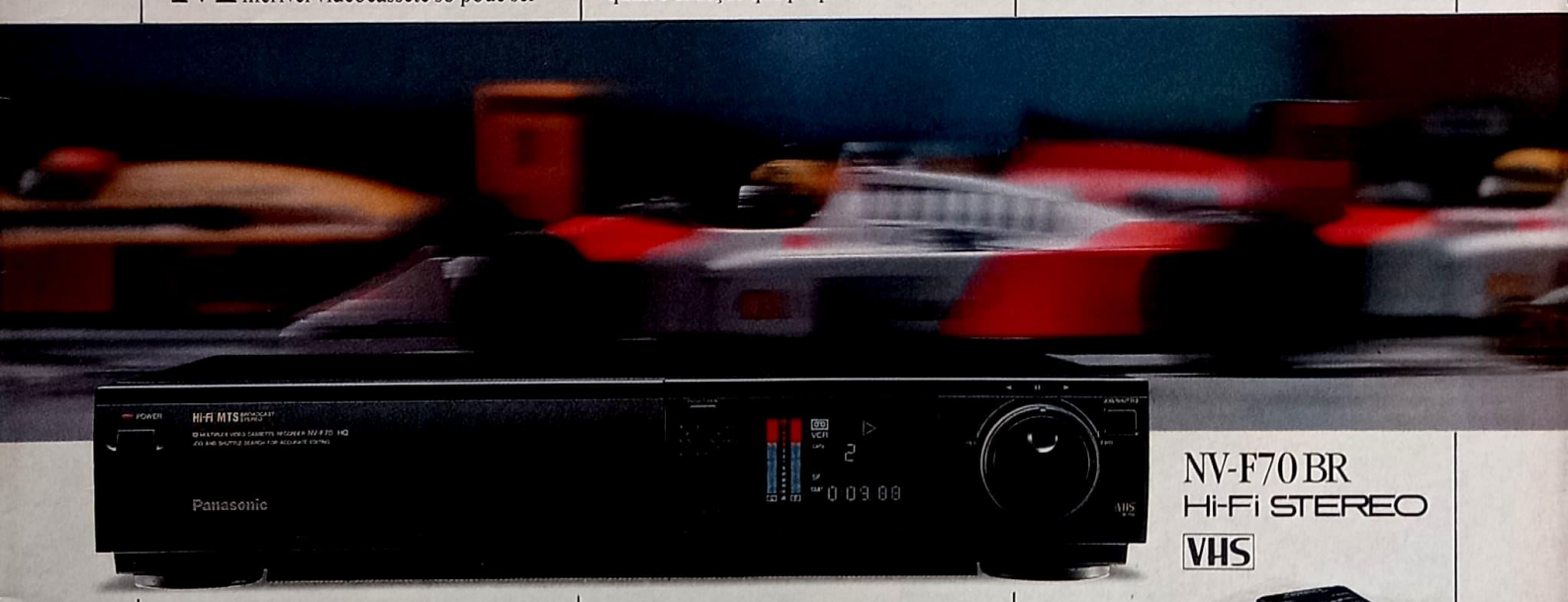
Não dá para você saber tudo do NV-F70 à primeira vista. É verdade que as cores são vivas; as imagens, claras como cristal; os detalhes, ultra-nítidos. Nós da Panasonic formamos nossa reputação graças à magnífica qualidade da imagem de nossos aparelhos.

Mas o que há de melhor nesse incrível videocassete só pode ser apreciado pelos ouvidos — o realismo acrescentado pelo som alta-fidelidade estéreo. Com um ganho de mais de 90 dB, uma faixa de freqüência de 20 Hz a 20 KHz, e menos de 0,005% de distorção, o NV-F70 tem um desempenho tão puro quanto o dos melhores aparelhos de som.

Para localizar rapidamente qualquer cena numa fita e apreciar a ação no seu próprio ritmo, o comando *Jog & Shuttle* literalmente, pôs a imagem sob o domínio dos seus dedos. E para possibilitar a máxima qualidade de imagem, o NV-F70 possui um Super Sistema de quatro cabeças que proporciona um movimento que flui mais naturalmente, com o dobro de detalhes na Câmera Lenta Duplamente Super Fina.

O videocassete Hi-Fi VHS NV-F70 é lindo de se ver e requintado de se ouvir. Sugerimos que você faça as duas coisas juntas. Afinal, não é para isso que existem os aparelhos de áudio/vídeo?

NV-L26 BR



NV-F70 BR
Hi-Fi STEREO
VHS

O mostrador de cristal líquido embutido e o leitor de código de barras digital do controle remoto totalmente funcional tornam a programação do timer segura, rápida e fácil.

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

Panasonic e Technics são marcas registradas da Matsushita Electric.

TAKES

LFI

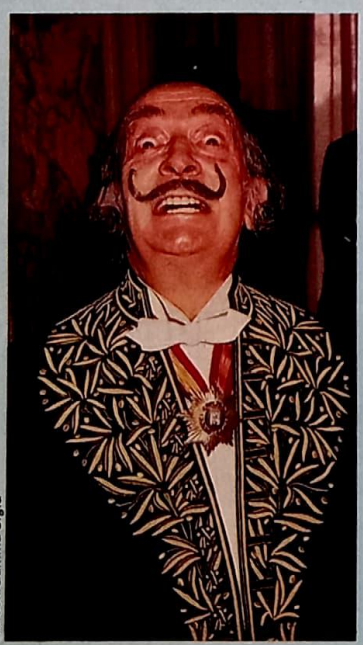
O ÚLTIMO BRANDO

Bomba! Bomba! Ao mesmo tempo que anuncia, pela enésima vez, sua aposentadoria definitiva, o deus **Marlon Brando** (acima) está sendo pressionado (seduzido? comprado?) para interpretar o papel de dr. Monygham em *Nostromo*, que **David Lean** começa a filmar em novembro na Espanha e no México, baseado no conto homônimo de **Joseph Conrad**. O roteiro é de **Christopher Hampton** (que adaptou *Ligações Perigosas* para **Stephen Frears**), e o protagonista do filme será o grego **Georges Carafas**.

Álbum de Família

A HORA DA VERDADE

A vida do jornalista **Vladimir Herzog** (acima), "suicidado" numa cela do DOI-Codi em 1975, é o assunto do filme que **João Batista de Andrade** (*O Homem que Virou Suco*) está rodando em São Paulo, com o singelo título *Vlado* (apelido do jornalista). A produção está orçada em um milhão de dólares e terá locações na Iugoslávia (onde Herzog nasceu) e em Londres (onde trabalhou na BBC). A TV estatal da Espanha e o Channel 4 inglês participam do financiamento, em associação com a produtora Raiz Filmes. Vale lembrar que Batista de Andrade e Herzog eram amigos, tendo trabalhado juntos no programa jornalístico *A Hora da Verdade*, da TV Cultura de São Paulo.



Liaison/Gamma-Sigla

PELA TRANQÜILIDADE DO PÚBLICO

Lorenzo Quinn, filho de todo-mundo-sabe-quem, será o controvertido pintor **Salvador Dalí** (à esquerda) na cinebiografia *Dalí*, a ser rodada proximamente. Sobre o fato de a bissexualidade do artista ser omitida no filme, Lorenzo justificou: "Os filmes têm uma fórmula estabelecida, com a qual eles procuram atrair um grande público. O tipo de casamento que Dalí realmente mantinha com sua mulher (Gala) é assunto para os escritores de biografias". Trocando em miúdos, o Zorbinha acha que os "assuntos de risco" devem ser banidos do cinema.

AGUARDE

Retna

O irrequieto **Jean-Luc Godard** nem acabou seu filme *Nouvelle Vague* (com **Alain Delon**) e já contratou a bela **Béatrice Dalle** para seu longa seguinte, ainda sem título.

Michael Douglas volta a contracenar com **Kathleen Turner** (à esquerda) em *Hardboiled*, um policial sob a direção de **David Anspaugh**. Os dois astros são também produtores do filme.

Stanley Kubrick vai mesmo adaptar para o cinema o romance *O Perfume*. Depois de muita insistência, ele conseguiu convencer o escritor **Patrick Süskind** a ceder-lhe os direitos da obra, que já haviam sido negados a **Roman Polanski** e **Jean-Jacques Beineix**.

Liaison/Gamma-Sigla

Barry Levinson (*Rain Man*, à direita) prepara uma cinebiografia de **Ray Charles**.

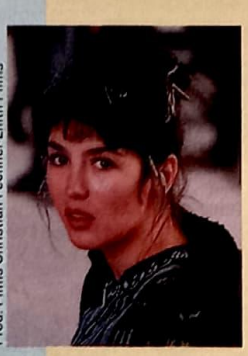
Luis Puenzo (*Gringo Velho*, à esquerda) pretende levar ao cinema o romance *A Peste*, de **Albert Camus**, com **William Hurt** e **Daniel Auteuil**.

Julien Temple (*Absolute Beginners*) vai filmar a vida do fotógrafo americano **Wegee** e está tentando convencer **Mickey Rourke** a fazer o papel.

O mesmo **Rourke** será o protagonista de um *remake* de *The Desperate Hours*, dirigido em 1955 por **William Wyler**. No original, o papel foi interpretado por um certo **Humphrey Bogart**.

Tatics

Depois do sucesso europeu de *L'Ours* (ainda inédito no Brasil), **Jean-Jacques Annaud** (*A Guerra do Fogo*, *O Nome da Rosa*, à direita) prepara uma nova produção antropo-ecológica, a ser rodada no pólo Norte, junto aos esquimós.



Prod. Films Christian Fechner-Lilith Films

Isabelle Adjani (à esquerda) fará o papel-título de *A Rainha Margot*, filme de **Patrice Chéreau** baseado no romance homônimo de **Alexandre Dumas**.

Mudança total na equipe de *La Putaine du Roi*. O diretor agora é **Alex Corti**, e os protagonistas, **Nastassja Kinski** e **James Caan**, em vez de **Isabelle Adjani** e **John Malkovich**, como se noticiou anteriormente.

DONALD
PLEASENCE
RENÉE
SIMENSON
TOM
SCHANLEY
Em busca de riqueza e sucesso no mundo da moda, encontrou a morte.
PELE NUA
LANÇAMENTO ESPECIAL
F J LUCAS VIDEO
SIMULTÂNEO COM O CINEMA

Eu escrevo com o corpo.
Poesia não é para compreender,
mas para incorporar.
Entender é parede:
procure ser uma árvore.

Manoel de Barros

TUCANO
EXCLUSIVIDADE MESBLA

HOLLYWOOD

por Ana Maria Bahiana e José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Universal

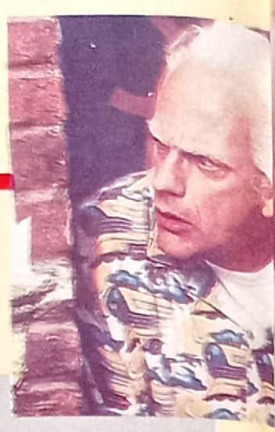
PACINO NOS CLASSIFICADOS

"Não sou um ator que faz muitos filmes. Meu padrão sempre tem sido manter certo período de tempo entre um trabalho e outro. Eu preciso disso, para, de certa forma, me reciclar." Foi assim que **Al Pacino** explicou a SET a razão pela qual passou cinco anos afastado das telas, dedicando-se àquela que ele define como sua "mais profunda paixão": o teatro. Agora ele diz que achou o bom diretor, o bom elenco e o bom roteiro no policial *Sea of Love* (acima) e está de volta. O público parece achar que a coisa é boa mesmo. O filme faturou dez milhões de dólares no seu primeiro fim de semana em setembro (superando o recorde para esta época do ano, que era de *Crocodilo Dundee*). Pacino faz o papel de um tira veterano de Manhattan, investigando uma série de crimes com vários pontos em comum. O principal: todas as vítimas se correspondiam através de classificados "pessoais" colocados numa revista. Para entrar no circuito, Pacino coloca o seu próprio anúncio e atrai assim a principal suspeita, **Ellen Barkin**. Além da moça, **John Goodman** também está no filme. É o parceiro de Pacino. **Harold Becker** dirige.

Liaison/Gamma-Sigla

LONGAS PERNAS

Jimmy Stewart e **Marlene Dietrich** voltam à ativa em *Destry Rides Again*, que **George Marshall** dirigirá para a Universal.



ADIANTANDO OS PONTEIROS

Para começar a contagem regressiva até a estréia do *De Volta para o Futuro II* (acima), a Universal Pictures ergueu num dos pontos mais nobres de Los Angeles, a Sunset Strip, um superoutdoor com um relógio embutido, marcando horas, minutos e segundos que faltam para a estréia do filme, em novembro. A contagem começou duas mil horas antes da estréia.

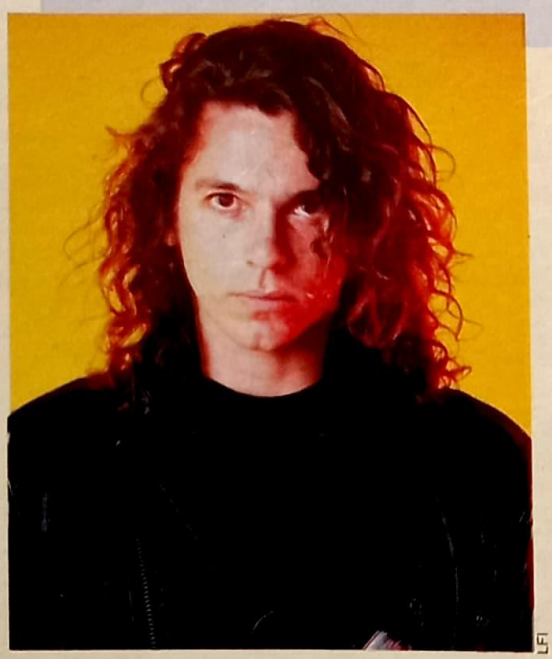
CORMAN E A CRIATURA

Vem aí o *Frankenstein* de **Roger Corman**, o rei dos filmes B, que ajudou a lançar as carreiras de cobras como Joe Dante, James Cameron e Martin Scorsese. Filmando na Itália, esta nova versão do clássico do cinema e da literatura traz **John Hurt**, **Raul Julia** e **Bridget Fonda** nos papéis principais. Julia é o dr. Frankenstein. Mas a grande surpresa é a inclusão do popstar **Michael Hutchence** (abaixo) — vocalista do grupo australiano INXS — como Percy Bysshe Shelley. Sting que se cuide!

UIP

SOUVENIRS ESTRELARES

Foram a leilão recentemente algumas peças de colecionador de Hollywood: a luva que enfeitou o Joker de **Jack Nicholson**; a cadeira de rodas de **Jon Voight** em *Amargo Regresso*; as orelhas do **dr. Spock**; e a jaqueta de **Michael Jackson** no clip de *Bad*.



LFI

José Renato/Abril

19 SEMANAS DE HORROR

Mickey Rouke e **Kim Basinger** retornarão a seus controvertidos papéis no segundo capítulo de *Nove Semanas e Meia de Amor*, que **Roman Polanski** (à direita) vai dirigir.

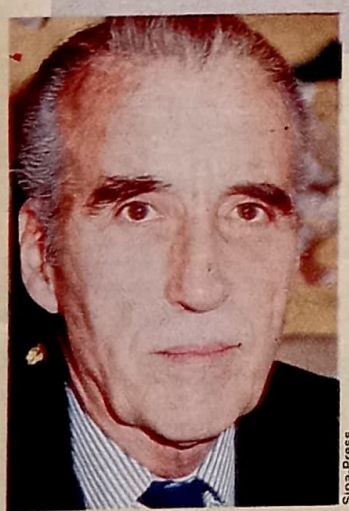
UIP

TIRAS À FRANCESA

Chama-se *Rush* o novo filme que **Robert Towne** vai dirigir. Trata-se de um suspense que enfoca os percalços de um par de agentes da lei que tenta desmantelar uma quadrilha de narcotraficantes, tornando-se viciados e infiltrando-se na organização. Parece com *Operação França*. Não é de surpreender. *Rush* será produzido pelo mesmo **Richard Zanuck** que comprou para a Fox o filme que catapultou Gene Hackman e o diretor William Friedkin ao estrelato.

MESTRE DO MACABRO

O velho homem do terror, **Christopher Lee** (abaixo), está no elenco de *Gremlins II*, dirigido pelo mesmo **Joe Dante** do filme original.



Sipa Press

O IMPÉRIO DA IMAGEM

por Luiz Nazário

Poucos cineastas tiveram do cinema uma visão tão grandiosa quanto Abel Gance. Ele percebeu que, com a reprodução mecânica da realidade, as reconstituições históricas ganhavam nova dimensão e já imaginava os heróis do passado se acotovelando às portas dos estúdios, exigindo sua reencarnação cinematográfica.

Ao anunciar: "O tempo da imagem chegou!", Gance previa o poder de assimilação total do cinema e seu impacto decisivo sobre a sociedade. E com *La Folie du Docteur Tube* (1916) inaugura a vanguarda cinematográfica, que se estenderá da França para o resto do mundo. Mas, incompreendido na época, o filme só será descoberto muitos anos depois.

Fazendo do cinema um meio de expressão subjetiva e desejando protestar contra os horrores da Primeira Guerra Mundial, Gance não hesita em utilizar todos os mutilados que encontra para fazê-los avançar em direção ao espectador na apocalíptica conclusão de *J'Accuse* (1918).

Aproximando-se do sobrenatural, Gance leva em *Au Secours!* (1923) uma ligação telefônica ao seu paroxismo dramático. Uma mulher está deitada na cama, falando com o amante — interpretado por Max Linder —, quando chega no quarto um monstro antropomórfico, uma espécie de fantasma da ópera, que vai se aproximando do cortinado. Ela vê o monstro e grita ao telefone por socorro. O amante começa a urrar, mas nada pode fazer a distância. Lágrimas jorram dos dois lados do fio. O monstro avança. "Socorro! Socorro!", ela continua a implorar. O telefone a liga ao amante, que participa de seu pavor numa completa impotência. Sem tempo de socorrê-la, ele tampouco ousa desligar o aparelho para chamar a polícia, porque está paralisado, ouvindo a amante ser agarrada, solidário em sua agonia, enfeitiçado...

Em *La Roue* (1923), Gance emprega pela primeira vez a "montagem acelerada", com o intuito de transmitir a idéia abstrata da velocidade. Um maquinista enlouquece e abandona o trem, que, desembestado, corre em direção à catástrofe. Os planos decupados mostram sucessivamente o trem, as rodas em movimento e o rosto calmo de uma passageira que ignora seu destino. A cada momento, essas imagens são retomadas com planos cada vez mais curtos e movimentos cada vez mais rápidos, transmitindo ao público a sensação angustiante de acompanhar a marcha para o desastre...

Mas é com *Napoléon* (1925/28), que Gance introduz as técnicas narrativas mais revolucionárias que o cinema conheceu até então. Na sua versão original, o filme durava nove horas. Pouco sobrou desse monumento: a mais completa reconstituição, devida a Kevin Brownlow, tem pouco mais de cinco horas. Entre as mais ousadas experiências de Gance neste épico estão o uso de câmeras em trenós, movidas por controle remoto, e objetivas envolvidas em espuma, para serem socadas; câmeras movidas a cilindros de ar comprimido e postas em dorsos de cavalos; tela dividida em nove imagens; câmera acoplada a um pêndulo; máquinas para fazer jorrar milhares de litros de água numa simulação de tempestade; "polivisão" com projeção de cenas em três telas justapostas.

A indústria cinematográfica era pequena demais para a visão de Gance. Lançado em plena era sonora, o filme foi mutilado de todas as formas pelos distribuidores para viabilizar sua comercialização: conhecem-se mais de 19 "versões" diferentes.

Os filmes posteriores de Gance, como *Un Grand Amour de Beethoven* (1936), ficaram aquém do poder de sua imaginação, assim como nada acrescentou ao original a colagem de imagens e sons de *Napoléon Bonaparte* (1934). Mas Gance viveu até os 92 anos para ouvir de Paris, através de uma ligação telefônica, sua obra-prima restaurada ser aplaudida por seis mil pessoas em êxtase, numa projeção histórica, em 1980, no Radio City Music Hall de Nova York, num evento organizado por outro visionário do cinema — Francis Ford Coppola.

***Acima, Abel Gance, à camera, dirigindo* Napoleão. *Ao lado, Séverin-Mars em cena de* La Roue**

5 ANOS DE FJLUCAS

300 TÍTULOS

LANÇAMENTO COMEMORATIVO

Cristovão Colombo

GABRIEL BYRNE

MAX VON SIDOW

VIRNA LISI

FAYE DUNAWAY

OLIVER REED

UM FILME DE ALBERTO LATTUADA

SUSPENSE

A CASA DO TAPETE AMARELO

COM ERLAND JOSEPHSON

KUROSAWA, HERZOG, DAVID LEAN, FELLINI, IRMÃOS TAVIANI, BRUCE LEE, WINNETOU... A F J LUCAS VÍDEO NÃO TEM PRECONCEITOS NEM LIMITAÇÕES. UM DOS PIONEIROS NA DISTRIBUIÇÃO DE VIDEOHOME E COM 40 ANOS DE MERCADO CINEMATOGRÁFICO, COMPLETA AGORA SEU 5º ANIVERSÁRIO. QUEM GANHA É VOCÊ, QUE PODE LEVAR O MUNDO MÁGICO DO CINEMA PARA SUA CASA.

AV. SÃO JOÃO, 1588 2º SL SANTA CECÍLIA
SÃO PAULO SP CEP 01260 TEL. (011) 220 6299

CLASSIC SERIES

UM HOMEM E DOIS MUNDOS
COM PHYLLIS CALVERT

CARNE PARA ABUTRES
COM STEWART GRANGER

NACIONAL

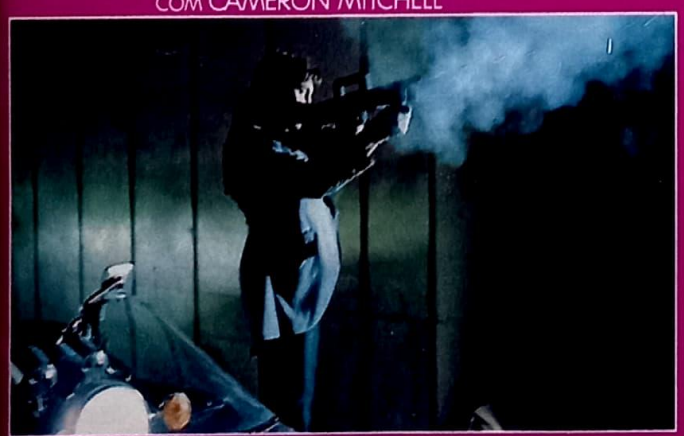
QUEM ROUBOU MEU SAMBA
COM ANKITO e MARIA VIDAL

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM O CINEMA

CYCLONE
COM HEATHER THOMAS

AÇÃO

O EXTERMINADOR DE MERCENÁRIOS
COM CAMERON MITCHELL



PELE NUA
COM DONALD PLEASENCE E RENÉE SIMENSON

DPZ

Monitor de TV não faz parte do System.

Produzido na Zona Franca de Manaus.

AQUI, CÃO QUE LATE NÃO MIA.

A Gradiente está com uma novidade que vai fazer todas as pessoas que gostam de vídeo abanar o rabinho. Ela está lançando Impact, o primeiro estéreo vídeo system do país. A união do som estéreo com a imagem perfeita vai dar emoção à sua TV até nos intervalos comerciais. Agora, quando o cachorro late no filme, seu vídeo não mia. Quando a mocinha ri, seu vídeo não choraminga. O Impact Stereo Video System é formado por um gravador videocassete e duas caixas acústicas amplificadas. Se você não vai tirar os ouvidos deste vídeo Gradiente, muito menos vai tirar os olhos dele. Sua imagem é tão perfeita quanto seu som.

Veja aqui mais algumas das inovações do Impact Stereo Video System.

▸ Grava e reproduz fitas em estéreo com sistema Dolby de redução de ruído.

▸ Stereo Decoder para a recepção de programas de TV transmitidos em estéreo, com sistema SAP (Second Audio Program) para audição, no idioma original, da trilha sonora de alguns filmes dublados. Transforma qualquer aparelho de TV normal em estéreo.

▸ Caixas acústicas SAS-30 Stereo Active Speaker System com amplificador estéreo incorporado de 90W PMPO (20W RMS) de potência.

▸ Sistema On-Screen Display, apresentando na tela de TV o acionamento das principais funções, inclusive o menu do timer para programação via controle remoto.

▸ Realce de imagem e controle de nitidez (Sharpness), timer para a programação de 6 eventos em 14 dias, tuner para sintonia de 110 canais VHF e UHF, 32 memórias programáveis e perfeita transcodificação NTSC/PAL M, garantindo cores mais reais.

▸ Controle remoto infravermelho unificado para as funções do videocassete e das caixas acústicas, como volume, graves, agudos, loudness, mute e reset.

Até que enfim um fabricante de vídeo também deu ouvidos para o áudio.

Esse fabricante só podia ser a Gradiente.

IMPACT, VIDEOCASSETE ESTÉREO COM CAIXAS AMPLIFICADAS.

gradiente

A melhor imagem do melhor som.

PROGRAMA

Na capa: Steve Martin, Michael Keaton, Yahoo Serious, Gene Wilder, Richard Pryor e Robin Williams

Fotos da capa: UIP, Warner e Columbia Tri-Star

Quem quiser rirá. Em novembro, os palhaços tomam as telas. Primeiro foi o Coringa Jack Nicholson surrupiando o filme de Batman. Agora, meia dúzia de simpáticos piadistas fazem uma hilária concorrência ao homem-morcego, roubando-lhe espectadores aqui e ali. Para os adeptos do programa de ir ao cinema, as alternativas são bastante divertidas. Os palhaços estão em cartaz por todo lado. Uns contam histórias impossíveis, invenções birutas, como o australiano Yahoo Serious em O Jovem Einstein. *Outros prometem aventuras desmioladas para a população, o que fazem Gene Wilder e Richard Pryor em* Cegos, Surdos e Loucos. *Já Steve Martin, com* O Tiro Não Saiu pela Culatra, *tem garantida a sua ascendência sobre o público com uma sólida popularidade construída ao longo de uma década. Todos conhecem o seu passado. Há, e sempre haverá, os que apelam para a violência (Jonh Belushi em* K-9 — Um Policial Bom pra Cachorro*), enquanto os de fala mansa têm na mira o coração mole da assistência (Robert Downey Jr. em* O Céu se Enganou*). A ironia é tamanha que até mesmo Michael Keaton, o tal que interpreta o Batman, o franco favorito das bilheterias, deu de ser a segunda opção a si mesmo. Ele está em* De Médico e Louco Todo Mundo Tem Um Pouco. *Nenhum deles se leva lá muito a sério. Nenhum pretende faturar fortunas do mercado brasileiro e muito menos pensa em alcançar o primeiro lugar na preferência do espectador. Mas, no conjunto, representam a maior avalanche cômica dos últimos tempos. Com uma vantagem específica: estas comédias honestas não posam de obras-primas e cumprem o que prometem — diversão variada, descomprometida e inconseqüente. Neste mês de novembro, o circo está assegurado. Pelo cinema.*

Columbia Tri-Star

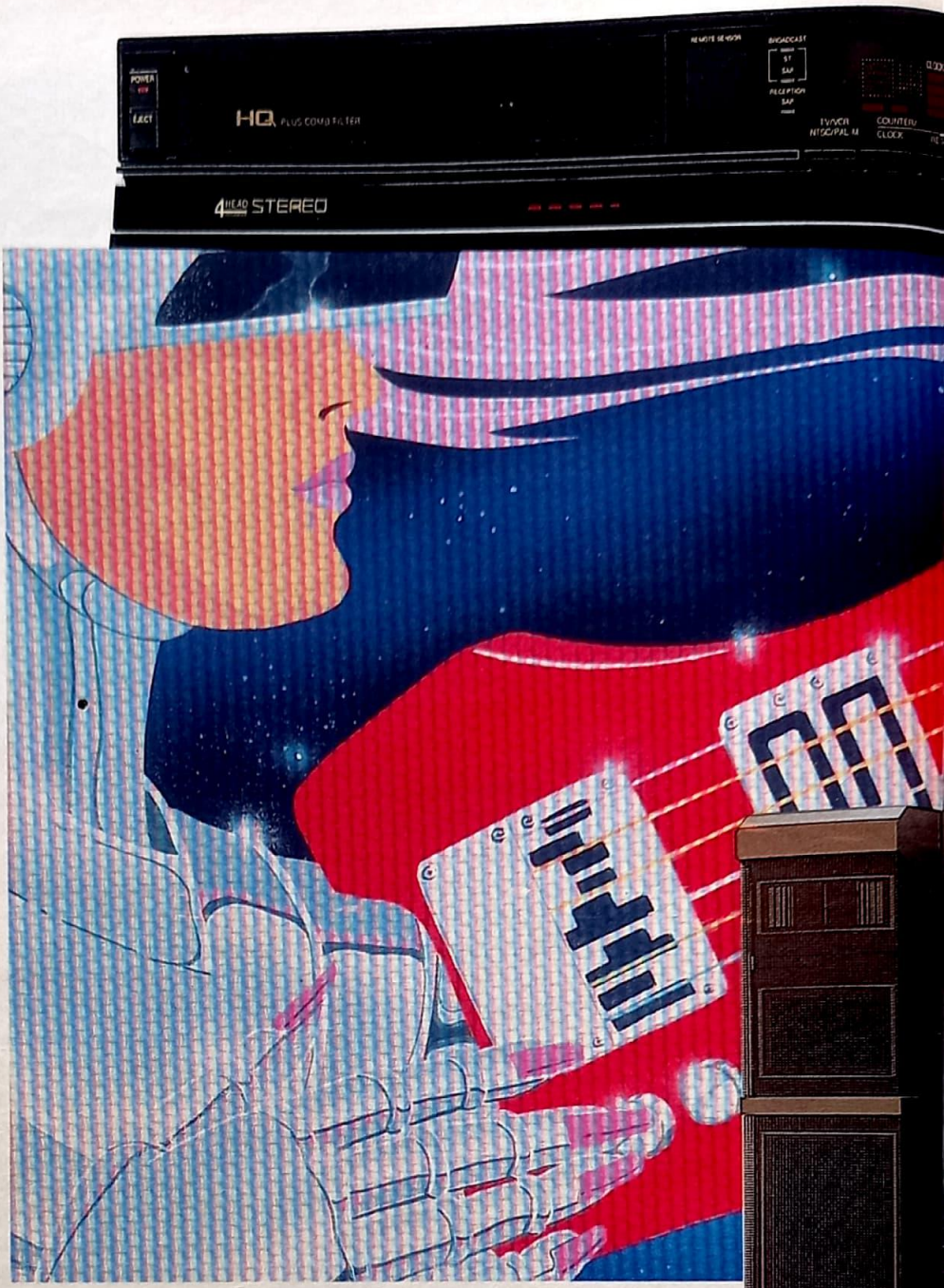
4 TAKES
12 HOLLYWOOD
13 TEMPOS MODERNOS
20 VÍDEO LANÇAMENTOS
A Felicidade Não Se Compra
22 OUTROS LANÇAMENTOS
34 AVANT-PREMIÈRE
Dead Poets Society
42 EM FILMAGEM
Flashback
44 MATÉRIA DE CAPA
O Tiro Não Saiu pela Culatra
48 ENTREVISTA
Steve Martin
52 COMÉDIAS
56 ENTREVISTA
Chevy Chase
60 EM CARTAZ/ENTREVISTA
A Fera do Rock
Winona Ryder
62 OUTROS FILMES EM CARTAZ
68 MITOS
Anita Ekberg
70 TRILHAS
71 FILMOTECA
72 CARTAS
73 FILMOGRAFIA
74 NOSTALGIA

Sharp é mais som na imagem.

Os produtos Sharp sempre mostraram a você uma imagem com mais brilho e melhor colorido. Mas, como você, ela está sempre buscando o novo, o melhor. Pensando nisso, que a melhor imagem merece o melhor som, a Sharp está lançando um TV e videocassete com som estéreo que, unidos pela tecnologia Sharp, formam o conjunto ideal para a melhor performance, com um colorido e um som perfeito, que darão muito mais realismo a todas as cenas. Agora que você já viu qual a melhor tecnologia, ouça.

SHARP

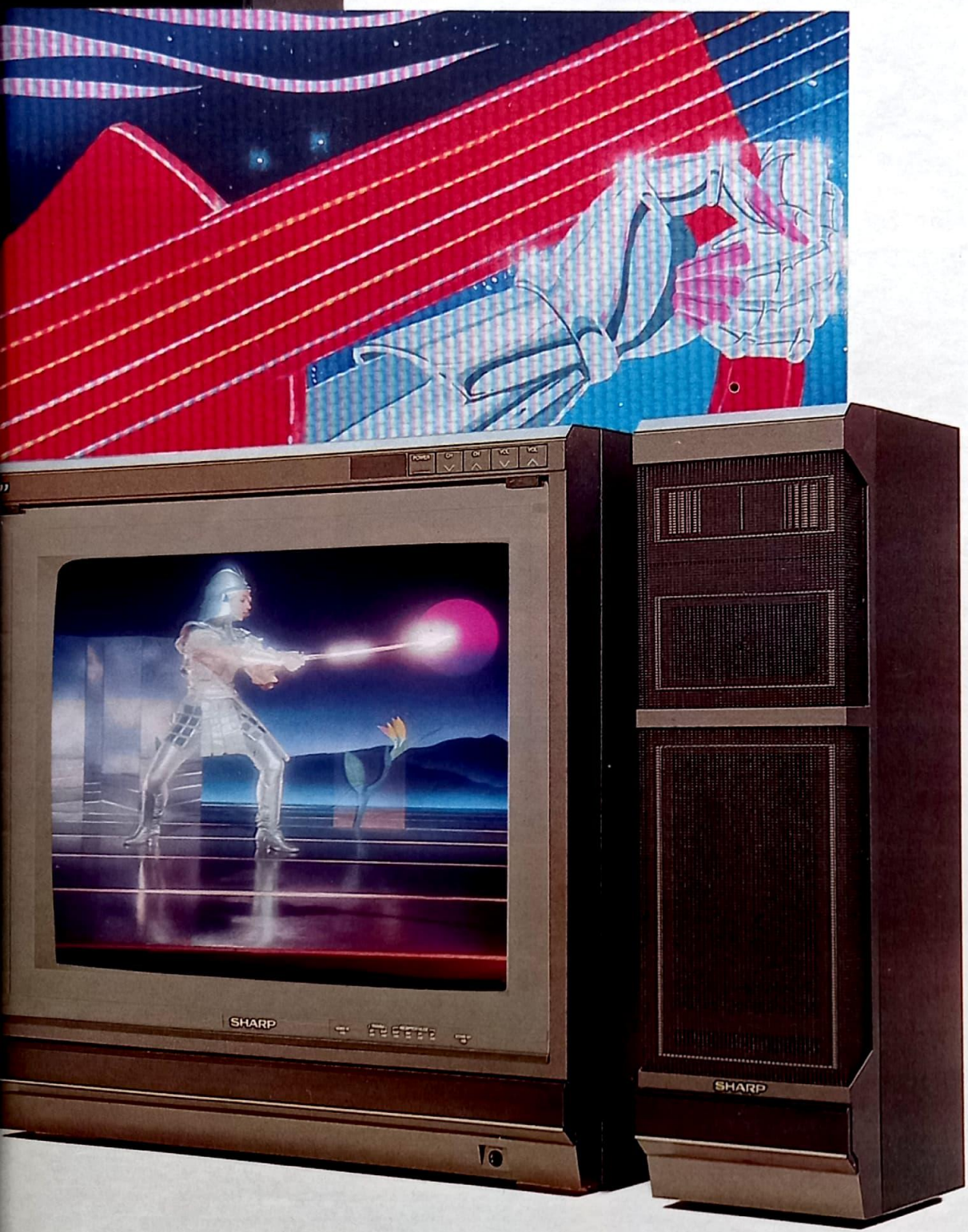
É só ligar



Este novo televisor inaugura a Linha Apex Stereo Motion, criada para você ter melhor qualidade de imagem. Graças ao Flat Square Linytron Tube, de 21 polegadas, com tela mais plana e cantos quadrados, proporciona maior amplitude de visão e realismo de imagem.

No som, você tem controles de áudio independentes, com potência real de saída de 80W PMPO, através de 2 caixas acústicas tipo Bass-Reflex em duas vias, que podem ser usadas juntas ou separadas do aparelho. Seu controle remoto é o mais completo que existe, com 41 funções e Célula Solar, que dispensa o uso de pilhas em seu funcionamento. Além do exclusivo On Screen Display, o mais completo sistema de visualização digital da função acionada, que aparece na própria tela do aparelho.

O novo videocassete VC-799B ipcorpora o sistema de som estéreo MTS que, somado às 4 cabeças de vídeo, resulta em imagens e som perfeitos. O controle remoto de 35 funções é programável e tem visor de cristal líquido. Além disso, dispõe de avançados recursos: Slow-Motion com velocidade variável, avanço quadro a quadro e funções automáticas como Auto Power On, Off, Play, Rewind, Eject, NTSC/PAL-M e outros.



Os novos TVs e vídeos Sharp são dotados do sistema MTS, que permite uma melhor reprodução do som estéreo e a simulação do estéreo, no caso de transmissão ou utilização de equipamentos externos mono. Junto com ele, o SAP (Second Audio Program), que permite ouvir o canal principal de áudio em estéreo ou dois canais em mono quando ocorrem, por exemplo, transmissões em dois idiomas, como em entrevistas ou no Oscar.

UM SONHO DE ARQU

A Felicidade Não Se Compra *é o filme predileto de Frank Capra e traduz, como nenhum outro, os princípios otimistas de um dos maiores cineastas americanos*

A química dos filmes de Frank Capra é quase sempre a mesma. Neles, homens comuns se transformam em heróis na luta contra monstros da corrupção e da avareza. Os elementos de fundo são outros homens comuns padecendo os males da opressão que alternam momentos de hostilidade e solidariedade atrás das investidas do herói. Este suposto esquematismo do cineasta, acrescido de descargas elétricas de sentimentalismo, provocou verdadeiras chuvas ácidas da crítica ao longo dos anos.

O que era ácido, no entanto, dissolveu-se no ar. A química de Capra — apelidada de *capracorn* — não funciona só como gás lacrimogênec há tantas gerações. Suas histórias de apelo humanista preservam virtudes que só o cinema, arte das massas, foi capaz de legar com tanto desembaraço: elas divertem com uma ingenuidade há muito perdida. E, por maiores que sejam os risos e as lágrimas desgarrados à revelia diante de seus enredos, é certo que Capra sempre foi um mago no domínio do espetáculo. Um humanista que, aparentemente, fez apenas o que quis no cinema, a despeito da crítica, que caçoava de seu populismo; um legítimo *auteur*, antes mesmo do batismo dos franceses, cujo nome encimava o título dos filmes, junto ao dos grandes astros.

A Felicidade Não Se Compra (*It's a Wonderful Life*, 1946) é o predileto do diretor de 92 anos. Marca a volta de Capra ao cinema, depois de uma temporada como documentarista na Segunda Guerra Mundial, da qual saiu com a patente de coronel. Nele estão contidos os principais elementos da alquimia capriana.

George Bailey (James Stewart) está à beira do suicídio na véspera de Natal. Uma rápida reunião celeste (na forma de pontos luminosos) designa um anjo da guarda — Clarence (Henry Travers), um anjo torto, que ainda não ganhou suas asas — para resgatar o suicida. Faz-se um flashback instrutivo da vida de Bailey.

Quando pequeno, salvou o irmão do afogamento em águas geladas, o que lhe valeu uma surdez no ouvido esquerdo. Já crescido, abriu mão da carreira de arquiteto para levar adiante uma empresa imobiliária benfeitora da população local, dirigida pelo pai. Tal empresa é uma pedra no sapato do tubarão Potter (Lionel Barrymore), dono de tudo na cidade. Passam-se os anos, e Potter consegue afinal (depois de inúmeras tentativas) dobrar o arquiteto. Provoca um rombo no dinheiro da instituição dirigida por Bailey e o leva ao desespero terminal.

Como o par de asas do anjo depende do salvamento do suicida, Clarence apela para um estratagema engenhoso: mostra a Bailey como seria a vida da cidade se ele não tivesse existido. O panorama é desolador. O mundo que Bailey avista sem a sua pessoa sucumbiu aos tentáculos monopolistas do avarento. No final do conto de fadas, como de hábito nos filmes de Capra, muito machão empedernido chora.

Curiosamente, *A Felicidade Não Se Compra* acaba se revelando uma espécie de paradigma da ótica do cineasta. Depois desse filme, um fruto extemporâneo diante de um mundo transformado pela destruição, Capra não conseguiu mais repetir os sucessos anteriores

HOMO CAPRIANO — Oriunda da Sicília, a família Capra aportou sem um níquel nos Estados Unidos em 1903. Frank fazia parte de uma ninhada de irmãos, dos quais 13 morreram ao nascer. A primeira visão da Estátua da Liberdade, somada à oportunidade de concluir um curso de engenharia, talvez tenha provocado o piripaque no imaginário do diretor, que o levou a plasmar a crença nos valores morais da socidade americana. Capra consagra a fé inabalável no homem que combate por valores pessoais, ao mesmo tempo comuns, e o otimismo ingênuo, que lhe abriu os flancos à crítica mais azeda. Não por acaso tais vértices edificantes se casaram tão bem com o New Deal, a política redentora do presidente Roosevelt para os anos pós-Depressão.

Os primeiros tempos de Capra no cinema correram por conta de sua veia cômica. Ele escrevia e dirigia filmes para Harry Langdon, o "cara de lua". Em 1928, entra para a Columbia, tirando o estúdio da barafunda, com filmes de sucesso realizados até 1939. *Aconteceu Naquela Noite* (*It Happened One Night*, 1934), para o qual a crítica nova-iorquina torceria o nariz, foi o primeiro desses estouros. O filme lançou Clark Gable, elevou a camiseta ao status de roupa de cima (depois que Gable a utilizou às claras numa cena), consolidou a carreira de Claudette Colbert (então restrita ao teatro) e abiscoitou um punhado de Oscar.

Na pele do *homo capriano* — este

CORES FALSAS: O PRETO NO BRANCO

Um dos últimos truques notáveis da evolução tecnológia do vídeo, a colorização costuma irritar os artistas e os críticos mais autorais como se fosse uma forma de atentado antiético sobre o trabalho estético. Para estes, trata-se de um crime inadmissível, comparável ao de um terrorista que invadisse as dependências do museu do Prado em Madri e pintasse de cor-de-rosa e azul-celeste a magnífica *Guernica*, em que Pablo Picasso usou somente tons de cinza. Segundo as alegações dos que são contra, um filme é sempre uma obra de arte e, como tal, intocável a partir do momento em que seu diretor o tenha dado por terminado.

De outro lado, festejam os deslumbrados. Comemoram o advento da nova técnica como quem saúda uma nova era e fazem coro com os comerciantes, que começam a tirar lucro fácil de filmes velhos que estavam encostados. Freqüentadores de videolocadoras, em geral, não gostam de alugar fitas que não sejam coloridas. Pois agora é simples: ponha-se a cor num clássico em preto-e-branco, e ele terá vida nova no mercado. Entre os entusiastas, os paternalistas entram com seu regozijo. Para eles, a colorização fará com que os grandes filmes de antigamente sejam mais acessíveis ao público simplório, e apostam na colorização como um instrumento da formação cultural.

Para nós, da revista SET, nenhuma das duas posições está correta. Estão assentadas em bases falsas. É patético ser contra a colorização. É inútil ser a favor. O cinema industrial, que deu às telas os grandes clássicos americanos, jamais foi um cinema de artistas/autores, embora haja autores formidáveis, co-

ITETO

cidadão de dimensões tragicômicas incorrigivelmente otimista —, James Stewart viveu seus melhores papéis. Em 1987, quando se resolveu colorizar *A Felicidade...* (*ver box*), Stewart comandou um movimento contra. Um gesto na tradição dos heróis de Capra, que, no entanto, não conseguiu impedir a tinta *mal* despejada sobre o filme. Sinal dos tempos. Com uma despedida melancólica (a refilmagem, em 1961, de *Dama por um Dia*, com Bette Davis e Glenn Ford) e uma dor misteriosa martelando a cabeça nos anos subseqüentes, Capra silenciou. Um mundo incrédulo dirigido pela televisão venceu a parada, mas seu otimismo em celulóide — de *O Galante Mr. Deeds* (*Mr. Deeds Goes to Town*) a *Do Mundo Nada Se Leva* (*You Can't Take It with You*) e *A Felicidade Não Se Compra* — vive.

Carlos Volpato

A FELICIDADE NÃO SE COMPRA ★★★★★
(It's a Wonderful Life, EUA, 1946)
Direção: Frank Capra. Com James Stewart, Donna Reed, Lionel Barrymore, Thomas Mitchell, Ward Bond, Henry Travers. Century.

Fotos: Century Vídeo e Carlos Mancini/Azul

Acima, um enlace familiar com James Stewart, Donna Reed e filhos; ao lado, o pálido resultado da colorização

mo Frank Capra, Hitchcock e Welles, que tenham feito cinema autoral nos Estados Unidos. A linha de montagem da indústria, no entanto, supera com sua lógica o capricho dos diretores — na esmagadora maioria das vezes, meros empregados dos estúdios. É assim que os atentados antiéticos contra o produto estético já começam dentro do estúdio; o desrespeito à autoridade do artista sobre a sua obra já tem lugar no set de filmagem. Os produtores mudam o final dos filmes, trocam os roteiristas e demitem diretores conforme o que supõem ser a expectativa do público. Nessa perspectiva, um filme só existe à luz do consumo. É antes um produto alimentando meios de comunicação do show business que uma obra a figurar nas galerias de belas-artes. Por isso está, por natureza, sujeito a ataques de toda sorte. Os filmes são descaracterizados quando dublados sem nenhum controle de seu diretor, ou quando são exibidos na TV com interrupções publicitárias estapafúrdias. É neste quadro que se insere o recurso da colorização, infelizmente. É mais violento transpor um filme da tela de uma TV de 14 polegadas do que colorizar, depois de passado para a TV, esse mesmo filme. O desrespeito ao autor de cinema existe — mas não foi inaugurado pela colorização.

Os direitos dos filmes são de propriedade dos estúdios, que são empresas, e não de seus diretores. Ou se propõe uma revisão radical do regime de apropriação dos direitos dos filmes ou a oposição à colorização será apenas decorativa. E doentiamente reacionária. Com a colorização, novas fronteiras se abrem para a linguagem visual, e não há por que ser contra aquilo que significa um avanço técnico. Resta saber como é que ele pode representar também um avanço estético. Se bem-feita, a colorização poderia ser vista como uma espécie de tradução, como recriação de uma obra, e, creditada ao responsável por sua execução, deveria ser reconhecida como uma das técnicas criativas de cinema e vídeo. O que é condenável é passar o simulacro reluzente pelo original pálido, como se o cineasta que rodou um clássico só tivesse usado o preto-e-branco por não ter acesso técnico ao uso das cores. Quem filma em preto-e-branco, ainda que a contragosto, pensa em preto-e-branco. Se é verdade que o filme é uma realidade em si mesma, também é verdade que o filme colorizado constitui uma outra realidade — e não o aperfeiçoamento daquela antiga. É uma outra realidade, que, ao transpor os tons cinza para cores berrantes, talvez consiga ampliar a quantidade das platéias, mas limita essencialmente os múltiplos alcances da imaginação do espectador e reduz o domínio do discurso *chiaroscuro* que o preto-e-branco permite.

Vivemos tempos de extrema pobreza cultural. Pode-se dizer mesmo que, ao longo da década de 80, o cinema se tornou mais pujante como negócio e mais medíocre como arte. As apropriações obtusas, as citações, as colagens, os pastiches, as paródias, os *revivals* — o simulacro nunca esteve tão em voga. E tudo o que não é autêntico precisa de brilho artificial e maquiagem. A colorização é um fenômeno cultural desta década. Talvez tenha sido impossível que tivesse um uso um pouco mais inteligente.

Eugênio Bucci

VÍDEO LANÇAMENTOS

DRAMA

A PRINCESA E O PLEBEU ★★

(Roman Holiday, EUA, 1987)
Direção: Noel Nosseck. Com Tom Conti, Catherine Oxenberg, Ed Begley Jr. CIC.

A princesa Allsa parece não estar imbuída do verdadeiro espírito de realeza. Cansada dos compromissos diplomáticos aos quais é submetida, ela se rebela e foge à procura de uma vida "normal". Em seu caminho surge Joe Bradley (Tom Conti, *Furyo — Em Nome da Honra*), um jornalista cujo princípio é baseado no oportunismo. Sabendo quem ela é, sem que ela saiba nada a seu respeito, Joe vai introduzi-la nos prazeres da vida comum, certo de que isso lhe trará uma história exclusiva. Se este remake do clássico de William Wyler não traz nada de novo, também não decepciona. *L.R.*

A TEIA ★

(Daz Netz, Alemanha/Itália, 1976)
Direção: Manfred Purzer. Com Mel Ferrer, Klaus Kinski, Heinz Bennent, Elke Sommer. Zircon.

O tema, extraído de um romance de Hans Habe, não é desprovido de interesse: em Roma, um escritor italiano pouquíssimo conhecido e de aparência respeitável (Ferrer) compensa sua impotência sexual matando as garotas que o seduzem ou se deixam seduzir por ele. A polícia ignora a autoria dos crimes, mas o repórter de uma revista sensacionalista (Kinski) desconfia do escritor e propõe-lhe um trato: escrever suas memórias (incluindo os assassinatos) para publicação em capítulos na revista, em troca de uma passagem para qualquer parte do mundo, além de um bom pagamento. Lamentavelmente, o diretor Purzer fez dessa boa idéia uma grande, pretensiosa e enteciante mixórdia. Seu filme é frouxo como policial, raso como drama existencial e medíocre como cinema. Klaus Kinski, cheio de tiques e fumando feito uma chaminé, mostra que pode ser insuportável quando mal dirigido. *J.G.C.*

DESOBEDIÊNCIA ★★

(La Disubbidienza, Itália, 1971)
Direção: Aldo Lado. Com Stefania Sandrelli, Carl Diemunch, Mario Adorf, Therese Ann Savoy. F.J. Lucas.

Para o adolescente anárquico Lucca, a família é um centro gerador de conflitos. O pai, um burguês típico, enriqueceu à sombra do fascismo e tem na hipocrisia a sua maior aliada. A mãe vive para festas e reuniões sociais, enquanto acalenta o sonho de tornar-se uma grande cantora. A Lucca só resta a desobediência e o inconformismo como forma de subverter os valores. Aliando-se aos adversários do fascismo, deposita nessa luta o desejo consciente de uma mudança radical nas estruturas psicossociais. Pura ilusão. Finda a guerra, Lucca percebe, desalentado, que nada mudou — até os ex-companheiros, encantados com a força emergente do capitalismo americano, debandaram para o outro lado. Expulso da escola, Lucca dá novamente vazão à sua profunda angústia existencial, mas apenas para isolar-se cada vez mais até cair doente. É salvo pelo relacionamento sexual que mantém inicialmente com uma prima. Esta, ao morrer, desencadeia um novo conflito, sanado pela misteriosa enfermeira Ângela (Stefania Sandrelli). Lucca é envolvido então num jogo de sedução e erotismo que lhe serve de válvula de escape e redenção.

Baseado no romance homônimo de Alberto Moravia, o filme compõe um interessante painel das contradições morais e existenciais da burguesia italiana no imediato pós-guerra, mas o resultado — ainda que marcado por momentos de encantamento e delicado erotismo — é irregular. Incapaz de transpor para a tela as nuanças psicológicas do complexo universo do romancista italiano, o realizador Aldo Lado por pouco não descamba para o melodrama vulgar a partir do momento em que o relacionamento entre Lucca e Ângela assume o primeiro plano. Dessa forma, o diretor acaba comprometendo o final de um filme que tem como destaque a bela música-tema composta pelo mestre Ênio Morricone. *P.C.*

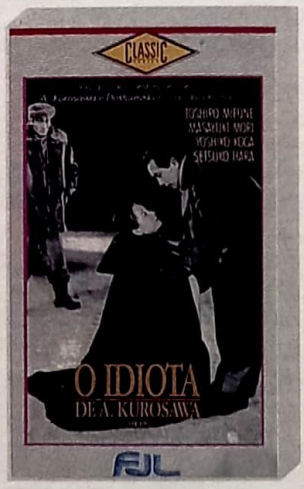
BARFLY — CONDENADOS PELO VÍCIO ★★

(Barfly, EUA, 1987)
Direção: Barbet Schroeder. Com Mickey Rourke, Faye Dunaway, Alice Krige. America.

Barfly — o título original — quer dizer pessoa que freqüenta bares, ou, numa tradução literal, mosca de bar. Uma designação perfeita para Henry Chinaski (Mickey Rourke), bêbado e vagabundo convicto, que, além de viver se arrebentando em brigas pelos becos de Los Angeles, ainda escreve entre um porre e outro. Enquanto cita Tolstoi e filosofa ao som de Mozart, deixa rolar um romance com Wanda (Faye Dunaway), uma bêbada solitária e depressiva, e tem um caso com uma admiradora rica, dona de uma revista literária. Uma mistura de drama e humor negro, com roteiro assinado por Charles Bukowski, autor, entre outros livros, de *Crônica de um Amor Louco*, também levado ao cinema. Mickey Rourke engordou vários quilos para viver o desajustado Chinaski e surpreende pela atuação. Faye Dunaway também passou por um processo de "enfeiamento", mas não chega a perder a classe. *D.A.F.*

O IDIOTA ★★

(Hakuchi, Japão, 1951)
Direção: Akira Kurosawa. Com Setsuko Hara, Masayuki Mori, Toshiro Mifune. F.J. Lucas.



O jovem Kameda (que sofre de idiotismo causado pela epilepsia) viaja de trem para encontrar seu parente Ono. No trem, Kameda (Masayuki Mori) fica amigo de Akama (Toshiro Mifune), que foi deserdado por envolver-se com a perigosa e bela Taeko Nasu (Setsuko Hara). Kameda foi tido como morto na guerra, e Ono tomou posse fraudulentamente de sua fazenda. O jovem idiota fica fascinado por Taeko, uma dama de "má reputação". Baseado no romance de Fédor

COTAÇÕES SET:
★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ EXCELENTE
★★★★★ OBRA-PRIMA

M. Dostoievski, aborda em imagens magistrais as relações de um homem, puro com um mundo vil. A história tem também uma versão soviética de 1957 (dirigida por I. Pyriev), inferior à de Kurosawa. *A.Q.N.*

MORAL EM CONCORDATA★★★

(Brasil, 1959)
Direção: Fernando de Barros. Com Odete Lara, Maria Della Costa, Jardel Filho, Felipe Carone. F.J. Lucas.

O começo até lembra *Cidade Nua*, de Jules Dassin: imagens de São Paulo à noite e um narrador (em off) falando sobre a dureza da vida moderna e a corrupção generalizada. Depois, ao centrar o foco numa família trabalhadora do bairro de Água Rasa, o tom se aproxima do drama social neo-realista, até que o filme encontra sua verdadeira vocação de folhetim moralista. O roteiro, extraído de peça teatral de Abílio Pereira de Almeida (também produtor do filme), é esquemático: Estrela (Odete Lara) é a pobre mãe de família que cozinha e costura para fora, pois o ordenado de comerciário do marido, Raul (Jardel Filho), não dá para nada. Junto com o casal mora a irmã de Estrela, Rosário (Maria Della Costa), que se dá bem como dançarina de cabaré e garota de programa. Raul bebe, bate na mulher, tem casos com outras e sonha com a ascensão social. A virtude de Estrela sofre duras provas. Resistirá? Embora irregular, datado e tributário de certo provincianismo, este filme do veterano Fernando de Barros, filmado nos estúdios Vera Cruz, tem seus trunfos: imagens nostálgicas de uma São Paulo ainda não totalmente deteriorada e, principalmente, a energia, o talento e a beleza dos jovens Jardel Filho, Odete Lara e Maria Della Costa. *J.G.C.*

OLHOS VENDADOS ★★

(Los Ojos Vendados, Espanha, 1978)
Direção: Carlos Saura. Com Geraldine Chaplin, José Luis Gómez, Xabier Elorriaga. Look.

No início do filme, uma mulher narra, diante de um tribunal de direitos humanos, as torturas de que foi vítima ao cair nas garras dos aparelhos de repressão. O dramático depoimento é presenciado por um professor de teatro (José Luis Gómez), que ensaia uma peça sobre a tortura. Emília (Geraldine Chaplin) é a atriz escolhida para viver no palco o drama dos condenados à tortura. Espancada pelo marido, também ela é uma vítima da violência que aflora em todos os níveis da sociedade, e que não é menos virulenta apenas por não estar institucionalizada. O realizador espanhol Carlos Saura (*Ana e os Lobos, Cria Cuervos*) desenvolve este conflito básico em dois níveis: o da arte e o da realidade. Por vezes, eles se fundem e interpenetram de modo tão propositadamente natural dentro do espetáculo que, para o espectador, é quase impossível saber quando a arte serve de contraponto à realidade ou vice-versa. Nesse jogo de ilusões que não exclui o hermetismo, os personagens de Saura, tornados frágeis e inseguros por força de uma ameaça maior, revelam-se impotentes até para o amor e só se sentem plenamente integrados à realidade quando partem de uma representação. No entanto, é precisamente esse hermetismo e essa ambigüidade que amenizam o tom de denúncia e de crítica sócio-política. Obra menor em sua brilhante filmografia, Saura parece não ter encontrado aqui a forma ideal para expressar as contradições existenciais da burguesia em tempos de crise. *P.C.*

PERIGO EM PARAÍSO★

(Danger in Paradise, EUA, 1977) Direção: Marvin J. Chomsky. Com Cliff Potts, John Dehner, Ina Balin. *Globo Vídeo.* Num rancho paradisíaco no Havaí, a disputa por incalculável fortuna.

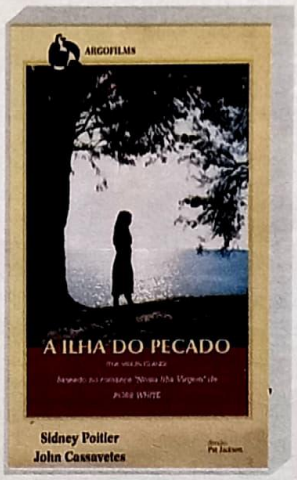
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES ★

(Wuthering Heights, Inglaterra, 1970) Direção: Robert Fuest. Com Timothy Dalton, Anna Calder-Marshall. *Globo Vídeo.* O enlouquecido amor de Cathy e Heatcliff, baseado no clássico homônimo de Emily Brontë. Não confundir com o clássico de 1939, com Laurence Olivier.

ROMANCE

A ILHA DO PECADO ★

(The Virgin Island, Inglaterra, 1959)
Direção: Pat Jackson. Com John Cassavetes, Virginia Maskell, Sidney Poitier. Argovídeo.



Em viagem de férias num arquipélago do Caribe, uma jovem se envolve com um escritor galante e aventureiro, que passa seu tempo escavando objetos pré-colombianos. Apaixonados, eles resolvem comprar uma pequena ilha deserta afastada do centro do arquipélago e lá iniciam uma civilização particular. O diretor Pat Jackson tenta sem sucesso tirar proveito do filão de filmes de praia (sempre engraçadinhos mas ordinários) que fizeram a fama de Annette Funicello e Frankie Avalon há décadas. Aqui, o par romântico é vivido por John Cassavetes e Virginia Maskell: ele está mais para escoteiro do que para intelectual (como prevê o roteiro), e ela, inadequada no papel de mocinha ingênua, que exigiria uma atriz mais jovem e menos chorona. O único personagem consistente é o pescador (Poitier), um malandro bonzinho, que ajuda o casal a construir os meios de sobrevivência na ilha. O filme se arrasta em meio às pequenas dificuldades que os protagonistas enfrentam no ambiente selvagem. Só vale a pena para quem tiver curiosidade de ver o trabalho de Cassavetes e Poitier no início de suas carreiras. *M.N.*

OS JOVENS ANOS DE UMA RAINHA ★★

(Mädchenjahre eine Königin, Áustria, 1954)
Direção: Ernst Marischka. Com Romy Schneider, Adrian Hoven, Magda Schneider. F.J. Lucas.

O diretor Marischka é especialista em filmes românticos, com toques de humor e fantasia. Sua trilogia sobre a imperatriz Sissi arrebatou as adolescentes das décadas de 50 e 60. Nesta fita, anterior à trilogia, ele já exercitava esse seu estilo. A jovem rainha inglesa Vitória (Romy Schneider, ensaiando para ser Sissi), teimosa e irreverente, rebela-se contra a imposição da corte em escolher seu futuro marido. Partindo incógnita para Paris, ela se refugia numa estalagem, onde encontra um jovem nobre alemão por quem se apaixona, sem saber que ele é um dos pretendentes à sua mão. Baseado num episódio real da vida da rainha, eis aí um filme para românticos incuráveis, que têm saudade da época em que o amor vencia não só nas telas. *M.B.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

UM CASAL MAIS-QUE-PERFEITO ★★

(Nobody's Fool, EUA, 1986)
Direção: Evelyn Purcell. Com Rosanna Arquette, Eric Roberts, Mare Winningham, Jim Youngs, Louise Fletcher. Herbert Richers.

Filme de estréia da australiana Evelyn Purcell, ex-mulher do diretor Jonatham Demme (*Totalmente Selvagem*), de quem foi também produtora e assistente de direção. Cassie (Rosanna Arquette) é a ovelhinha negra de uma cidadezinha do interior dos EUA que mora com a mãe (Louise Fletcher, a oscarizada psiquiatra de *Um Estranho no Ninho*). Além da figura da mãe ausente, há o irmão guloso mais do que gordo. E para aumentar seu complexo de rejeição, ela é vista com maus olhos por toda a província. Cassie tem um passado, e o principal causador de sua fama é o ex-namorado Billy (Youngs). Quem lhe dá alguma força é sua única amiga, Pat (Winningham), e juntas trabalham num bar da cidade. A amizade é um antídoto quase eficiente contra o tédio. As coisas mudam quando ela conhece Riley (Roberts), um iluminador de uma companhia teatral. A paixão é óbvia, e ambos com suas fraquezas se completam. Apesar do talento da graciosa Rosanna Arquette e de a roteirista Beth Henley ter em seu currículo o sensível *Crimes de Paixão*, *Uma Casal Mais-que-Perfeito* é um romance morno e sem novidades. *W.A.S.*

COCKTAIL ★★

(EUA, 1988)
Direção: Roger Donaldson. Com Tom Cruise, Bryan Brown, Elisabeth Shue, Lisa Banes. Abril Vídeo.
Tom Cruise é Brian Flanagan, um rapaz bem-apessoado decidido a vencer na cidade grande, mais precisamente em Wall Street, mas que acaba atrás dos balcões de bar de Manhattan. Seu mestre, Doug Coughlin (Bryan Brown), ensina-lhe todas as artes — e a filosofia — de um verdadeiro *barman*, e o bailado dos drinques coloridos é o que segura a primeira parte do filme. É a partir da ida de Flanagan à Jamaica que o roteiro e mesmo o argumento se perdem, apelando para cenas melosas, traições e desencontros para enrolar a história até o último gole. *D.P.*

A VENEZIANA ★

(La Veneziana, Itália, 1988) Direção: Mário Bolognini. Com Laura Antonelli, Jason Connery, Mônica Guerritore. *F.J. Lucas.* Baseado em obra teatral do século XVI. Duas mulheres não poupam esforços para seduzir belo homem.

ENCONTRO NO TEXAS ★

(Waltz Across Texas, EUA, 1982) Direção: Ernest Day. Com Anne Archer, Terry Jastrow, Noah Bery, Richard Farnsworth. *VIC.* Uma geóloga se dirige ao Texas para trabalhar numa companhia petrolífera. Lá, depara com o machismo e com a paixão texanos.

THE GOODBYE PEOPLE ★

(The Goodbye People, EUA, 1984) Direção: Herb Gardner. Com Judd Hirsch, Martin Balsam, Pamela Reed. *Mundial.* Septuagenário pede ajuda à filha e a um amigo para reabrir um negócio.

QUANDO O AMOR É MAIS FORTE ★

(Rebel, EUA, 1985) Direção: Michael Jenkins. Com Matt Dillon, Debbie Byrne. *Alvorada.* Desertor da Segunda Guerra se apaixona por cantora de cabaré que o protege.

DOCUMENTÁRIO

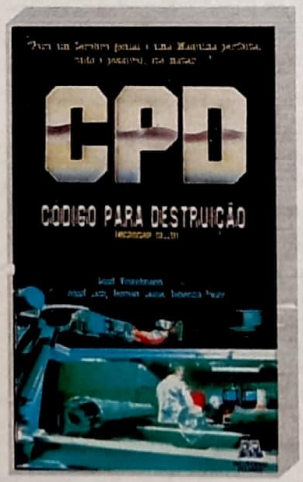
WOODSTOCK ★★★

(Woodstock, EUA, 1970) Direção: Michael Wadleigh e Martin Scorsese. *Warner Home Video.* A história do mais famoso festival de rock de todos os tempos. Depoimentos e antológicos shows musicais de Joe Cocker, The Who, Joan Baez, Crosby, Stills and Nash, Santana, entre outros.

AVENTURA

CPD — CÓDIGO PARA DESTRUIÇÃO ★

(Microchip Killer, Alemanha, 1986)
Direção: Adolf Winkelmann. Com Rebecca Pauly, Ingolf Luck, Herman Lause. Mundial.



Um gênio da informática, conseguindo controlar uma rede de computadores, passa a cometer crimes enquanto é implacavelmente caçado por seu sócio e uma professora recém-chegada à Alemanha. A idéia é boa, mas muito malconduzida (tratada como comédia quando deveria ser suspense) e um tanto confusa. Na verdade, a impressão que se tem é de que a trama serve unicamente de suporte para as trapalhadas da dupla central, que, tudo indica, deve ser muito popular na Alemanha. A propósito, os atores parecem divertir-se muito mais do que o espectador. *P.C.*

007 — O HOMEM DA PISTOLA DE OURO ★★

(The Man With the Golden Gun, Inglaterra, 1974)
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore, Christopher Lee, Britt Ekland, Maud Adams. Warner
Este é o nono filme da série e o segundo de Roger Moore no papel do agente secreto. Além de o vilão Scaramanga (Christopher Lee) ter três mamilos, ele é um ex-agente da KGB que mesmo aposentado se dedica ao crime como *hobby*. Vive numa ilhota equipada com tecnologia de ponta e com um anãozinho a tiracolo — um rascunho de *A Ilha da Fantasia*.
Scaramanga, que usa uma pistola de ouro para eliminar seus adversários com balas douradas e personalizadas, roubou uma importante engenhoca que utiliza energia solar para propulsão. Seus intentos são bélicos e sinistros. Por caminhos tortuosos na Índia, Hong Kong e China, 007 segue as pistas que o levam à ilha de Scaramanga.
James é constantemente interpelado pela *bond-girl* mais néscia de toda a dinastia Bond, Mary Goodnight (Britt Ekland). Seu papel é dificultar a missão do agente secreto, acrescentando percalços desnecessários, já que o roteiro é parco em emoções e não cria tensão suficiente no miolo da ação para conduzir ao confronto final entre Bond e Scaramanga. O fôlego do espectador é poupado.
Depois deste filme, Moore voltaria em *O Espião que Me Amava*, considerado seu melhor filme como 007. *W.S.*

O SUPER-HOMEM DO KARATÊ ★★

(Stoner, Hong Kong, 1980)
Direção: Huang Feng. Com George Lazenby, Angela Mao. Zircon.
Para quem gosta de lutas marciais

com pitadas eróticas, *Stoner* pode transformar-se num excitante programa de fim de semana. Stoner, fera no karatê, é agente especial da polícia americana. Sua missão: acabar com o tráfico de uma nova droga com propriedades afrodisíacas — a "pílula feliz". O superagente acaba desembarcando na violenta cidade de Hong Kong, onde se encontra o Q.G. de Mr. Sinn, um chinês poderoso que controla todo o mercado de narcóticos da região. Com a ajuda da misteriosa Li Shou (Angela Mao, ex-parceira de Bruce Lee), Stoner sua e grita para enfrentar um exército infindável mas não invencível de ninjas. *B.F.*

ERIK ★
(Erik, EUA, 1982) Direção: Michael Kennedy. Com Stephen McHattie, Deborah von Valkengburg. *Vic Video.* Jovem muda destino de ex-agente da CIA que trabalha para ditador latino-americano traficante de drogas.

MEGAFORCE — O ESQUADRÃO DO TERROR ★
(Megaforce, EUA, 1982) Direção: Hal Needham. Com Barry Bostwick, Michael Beck, Persis Khambatta. *F.J. Lucas.* Esquadrão especial é criado para garantir a paz na Terra.

MEU REINO, MINHA VIDA ★
(Campbell's Kingdom, Inglaterra, 1957) Direção: Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Stanley Baker, Michael Craig. *F.J. Lucas.* Jovem proprietário de terras enfrenta poderoso empresário que tenta expulsá-lo do local.

NA MIRA DA LEI ★
(On the Run, EUA, 1975) Direção: Jack Conrad. Com Jack Conrad, Rita George, Dub Taylor. *Vídeo Arte.* Vida miserável obriga jovem casal a retomar carreira criminosa.

OS OLHOS DO DRAGÃO ★
(Eye of the Dragon, EUA, 1987) Direção: Lee Faing. Com Cindy Rothrock, Troy Donahue. *Alvorada.* Grupo de mestres em artes marciais disputa preciosos leões de ouro da China.

O TESOURO DA DEUSA LUA ★
(Treasure of the Moon Godess, EUA 1987) Direção: Joseph Louis Agraz. Com Don Calfa, Asher Brauner, Linnea Quigley. *Look.* Uma cantora parecida com um ídolo chamado Deusa Lua é perseguida por assaltantes que querem usá-la para roubar tesouros.

RED SCORPION ★
(Red Scorpion, EUA, 1988) Direção: Joseph Zito. Com Dolph Lundgren, M. Emmet Walsh. *Alvorada.* Agente soviético é enviado para assassinar líder rebelde africano, mas não cumpre a ordem.

TRILHA PARA O INFERNO ★
(Bridge to Nowhere, EUA, 1986) Direção: Ian Mune. Com Bruno Lawrence, Alison Routledge, Margaret Umbers. *Mundial.* Fim de semana de cinco jovens malogra ao penetrarem, sem querer, no território de um perseguidor implacável.

UM ADORÁVEL VAGABUNDO ★
(Emanon, EUA, 1986) Direção: Stuart Paul. Com Stuart Paul, Cheryl M. Lynn, Jeremy Miller. *Mundial.* Novo messias aparece em Nova York e é ignorado até que um garoto descobre seus miraculosos poderes.

EROTICO

MULHER NATUREZA ★
(Brasil, 1983) Direção: Dorival Coutinho. Com Cristina Maura, Márcio Prado, Malu Braga. *CIC.* Homem solitário é disputado por duas mulheres.

OUSADIA ★
(Brasil, 1982) Direção: Luís Castellini e Márcio Vaz Filho. Com Patrícia Scalvi, Consuelo Leandro, Jacques Lagoa. *CIC.* Em dois episódios, duas esposas insatisfeitas procuram aventuras extraconjugais.

CIC

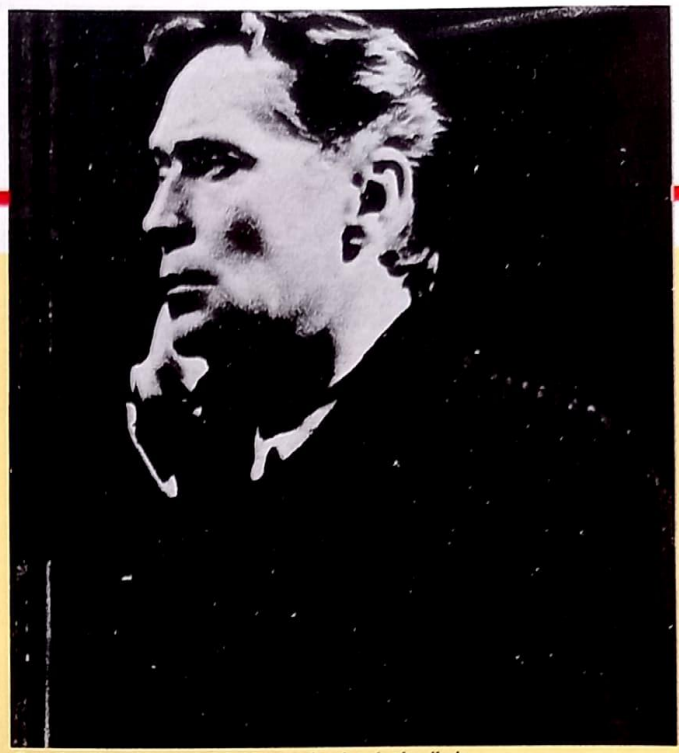
Sean Connery põe Tippi Hedren contra a parede

SUSPENSE

MARNIE, CONFISSÕES DE UMA LADRA ★★★
(Marnie, EUA, 1964)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Sean Connery, Tippi Hedren, Diane Baker, Martin Gabel. CIC.

"No fundo, se quisermos remeter a história de *Marnie* à sua fonte mais vulgar, obteremos alguma coisa como *O Príncipe e a Mendiga*", definiu Hitchcock. Um conto de fadas, em suma, só que apimentado com um bocado de perversão e iluminado por uma réstia de psicanálise. O príncipe, no caso, é o empresário Mark Rutland (Sean Connery) e a mendiga, a secretária Marnie Edgar (Tippi Hedren). Logo no início do filme, ele descobre que, além de belas pernas, ela tem mãos leves. E se apaixona pelas últimas tanto quanto pelas primeiras. Contrata-a como secretária contábil e passa a cortejá-la. Se Marnie é uma cleptomaníaca que rouba para compensar sua frigidez sexual, Mark é um fetichista que "quer dormir com uma ladra *porque* ela é uma ladra", nas palavras de Hitchcock. Dadas as circunstâncias sociais, nessa relação doentia o papel "positivo" cabe naturalmente ao empresário, que assume ares de protetor e regenerador da criminosa Marnie. Em sua obsessiva tentativa de conhecer as origens do problema da moça, Mark acaba desenvolvendo, sem que ela saiba, uma investigação ao mesmo tempo detetivesca e psicanalítica. Descobre, junto com o público, não só o motivo da cleptomania mas também da frigidez e de uma estranha aversão à cor vermelha.

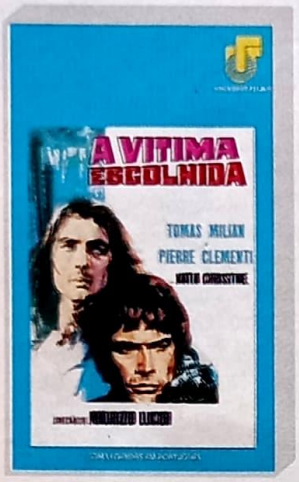
Marnie é tradicionalmente listado entre os Hitchcocks "médios", verdade que o clima geral é demasiadamente sombrio, que as explicações psicanalíticas são superficiais e que Grace Kelly (a primeira opção do diretor, antes de Tippi Hedren) teria dado um brilho maior ao personagem central. Mas, com tudo isso, este é um filme notável não só pelo intrincado desenvolvimento de seu duplo suspense (Por que Marnie rouba? Ela conseguirá escapar da polícia?) e pela hábil composição dos personagens centrais, mas também por ser a última vez que o cineasta trabalhou com três expoentes de uma equipe fiel e formidável: o músico Bernard Herrmann, o fotógrafo Robert Burks e o montador George Tomasini. Sean Connery mostra que há 25 anos já era um ótimo ator, equilibrando charme, humor e sensualidade como poucos. O chavão reflete a verdade: um Hitchcock "menor" é ainda, e sempre, grande cinema. *José Geraldo Couto*


Argovideo

Franchot Tone: jogo psicótico e proveito da miopia alheia

A VÍTIMA ESCOLHIDA ★★

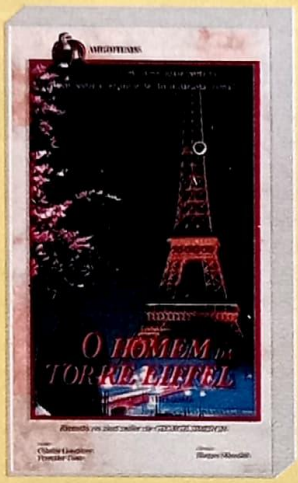
(Slam-Out, Itália,)
Direção: Maurizio Lucidi. Com Thomas Milian, Pierre Clementi, Katia Christine. Universo.



Nesta refilmagem *spaghetti* de *Pacto Sinistro,* o clássico de Hitchcock, o diretor Maurizio Lucidi procura atualizar os personagens da trama da década de 40, inventando títulos de nobreza e razões mais mundanas para justificar o crime que amarra a história.
Conde Tiepolo propõe a Argenti, um desenhista casado com uma mulher milionária mas apaixonado pela amante Fabiane, uma estranha troca de assassinatos. O conde tramaria a morte da mulher de Argenti, se este desse cabo do tirânico irmão de Tiepolo. Argenti pula fora, mas o conde cumpre sua parte no trato. O final, para quem viu *Pacto Sinistro,* é surpreendente, mas nem de longe conserva o hipnótico suspense do original. *B.F.*

O HOMEM DA TORRE EIFFEL ★★★

(The Man on the Eiffel Tower, EUA, 1949)
Direção: Burgess Meredith. Com Charles Laughton, Franchot Tone, Burgess Meredith, Robert Hutton. Argovídeo.



A trama tem algumas semelhanças com *Pacto Sinistro (Strangers on a Train,* 1951), de Alfred Hitchcock. Tanto Burgess Meredith (que fazia aqui sua estréia na direção) quanto Alfred Hitchcock partiram de histórias policiais escritas por especialistas — George Simenon (recentemente falecido) e Patricia Highsmith, respectivamente. (Não por acaso, dois autores cujos enredos privilegiam o corte psicológico de seus personagens.) Tanto aqui como em *Pacto Sinistro,* o espectador não tem dificuldade para identificar o autor dos crimes, o que apenas contribui para acentuar o suspense e o inusitado da situação.
Para obter o divórcio que lhe possibilitará cair nos braços da amante, um playboy arruinado (Robert Hutton) confessa estar disposto a pagar até um milhão de francos para alguém que lhe fizesse o favor de "despachar" a tia milionária — única forma de receber a herança e pagar à mulher a quantia que esta exige para deixá-lo. Minutos depois, um indivíduo entrega ao jovem um bilhete que estava caído no chão a seu lado. Em poucas palavras, o autor do bilhete se oferece para cometer o crime. Naquela mesma noite, a milionária é assassinada, mas, as suspeitas da polícia recaem sobre um pobretão sem rumo (Burgess Meredith), que inadvertidamente entrara na mansão para roubar. O que a polícia não sabe, no entanto, é que o infeliz viu o criminoso, mas para sua desgraça, perdeu os óculos e é incapaz de identificá-lo. Ameaçado pelo assassino, ele aceita se entregar à polícia, confessando-se culpado do crime, mas não sem antes receber do criminoso a promessa de que este logo o livraria da prisão. Na verdade, tudo faz parte de um jogo psicótico engendrado pela mente perversa do assassino, que se torna obcecado pela idéia de levar à guilhotina a única testemunha do crime. Contra seus planos ergue-se o cerebral inspetor Maigret (famoso personagem criado por Simenon e vivido aqui pelo roliço Charles Laughton), que teima em não acreditar na culpabilidade daquele pobre homem quase cego.
A partir daí, o que se vê é um fascinante jogo de xadrez, em que as peças são alteradas — de acordo com as circunstâncias — pelos principais envolvidos. O assassino forja pistas e usa de artimanhas, na tentativa de confundir Maigret. Este, por sua vez, tem como poderoso aliado seu profundo conhecimento da natureza humana. Desse confronto entre duas mentes geniais, embora diametralmente opostas, nascem o encanto e o fascínio deste quebra-cabeça que faz das ruas, avenidas e cafés de Paris um personagem a mais. *Paulo Capuzzo*

BATES MOTEL ★

(Bates Motel, EUA, 1987) Direção: Ken Topolsky. Com Bud Bort, Lori Petty, Moses Gunn. *CIC.* Uma das inúmeras seqüências infelizes do clássico *Psicose,* de Alfred Hitchcock. Alex West reabre o motel após a morte de Norman Bates.

SANGUE DE CAÇADOR ★

(Hunter's Blood, EUA, 1987) Direção: Robert Hughes. Com Sam Bottoms, Clu Gulager. *Transvídeo.* Grupo de amigos vai caçar numa floresta e é mal recebido pelos habitantes rudes e hostis do local.

POLICIAL

LOS ANGELES HEAT ★★

(EUA, 1989)
Direção: Joseph Merhi. Com Kevin Benton, Gretchen Becker, Robert Gallo. Taipan.
O líder de uma famosa quadrilha de traficantes de Los Angeles tem grandes problemas com um de seus "funcionários", que pisou na bola roubando-o e matando tiras. O fato gera uma terrível briga de gangues e o detetive Chance também quer vin-

gar seus homens. A polícia "pressiona" os suspeitos. O filme se insere no *boom* que aborda a guerra das quadrilhas de tóxicos em Los Angeles, com grande elenco negro. Muita violência e rivalidade em lugares sórdidos, entre traficantes e tiras. Apesar dos diálogos confusos, funciona bem, numa tendência já bastante explorada. *A.Q.N*

A POLÍCIA AGRADECE ★★

(La Polizia Ringrazia, Itália, 1972) Direção: Stefano Vanzina. Com Enrico Maria Salerno, Mariangela Melato, Cyril Cusack. Century.

Um dos filmes mais pretensiosos do pródigo Vanzina (ou "Steno") demonstra que o diretor italiano se locomove melhor em comédias do tipo *Os Quebra-Galhos* (1959) do que em policiais semi-sérios como este. A polícia romana se vê às voltas com sérios problemas: a Justiça solta muitos criminosos, e alguns são brutalmente exterminados. O comissário Bertoni (Salerno) acaba descobrindo um "esquadrão da morte" comandado por um ex-policial. O filme discute até a exaustão temas como criminalidade, repressão e direitos humanos, assim como a relação entre a Justiça e a imprensa. Verborrágico e irregular, não combina bem a ação mal armada com seu caráter de "tese" jurídica e social. *A.Q.N*

A CAPTURA DO CARRASCO ★

(House on Garibaldi Street, EUA, 1981) Direção: Peter Collinson. Com Martin Balsam, Topol, Nick Mancuso, Janet Suzman. *Vídeo Arte.* A descoberta e a prisão de Adolf Eichman, um dos maiores criminosos nazistas.

CAÇADA SANGRENTA ★

(Brasil, 1973) Direção: Ozualdo Candeias. Com David Cardoso, Marlene França, Heitor Gaiotti. *CIC.* Assassino de famosa escultora foge para o pantanal mato-grossense, sendo caçado pela polícia.

FBI — ARQUIVO SECRETO ★

(The Private Files of J. Edgar Hoover, EUA, 1977) Direção: Larry Cohen. Com Broderick Crawford, Jose Ferrer, Michael Parks. *Globo Vídeo.* Os segredos de J. Edgar Hoover, que dirigiu por 48 anos a Inteligência americana.

PLANTÃO POLICIAL ★

(Vice Squad, EUA, 1982) Direção: Gary A. Sherman. Com Season Hubley, Gary Swanson. *Globo Vídeo.* Em Los Angeles, prostituta persegue o assassino psicopata de sua amiga.

STRIP-TEASE DA MORTE ★

(Stripped to Kill, EUA, 1987) Direção: Katt Shea Ruben. Com Kay Lenz, Greg Evigan, Norman Fell. *Vídeo Arte.* Maníaco começa a matar dançarinas de clube noturno de Los Angeles.

VIDEO ANTHOLOGY — BRUCE SPRINGSTEEN ★

(Video Anthology — Bruce Springsteen, EUA, 1989) Diversos diretores. *Globo Vídeo.* Série de momentos que resumem os dez anos de carreira deste astro.

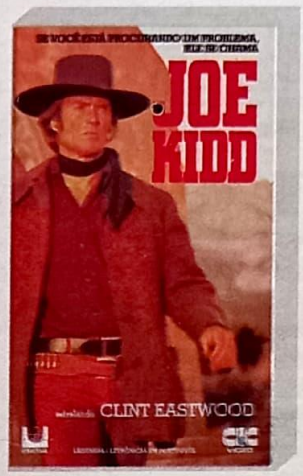
O SEQÜESTRO DA DÉCADA ★

(Terror in Beverly Hills, EUA, 1988) Direção: John Myhers. Com Frank Stallone, Behrouz Vossoughi, Cameron Mitchell. *CIC.* Um soldado especial para missões de combate ao terrorismo é convocado para salvar a filha do presidente dos EUA que foi seqüestrada.

WESTERN

JOE KIDD ★★★

(Joe Kidd, EUA, 1972) Direção: John Sturges. Com Clint Eastwood, Robert Duvall, John Saxon. CIC



Joe Kidd (Clint Eastwood) é um *cowboy* que tem a lei no sangue e a justiça nas próprias mãos. Ele não se importa em passar alguns dias na cadeia por má conduta. Ele nem liga se o mexicano Luis Chama (John Saxon) comanda uma revolta de conterrâneos para recuperar terras das quais os "gringos" se apoderaram. Mas o que seu temperamento violento não tolera é a maneira parcial como as coisas são encaminhadas: quando o grupo paramilitar (aos moldes do Velho Oeste) de Frank Hariam (Robert Duvall) provoca uma matança para tentar capturar Luis Chama; ou a violência que Chama impõe a inocentes, para exigir os direitos de posse das terras. Joe está acima de qualquer divergência. Ele é um árbitro com um poder de fogo impressionante. Coloca tudo em seu devido lugar.

O diretor John Sturges já havia se preocupado com mexicanos injustiçados em *Sete Homens e um Destino*. Em *Joe Kidd*, ele apresenta Clint Eastwood em excelente forma. *W.S.*

WINNETOU III — APANATSCHI, A MESTIÇA ★★

(Winnetou Und das Kalbblut Apanatschi, Alemanha, 1966) Direção: Harald Phillipe. Com Lex Barker, Pierre Brice, Gotz George. F.J. Lucas.

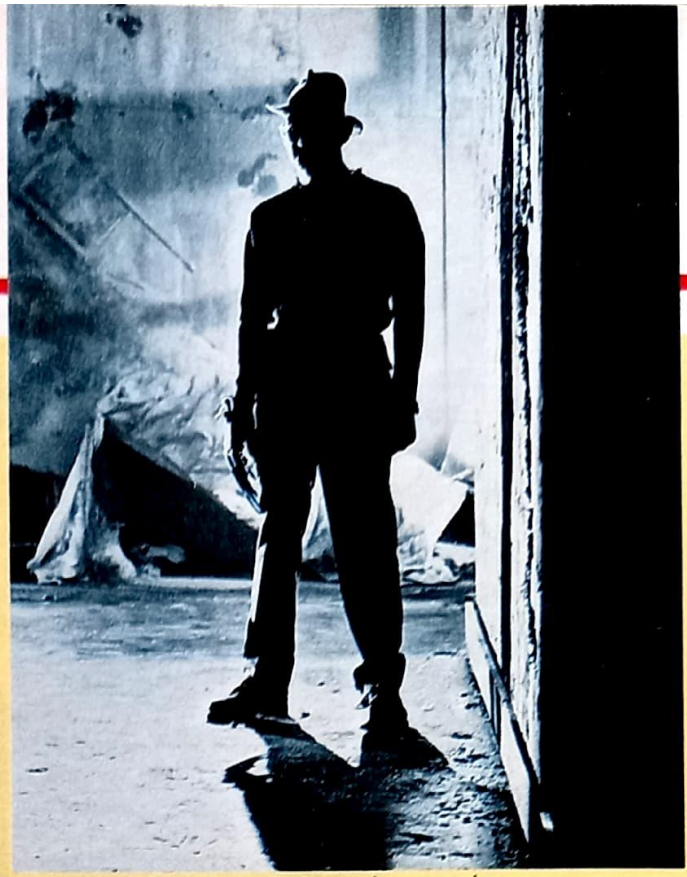
Terceiro volume da série lançada em vídeo com o chefe apache Winnetou (Pierre Brice), criado pelo escritor Karl May. Exemplo do bom selvagem rousseauneano, desta vez Winnetou e seu fiel amigo Old Shatterhand (Lex Barker) protegem uma mestiça da cobiça de bandidos que mataram o pai dela para se apoderar de uma mina de ouro.

Os filmes da série fizeram enorme sucesso na Europa e, de certo modo, prepararam o caminho para a eclosão do *spaghetti-western*. No entanto, em todos eles o universo mítico do Velho Oeste é reduzido a um simples confronto entre bons e maus. É o que acontece aqui. Apesar desse maniqueísmo tão elementar, o filme está impregnado de um nostálgico clima, que remonta às matinês domingueiras. *P.C.*

CIDADE FANTASMA ★

(Little Moon and Jud McGraw, EUA, 1979) Direção: Bernard Gerard. Com James Caan, Stefanie Powers, Sammy Davis Jr. *Yellow.* A vingança de um pistoleiro transforma o lugarejo de Black Nullar em cidade-fantasma.

VÍDEO LANÇAMENTOS



Freddy Krueger (Robert Englund), o homem dos seus sonhos

TERROR

A HORA DO PESADELO III ★★★

(Nightmare on Elm Street Part III — The Dream Warriors, EUA, 1987) Direção: Chuck Russel. Com Robert Englund, Heather Langenkamp, Patricia Arquette, Craig Wasson. Warner.

A HORA DO PESADELO — O TERROR DE FREDDY KRUEGER VII ★

(Freddy's Nightmare — A Nightmare on Elm Street The Series, EUA, 1988) "Black Tickets" *Direção: George Aczender. Com Robert Englund, Brad Pitt, Kerry Brennan.* "School Daze" *Direção: Michael Klein. Com Robert Englund, Billy Morrissette, Andrews Kraus.* Herbert Richers.

O diretor e roteirista Wes Craven foi tomado de assalto pelo sucesso de sua *A Hora do Pesadelo*. Nele, a jovem Nancy (Heather Langenkamp) descobre a causa de seus sonhos aflitivos ao saber da origem do corruptor de menores Freddy Krueger (Robert Englund) e como ele foi vergonhosamente assassinado por um grupo de pais ensandecidos. O Festival (francês de cinema fantástico) de Avoriaz, em 1985, concedeu ao *Pesadelo* de Craven os prêmios de crítica e de melhor atriz para Heather Langenkamp.

Logo, de modo oportunístico, o produtor Robert Shaye (*Pesadelos I, II, III* e *IV*) e o diretor Jack Sholder foram tentados a fazer *A Hora do Pesadelo II — A Vingança de Freddy*, à revelia de Wes Craven — criador de Freddy. A queda vertiginosa de qualidade em relação ao primeiro *Pesadelo* não impediu o sucesso de bilheteria. Ele conta as agruras de Jesse Walsh (Mark Patton) ao se mudar com a família para o antigo casarão de Elm Street (cenário do primeiro filme). Jesse é possuído por Freddy que o robotiza numa série de assassinatos. O roteiro flerta com o ridículo, e atores ruins conduzem o ritmo enfadonho. Faltou Wes Craven ou algo que o valesse.

Felizmente, Craven voltou na terceira aparição de Freddy em *A Hora do Pesadelo III — Os Guerreiros do Sonho*, não como diretor mas como co-roteirista e co-produtor executivo. O criador se apropriou de sua criatura e simplesmente fez o melhor *Pesadelo* para o cinema, superando até mesmo o primeiro. E o novato diretor Chuck Russel veio de uma feliz experiência como roteirista do excelente *Morte nos Sonhos* (*Dreamscape*). Craven recuperou Nancy (Heather) a vítima da primeira versão. Agora ela é a psiquiatra especializada em distúrbios oníricos, que ajuda o dr. Neil Goldman (o atormentado personagem de *Dublê de Corpo*) na terapia de um grupo de adolescentes que tem Freddy em seus pesadelos. Não há um personagem que não seja bem burilado: adolescentes heróicos e convincentes, o doutor humanitário e o denodo de Nancy. Tem até a mãe de Freddy. Os efeitos especiais batem qualquer filme da série.

No vácuo deste melhor *Pesadelo*, surgiria novamente o oportunismo da quarta versão de Freddy, *A Hora do Pesadelo IV — O Mestre do Sonho* (não disponível em vídeo). O abandono definitivo de Wes Craven comprova a debilidade dessa versão: um fraco eco de tudo o que já foi feito. Na série para a televisão americana, nem Freddy participa das histórias, ele é um mero apresentador. Os dois episódios deste sétimo volume engendram histórias insólitas com adolescentes, em produção paupérrima. Em "Fuga Sem Volta", um casal quer viver sua própria vida, mas não consegue, por causa das trapaças da sorte. "Pesadelo Escolar" mostra um garoto à beira da loucura que não se define entre os estudos e sua banda de rock. *Walter de Silva*

PESADELOS DIABÓLICOS ★★

(Nightmares, EUA, 1983) Direção: Joseph Sargent. Com Cristina Raines, Timothy James, Emilio Estevez. CIC.

Realizado originalmente para a TV, este filme de horror em episódios inspira-se na tradição de seriados fantásticos inaugurada por *Além da Imaginação*. São quatro historietas. Na primeira ("Terror em Topanga"), uma jovem é ameaçada por um louco ao sair de casa para comprar cigarros. A segunda ("O Bispo de Batalha") narra o que acontece com um garoto obcecado por fliperamas, cujo maior desejo é derrotar uma máquina aparentemente invencível. O eterno confronto entre o bem e o mal emoldura o terceiro episódio ("A Bênção"), no qual um padre em crise de fé é perseguido por um carro diabólico. No quarto e último episódio ("A Noite do Rato"), uma família é aterrorizada por um roedor gigantesco. Os episódios, salvo o segundo, carecem de humor e originalidade e não conseguem livrar-se de um ranço moral, que, mesmo intencional, é fatal para o gênero. *P.C.*

UM ESTRANHO SER ★

(The Stranger Within, EUA, 1974). Direção: Lee Philips. Com Barbara Eden, George Grizzard, David Doyle, Nehemiah Persoff. Herbert Richers.

Tentativa de reedição de *O Bebê de Rosemary*. Neste terror feito para a TV, Barbara Eden (ex-*Jeannie É um Gênio*) é uma esposa grávida de um marido esterilizado. Sua obsessão por café e sal atordoa o companheiro, o médico, os amigos. Histeria e arranhões inexplicáveis completam o quadro. A solução final, que poderia salvar o roteiro do clichesão B, só faz tornar rudimentar o que já era primário. *D.G.*

O VAMPIRO DE CHINATOWN ★

(The Jitter, EUA, 1988) Direção: John Fasano. Com Sal Viviane, Marylin Tokuda, James Hong. *Lamy*. Um comerciante do bairro de Chinatown é assassinado por uma gangue de delinqüentes juvenis e transforma-se num *ch'iang shih*, a versão chinesa do vampiro.

ASILO SINISTRO ★

(House of Crisis, Inglaterra, 1972) Direção: Roy Ward Baker. Com Peter Cushing, Britt Ekland, Charlotte Rampling. *Globo Vídeo*. Médico psiquiatra encontra várias pessoas com personalidade múltipla num asilo.

BAILE DE FORMATURA — PARTE II — VESTIDA PARA A VINGANÇA ★

(Hello, Mary Lou — Part II, EUA, 1987) Direção: Bruce Pittman. Com Michael Ironside, Wendy Lyon, Justin Louis. *Look*. Uma garota é morta pelo namorado em seu baile de forma-

tura. Trinta anos depois, ela retorna para a vingança.

ABISMO INFERNAL ★
(The Dead Pit, EUA, 1989) Direção Brett Leonard. Com Jeremy Slat, Steffen Gregory Foster, Cherryl Lawson. *Lamy.* Um cirurgião ensandecido, que morreu há 20 anos,assombra uma instituição para doentes mentais.

O FILHO DO DEMÔNIO ★
(The Monster, Inglaterra, 1975) Direção: Peter Sasdy. Com Joan Collins, Donald Pleasence, Ralph Bates, Eileen Atkins. *Zircon.* Uma jovem prestes a se casar é amaldiçoada por um luxurioso anão e concebe um filho demoníaco.

OS GRITOS QUE ATERRORIZAM ★
(An Now The Screaming Starts, EUA, 1973) Direção: Roy Ward Baker. Com Peter Cushing, Stephanie Beacham, Herbert Lom. *Globo Vídeo.* Jovem recém-casada passa por momentos de terror, vítima de vingança contra sua família.

LADRÃO DE ALMAS ★
(Vampire at Midnight, EUA, 1987) Direção: Gregory McClatchy. Com Jason Williams, Gustav Vintas, Lesley Milne. *Lamy.* Mortes ocorridas em circunstâncias misteriosas são atribuídas pela imprensa a um pseudovampiro.

CLIENTE MORTO NÃO PAGA ★★★
(Dead Men Don't Wear Plaid,EUA,1982) Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin, Rachel Ward, George Gaynes. CIC.
Ao fazer com que o protagonista Rigby Reardon (Steve Martin), um *private eye* nos moldes durões de Spade e Marlowe (apesar de desastrado), conviva com os grandes mitos dos anos 40 e 50, o diretor Carl Reiner (*O Médico Erótico*, de 1983; *Um Espírito Baixou em Mim*, de 1984; *O Panaca*, de 1979) realizou uma das mais divertidas releituras do filme noir, tendo George Gipe e Steve Martin como roteiristas. Reiner tem tanto peso quanto Woody Allen e Mel Brooks na moderna comédia americana. *Cliente Morto...* pode ser visto como uma autêntica enciclopédia sobre o noir, esse gênero sombrio e obscuro dos homens decaídos e das mulheres fatais, no qual o clima suplanta o enredo. Reardon tem um trauma de infância freudiano-hitchcockiano: não pode escutar a palavra "faxineira" que enlouquece. E uma de suas máximas é uma frase do detetive Marlowe, de Raymond Chandler: "Armas não matam detetives. Amor mata".

Universal
Steve Martin num momento pesado do seu detetive durão

O filme de Reiner é uma piada noir do começo ao fim: no *décor*; na música de Miklos Rosza; na história propositadamente atrapalhada; nas pistas falsas, nos bilhetes, inscrições e outros símbolos; e sobretudo na narrativa, que é freqüentemente quebrada com os comentários em off na primeira pessoa. O detetive Reardon é incumbido pela cliente Juliet (a *sexy* Rachel Ward) de descobrir como desapareceu seu pai, um cientista que fazia experiências com queijos. Na busca das pistas, através de uma sofisticada colagem, Reardon fala ao telefone com Humphrey Bogart, encontra Ava Gardner num cabaré, viaja num trem com Cary Grant, é servido numa festa por Ingrid Bergman, apanha feio dos capangas de Kirk Douglas e visita James Cagney na prisão. Reiner usa trechos de clássicos como *Alma Torturada* (*This Gun for Hire*), *Lábios que Escravizam* (*The Bribe*), *À Beira do Abismo* (*The Big Sleep*) e muitos outros clássicos. Para quem não viveu a magia do cinema dos anos 40 e 50 ou para quem desconhece sua história, o filme é apenas uma bem realizada comédia de rotina. Mas, para os demais, um delicioso e inventivo petisco nostálgico. *Antonio Querino Neto*

COMÉDIA

MR. HALPERN AND MR. JOHNSON ★★★
(Inglaterra, 1983) Direção: Alvin Rakoff. Com Laurence Olivier, Jackie Gleason. Yellow Vídeo.
Um dos últimos trabalhos realizados pelo "rei dos atores" para a TV, o filme transcorre quase inteiramente num restaurante em grandes planos-seqüência. Lá, o viúvo judeu Halpern (Olivier) conversa com Johnson (Gleason), que lhe confessou no cemitério ter tido um caso com sua esposa, Flou. Ambos curtem a ausência da mesma mulher amada, e suas vidas desmontam nesse drinque, com a lembrança do imprevisível pivô do triângulo. A insistência de Johnson em contar todos os detalhes da traição tem um quê de sadismo. Halpern mergulha na raiva e no ciúme póstumo e quase perde o cavalheirismo. Apesar de menor em sua carreira, o trabalho de *sir* "Larry" é impecável, num filme de estrutura teatral e diálogos brilhantes. *A.Q.N.*

A MORTE RONDA A PANTERA ★
(Sunburn, EUA, 1979) Direção: Richard C. Sarafian. Com Farrah Fawcett, Charles Grodin, Joan Collins, Eleanor Parker, Art Carney, Herbert Richers.
Comédia anêmica e pretensiosa, com pitadas de romance e aventura, que tenta imitar filmes do agente 007. Ganharia fácil o primeiro prêmio num concurso de clichês. Em Acapulco, México, a morte supostamente acidental de um milionário vale cinco milhões de dólares em prêmios de seguro para a família. Desconfiada de uma fraude, a companhia seguradora manda um dispendioso investigador particular (Grodin) cuidar do caso. Pretexto para inserir na história uma esposa de aluguel (Fawcett), carros luxuosos, cenários de mau gosto e uma melosa trilha sonora. O enganoso título em português serve para atrair os fãs de Farrah Fawcett, que fez sucesso nos anos 70 com a série de TV *As Panteras*. *M.B.*

AS GRANDES FÉRIAS ★★
(The Great Outdoors, EUA, 1988) Direção: Howard Deutch. Com Dan Aykroyd, John Candy. CIC.
Casal pobre, retirando-se para o campo para uma temporada de convívio com a natureza e contato terno e íntimo com os filhos, recebe, sem aviso prévio, a visita de parentes mais preparados para lagostas do que peixes e mais habituados a iates do que a lanchas. Candy, gordo e desajeitado, só se dá mal, enquanto Aykroyd planeja grandes investimentos financeiros e se diverte. O filme peca às vezes pelo ritmo, mas oferece seqüências bem ao gosto dos amantes de comédias, como a em que Candy, num restaurante, come quilos e quilos de carne para obter o direito de pagar a conta de toda a família com uma indigestão. *T.M.*

ATÉ QUE A VIDA NOS SEPARE ★★

(A New Life, EUA, 1988)
Direção: Alan Alda. Com Alan Alda, Ann-Margret, Veronica Hamel. CIC.

Depois de 26 anos de casamento, Steve (Alan Alda, também diretor do filme) e Jackie (Ann-Margret) se separam — e não serão poucas as dificuldades que terão de enfrentar, em todas as áreas, para adaptar-se à nova vida. Para ambos, o ingresso no clube dos descasados não é uma passagem amena, e diversas tentativas de estabelecer novos relacionamentos acabam frustradas, em cenas que fazem rir, sem com isso tornar menos amarga a solidão dos personagens. *T.M.*

NAMORADA DE ALUGUEL ★★

(Can't Buy me Love, EUA, 1987)
Direção: Steve Rash. Com Patrick Dempsey, Amanda Peterson, Dennis Dugan. Abril Vídeo.

Ronaldo Miller (Patrick Dempsey), um *teenager* desengonçado e com amigos esquisitos, gastou os últimos cinco anos cortando 180 milhas de grama para economizar mil dólares e comprar um telescópio. Mas tinha dois outros sonhos. Era apaixonado pela menina mais linda da escola e queria pertencer à turma dela. Conquistou as duas coisas. Não exatamente nesta ordem. Ao som do clássico "Can't Buy me Love" dos Beatles, ele contrata a gatinha Cindy Mancini para passar por sua namorada durante um mês e conquistar a turma. Mais uma produção do braço "adulto" dos Estúdios Disney, numa comédia romântica, divertida, e que ensina os impagáveis passos de uma dança ritual do tamanduá africano. *P.L.*

FANTASIA

UMA CILADA PARA ROGER RABBIT ★★★★★

(Who Framed Roger Rabbit, EUA, 1988)
Direção: Robert Zemeckis. Com Bob Hoskins, Christopher Lloyd, Joanna Cassidy. Abril Vídeo.

Baseado no romance *Who Censored Roger Rabbit*, de Gary K. Wolf, *Uma Cilada para Roger Rabbit* é a produção cinematográfica mais original da década de 80, um exemplo de integração perfeita entre o filme com ação ao vivo e o desenho animado, no qual os personagens de *cartoon* arrastam os homens para a fantasia, e os humanos conduzem os personagens de desenho para a realidade. A narrativa funde a tal ponto as duas dimensões que logo se instaura uma terceira, que só existe no espaço da tela e na qual o espectador mergulha graças à magia das novas técnicas, desenvolvidas devido ao esforço conjunto da Touchstone/Walt Disney Co. e da Amblin Entertainment/Steven Spielberg.

Sucesso estrondoso em todo o mundo, Roger Rabbit transformou-se num novo personagem eterno do *cartoon*, no qual os heróis não têm idade. A história do filme já é bem conhecida. O sinistro juiz Doom encontra uma forma de "matar" os personagens de desenho animado com uma substância química que os dissolve para sempre e quer mergulhar nela o astro da Maroon Cartoon, o coelho Roger, acusado de matar Marvin Acme, enlouquecido de ciúme por sua amada Jessica. Ele na verdade é vítima de uma trama diabólica, que o detetive Eddie Valiant (Bob Hoskins) terá que desvendar. Este autêntico filme noir inicia-se com um desenho animado delirante, no estilo cruel das animações de Tex Avery. Num ritmo frenético, Roger Rabbit tenta salvar o bebê Herman, que, tentando apanhar uma bolachinha em cima da geladeira, se expõe a perigos inimagináveis. No entanto, é o desastrado Roger quem sofre os acidentes proporcionados pela inocência do bebê: é eletrocutado, assado no forno a uma temperatura vulcânica, engole uma tábua de passar roupa, torna-se alvo de uma tempestade de facas de todas as cores e tamanhos e tem seu corpo enchido como um balão, antes de arrebentar a cabeça na geladeira e ver passarinhos... Contudo, o diretor do filme (pois o desenho que o público acabou de ver é na verdade uma filmagem ao vivo) queria estrelas em vez de passarinhos! E penetramos assim no universo louco e desvairado de *Uma Cilada para Roger Rabbit*. São inúmeras as seqüências antológicas; é preciso permanecer atento a tudo. Há detalhes fascinantes, pontas e aparições de velhas estrelas do desenho animado, truques imperceptíveis, uma torrente de efeitos especiais. O vídeo proporciona agora a chance de ver cada seqüência até a saciedade... E se as cenas mais complexas de serem realizadas foram as do número musical de Jessica na boate Ink and Paint Club — nenhuma outra supera em delírio a entrada de Valiant na Toonstown. Aí, é preciso deixar toda esperança do lado de fora, pois as leis da física só existem neste mundo para ser subvertidas. Tudo pode acontecer, ao sabor da fantasia dos animadores.

À direção espantosa de Zemeckis, à perfeita atuação de Hoskins e ao gênio da animação Richard Williams devemos estes momentos de puro encantamento e terror. *Luiz Nazário*

Bob Hoskins, Roger e Benny em tropel motorizado

RUGANTINO, O CONQUISTADOR ★

(Rugantino, La Sculacciata, Itália, 1974)
Direção: Pasquale Festa Campanile. Com Adriano Celentano, Claudia Mori, Paolo Stoppa. F.J. Lucas.

Rugantino é um aventureiro irreverente e metido a conquistador que vive provocando os poderosos de Roma com sua língua solta. No estilo de Casanova, desafia um amigo e aposta que conquistará a belíssima Rosetta (Claudia Mori), a mais cobiçada dama da cidade, que tem um marido ciumento. O filme é dirigido

por Festa Campanile, roteirista talentoso (*Rocco e Seus Irmãos, O Leopardo, Leito Conjugal*) que, como diretor, realizou *A Garota de Trieste* (1982) e *Um Caso Escandaloso* (1984). Mas a maior parte de sua obra é composta de comédias bobas (*Quando as Mulheres Tinham Rabo* e *Quando as Mulheres Perderam o Rabo*). *Rugantino*, tentativa de comédia "de época", prima pelo elenco inexpressivo e pela direção idem. Quem conseguir rir merece um prêmio! *A.Q.N.*

A ALEGRE LIBERTINA ★
(The Happy Hooker, EUA, 1975) Direção: Nicholas Sgarro. Com Lynn Redgrave, Jean-Pierre Aumont. *Globo Vídeo.* A trajetória de Xaviera Holander, bem-sucedida na direção de um prostíbulo.

ADORÁVEL ANDRÓIDE ★
(Not Quite Human, EUA, 1987) Direção: Steven Stern. Com Alan Thicke, Robin Lively, Robert Harper. *Abril Vídeo.* Cientista cria andróide quase perfeito, e a prova definitiva é sua matrícula numa escola.

TUDO POR AMOR... OU QUASE TUDO ★
(For the Love of It, EUA, 1980) Direção: Hal Kantor. Com Deborah Raffin, Jeff Conaway. *Yellow.* Casal de namorados se mete em encrenca quando um *chip* de computador com planos secretos soviéticos cai em suas mãos.

INFANTIL

POPEYE, DEFENSOR DA ECOLOGIA ★
(In Days Gone By, Vol. VII) America. Reunião de desenhos animados produzidos pela King Features Entertainment, sendo sete deles estrelados pelo marinheiro Popeye. Neste sétimo volume da série — que nada tem em comum com os originais dos irmãos Fleischer, a não ser a patente do personagem — são retomados diversos episódios de exibição corrente na TV. A qualidade inferior da animação, a falta de graça e inteligência dos roteiros e o aspecto grotesco dos personagens dos demais desenhos indicam que estamos aqui bem longe da arte do *cartoon*. E, como o entretenimento das crianças transformou-se, via TV, no mais desenfreado comércio, a publicidade invade o vídeo através do flanco aberto por este esculhambado gênero infantil: este volume traz, no início e no fim do programa, propagandas da revista *Variguinho*, da Varig. É apenas o início da transformação do vídeo num simulacro perfeito dos programas comerciais de TV. *L.N.*

FLASHMAN 6 — O GUERREIRO INTRÉPIDO ★
(Flashman 6, Japão, 1986) Direção: Nagafumi Hori. Com Fujita Fuifui, Kihachiro Uemura. *Everest.* O herói Flashman enfrenta terrível monstro que recebeu seu sangue e, junto com ele, seu poder indestrutível.

FLASHMAN 7 — O EXTERMÍNIO DO ROBÔ ★
(Flashman 7, Japão, 1986) Direção: Nagafumi Hori. Com Fujita Fuifui, Kihachiro Uemura. *Everest.* Caçador das trevas e monstro guerreiro ameaçam a paz de Flashman.

O MENINO E A FOCA DOURADA ★
(The Golden Feal, EUA, 1983) Direção: Frank Zuniga. Com Steve Railsback, Michael Beck. *Alvorada.* Menino defende dos caçadores foca que o salvou da morte em pleno inverno no Alasca.

SHOGUN ★
(Shogun, Japão, 1985) Direção: Kunihiro Yuyama. *Everest.* Desenho animado de ficção. Após acidente, policial entra em coma e revê fases de sua vida.

4
CABEÇAS FUNCIONAM MELHOR QUE
2

TOSHIBA 4 CABEÇAS

SEMP TOSHIBA
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA NACIONAL E GARANTIA TOTAL DE 1 ANO.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
TOSHIBA

VÍDEO LANÇAMENTOS

MUSICAL

PET SHOP BOYS — SHOWBUSINESS ★★
(Inglaterra, 1988)
Direção: vários. Com os Pet Shop Boys Neil Tennant e Chris Lowe. VídeoBan/Stiletto.

NOW THAT'S I CALL MUSIC 12 ★
(Inglaterra, 1988)
Direção: vários. Catorze videoclips, incluindo músicas de Morrissey, Iron Maiden, Belinda Carlisle, Scritti Politti, Bananarama e outros. VideoBan/ Stiletto.
Showbusiness reúne seis clipe dos Pet Shop Boys sobre repertório de seu segundo e mais recente LP. Dois deles foram dirigidos pelo mesmo Derek Jarman de *Caravaggio*, mas são menos interessantes que os dirigidos por Jack Bon: a divertida história de vampiro que ilustra "Heart" e o sensual clip para "Always on My Mind". Nos outros, as longas canções da banda dificultam o desenvolvimento dos vídeos — os elementos começam a parecer repetitivos e a edição enfadonha. Valem mais pelo eletropop digestivo ("It's a Sin", "Domino Dancing") do que pela excelência de suas imagens.
Now That's I Call Music, uma coletânea periódica de sucessos ingleses, no vinil e em vídeo, em sua décima segunda edição (a primeira lançada aqui), só faz retratar a pasmaceira do pop atual. Tem boas intenções (a versão do Wet Wet Wet de "With a Little Help from My Friends", dedicada à Childline, o telefone de assistência à criança agredida, em vídeo simplório), bons clips para má música (as talkingheadianas colagens de "Circle in the Sand", Belinda Carlisle) e muita baba. Curiosidades: o pop/reggae de Maxi Priest em outro clip de colagem e animação, o clip lisérgico do ácido S-Express, a *split-camera* para um número descartável do Scritti Politti e a historinha (meio piegas) de Morrissey em "Every Day Is Like Sunday". Bom mesmo só o despretensiosíssimo clip dos Timelords para uma versão de "Rock'n'Roll" (Gary Glitter), em que um carro de polícia combate fuleiros robôs de lata. *A.A.*

DIONE WARWICK ★
(Dione Warwick, EUA, 1983) Direção: Dick Carter. *Top Tape.* Retrospecto da carreira de Dione Warwick, que teve início nos anos 60.

GUERRA

ASES DA GUERRA ★
(War Birds, EUA, 1988)
Direção: Ulli Lommel. Com Jim Eldert, Cully Holland, Bill Brinsfield, Timothy Hicks. America.
O estojo da fita traz no rótulo os dizeres *"maximum Top Gun"*, na tentativa de confundir esse filme com o superior *Ases Indomáveis*. Expediente vivaldino, como lançar um certo *Nunca Te Vi... Sempre Te Amei*, que nada tinha a ver com o *cult* epistolar do cinema, e *Calígula*, imitação burlesca do original de Tinto Brass. O conteúdo desta fita é uma decepcionante aventura aérea, com um elenco de terceira e cenas enjoativas. A produção é tão pobre que nem sequer utilizou os jatos para as filmagens, preferindo exibir cenas de exercícios aéreos das Forças Armadas americanas. *M.R.*

MACARTHUR ★
(MacArthur, EUA, 1978) Direção: Joseph Sargent. Com Gregory Peck, Ed Flanders, Dan O'Herlihy. *CIC.* Perfil do famoso militar americano, um homem complexo e polêmico.

MISSÃO COBRA ★
(Cobra Mission, EUA) Direção: Larry Ludman. Com Oliver Tobias, Christopher Connelly, Donald Pleasence. *F.J. Lucas.* Três ex-combatentes do Vietnã resolvem voltar ao campo de batalha para resgatar amigos que ainda estão presos.

ANIMAÇÃO

DESENHOS INESQUECÍVEIS ★
(Cartoon Classics, EUA, 1980) DIV.
São oito desenhos com sabor sépia — mais para antigos do que para clássicos, como o nome faz supor. A maior parte tem personagens conhecidos, como Patolino e o porco Gaguinho, que conduzem algumas histórias bem-humoradas e outras nem tanto. A melhor delas ("Mágica Besta") brinca com um fino humor negro, mais dirigido para adultos do que propriamente para o público infantil. O problema é a má qualidade do som e da cor — mesmo considerando que os desenhos sejam antigos, muitos da década de 40, não se justifica o estado precário da cópia. *B.F.*

FICÇÃO

CONFUSÃO NAS ESTRELAS ★
(Star Slammer, the Scape, EUA, 1986) Direção: Fred Olen Ray. Com Ross Hagen, Sandy Brooke, Susan Stokey. *Top Tape.* Fugindo da Terra depois de uma hecatombe nuclear, a nave Star Slammer enfrenta guerras e seres terríveis.

REJUVENATOR ★
(Rejuvenator, EUA, 1988) Direção: Brian Thomas Jones. Com Vivien Lanco, John MacKay. *Taipan Vídeo.* Velha atriz de cinema se torna cobaia de experiências para se encontrar o tratamento ideal para rejuvenescer.

STAR TREK — A NOVA GERAÇÃO — VOL. VI ★
(The Big Goodbye/Haven, EUA, 1987) Direção: Joseph L. Scanlan/Richard Compton. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes. *CIC.* Em dois episódios, os novos tripulantes da nave Enterprise passam por grandes apuros.

PARADA

Os mais alugados

1. ***Namorada de Aluguel*** (7 400) Abril Vídeo
2. ***Sem Saída*** (9 000) LK-Tel/Columbia
3. ***Um Peixe Chamado Wanda*** (6 000) Vídeo Arte
4. ***A Última Tentação de Cristo*** (8 000) CIC
5. ***Dirty Harry na Lista Negra*** (9 000) Warner
6. ***Um Grito no Escuro*** (4 300) America
7. ***Busca Frenética*** (9 120) Warner
8. ***O Último Imperador*** (8 100) LK-Tel/Columbia
9. ***Collors — As Cores da Violência*** (1 700) Globo Vídeo
10. ***Nico, Acima da Lei*** (8 100) Warner

Fonte: Rentacom, Hobby Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Real Vídeo, Omni (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Clube Shack (Rio); Vídeo Locadora Gaúcha (RS); Vídeo Service (DF).
* Os números entre parênteses indicam a quantidade de fitas seladas no mês de agosto (Fonte: Concine)

Os mais selados

1. ***Follow Me*** (didático) (10 000) Editora Nova Cultural
2. ***Dirty Harry na Lista Negra*** (9 000) Warner
3. ***A Última Tentação de Cristo*** (8 000) CIC
4. ***A Volta ao Mundo em 80 Dias*** (7 000) Warner
5. ***As Aventuras de Chatran*** (7 000) Warner
6. ***Férias Frustradas I*** (7 000) Warner
7. ***CNA Vídeo*** (didático) (6 000) Editora CNA
8. ***Nasce uma Estrela*** (6 000) Warner
9. ***Assim Caminha a Humanidade*** (6 000) Warner
10. ***Woodstock*** (6 000) Warner

Esta lista leva em consideração as fitas seladas no mês de agosto.

Número de locadoras no Brasil: 4 948.
Total de títulos selados disponíveis no mercado: 6 138.
Fonte: Concine.

Super Geração

GF-S550U

HR-S8000U

O futuro do vídeo é a perfeição.
O futuro é a nova linha Super VHS da JVC.
A palavra Super não antecede o VHS por acaso. Ela significa um novo passo em sistemas de vídeo, uma tecnologia criada para dar outra dimensão à qualidade da imagem e do som, com a mais completa gama de funções e efeitos especiais.

Nenhum outro sistema é superior a este e é por isso que todos estão mudando para o Super VHS. E Super VHS é JVC, a marca de todos que conhecem vídeo. Afinal, só quem inventou o VHS poderia criar o melhor Super VHS.

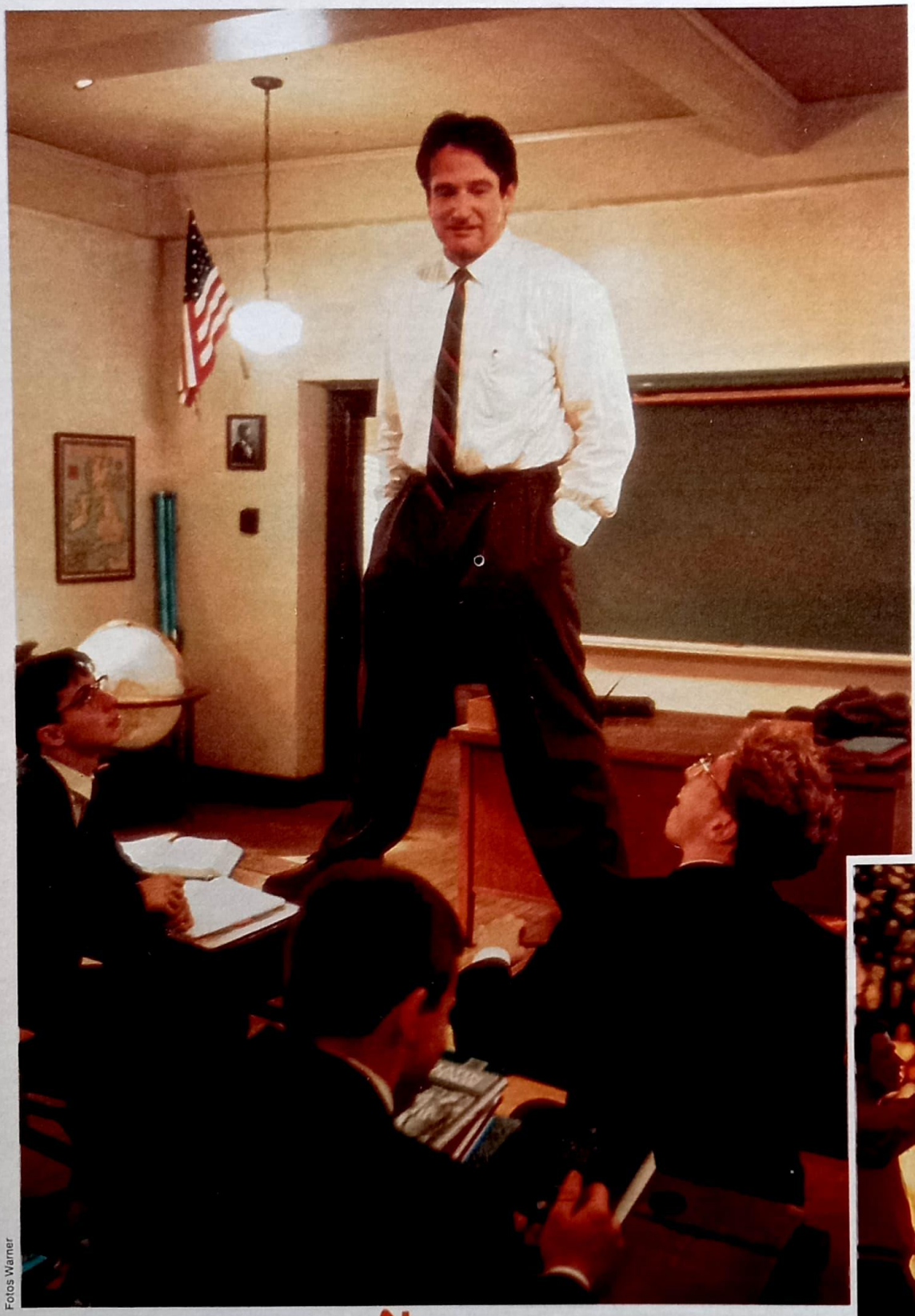
GR-S70U

HR-S5000U

JVC

O inventor do VHS

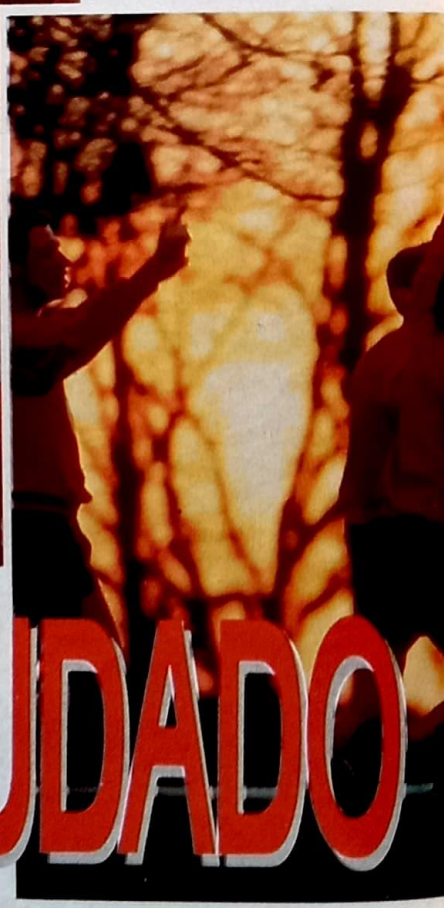
*Produtos à venda na Zona Franca de Manaus.



Fotos Warner

CORAÇÃO DESNUDADO

Com Dead Poets Society, *Robin Williams reedita seu sucesso de público numa história lírica, trágica e alegre, de uma vez só. Um vôo utópico rumo à poesia*



Nem tudo é previsível no cinema americano. Após três meses de exibição, *Dead Poets Society* batia a casa dos 90 milhões de dólares na bilheteria do mercado dos EUA. Um feito inesperado: o filme elogia poetas, desgarramento, literatura e suicídio, ao passo que o público da América do Norte tem preferido comer pipocas e beber Coca-Cola em sessões de aventura, força bruta, ficção científica ou piadas em profusão. *Indiana Jones III*, *Os Caça-fantasmas II*, *Máquina Mortífera II*, *Batman* estavam em cartaz na mesma estação para confirmar a tendência. Grandes campeões de bilheteria, eles já vinham predestinados a amealhar fortunas desde a escritura do roteiro. Tiveram produções milionárias, públicos certos, esquemas de promoção que chegavam a custar nove milhões de dólares. *Dead Poets Society*, por sua vez, veio correndo por fora lentamente e aconteceu. Uns dizem que o filme se fez à custa dos desistentes das filas de milhas que serpenteavam pelos cinemas que exibiam *Batman*, *Os Caça-fantasmas* e *Indiana*; outros garantem que foi o carisma careteiro de Robin Williams (que já foi Popeye e fez micagens em *Bom dia, Vietnã!*) o responsável por arregimentar as multidões. Uma e outra alegação procedem e, de certa maneira, se completam. Williams, um sujeito que ergueu a popularidade a partir da TV, reúne atualmente um dos grandes fãs-clubes da América, é dono de um cacife inegociável — capaz de intervir com a última palavra nos filmes que estrela — e se converteu, com folga, numa excelente segunda opção para o público. Mas a razão maior do êxito de *Dead Poets Society* permanece submersa. Existe algo de intangível nesse fenômeno que era imprevisível.

O diretor australiano Peter Weir, de 45 anos, está no centro da força magnética que *Dead Poets Society* exerceu sobre um público tão mimado, excitado e mal-acostumado como é o americano. Tarimbado artesão da narrativa clássica forjada pelo cinemão industrial de Hollywood, Weir sabe contar uma história sem cometer excessos — que constituem o kitsch — e sem tropeçar no malfeito. A decupagem ideal da América é feita de frases visuais bem concisas, sem muitas idas e vindas. É direta, objetiva e simples. Está para o cinema mundial como as frases curtas de Ernest Hemingway estão para a literatura. Com esmero, presteza e competência, Weir consegue narrar episódios aparentemente ingratos de forma a manter acesa e renovada a atenção de sua platéia irrequieta. Fez isso em *Gallipoli* (1981, com Mel Gibson), em *O Ano em que Vivemos em Perigo* (1982, com Gibson e Sigourney Weaver) e em *A Testemunha* (1985, com Harrison Ford e Kelly McGillis), que ganhou os significativos Oscar de melhor roteiro original e melhor montagem.

Acima, interpretando Shakespeare numa peça escolar, o aluno Neil (Robert Sean Leonard), o mais radical aprendiz de John Keating (à esquerda, surpreendendo os estudantes de pé nas carteiras e deitado no espaço)

ANTIINTERPRETAÇÃO — Em *Dead Poets Society*, o roteiro de Tom Schulman não poderia estar com melhor amarração. A trágica passagem de um jovem professor de literatura, cheio de ideais revolucionários, pela Welton Academy, cheia de tabus, no ano de 1959, converte-se na tela numa poderosa e envolvente tragédia americana. John Keating é este professor. Ex-aluno brilhante da Welton Academy, um internato linha-dura da Nova Inglaterra para garotos da elite em idade pré-universitária, ele volta à sua

velha escola, depois de uma temporada em Londres. Em sua primeira aula, ele pede a seus pupilos que arranquem as páginas introdutórias de uma antologia poética dos EUA, que trazem um empolado ensaio crítico. "Poesia não se interpreta nem se explica", ensina o professor. A poesia é para se sentir. Segundo as lições de Keating, algumas vocações humanas, como medicina, engenharia etc., são muito importantes, mas a poesia, essência do amor, é a própria finalidade da vida. Seus alunos, seduzidos, aprendem tudo ao pé da letra.

Entre outras aplicações práticas das aulas de literatura, os excitados estudantes reabrem a Sociedade dos Poetas Mortos, fundada por Keating em seus tempos de aluno. Nas reuniões da sociedade secreta, que têm lugar numa caverna nos arredores do internato, à luz de uma fogueira, os meninos declamam, cantam, conversam. Levam ao limite a idéia de liberdade que conhecem a partir da poesia. Os conflitos letais com a direção da Welton Academy, com a fúria dos pais e com os valores da sociedade serão inevitáveis. Na tensão que se impõe entre o fascínio de um belo verso e o pavor da liberdade, constrói-se o filme de Weir.

Trata-se de uma tensão por demais abstrata, e fica a pergunta: o que há nela que seja capaz de ganhar o entusiasmo da platéia fútil dos anos 80, em nada parecida com os universitários dos anos 60? Estes sim, na certa, fariam a glória de um conto de rebeldia. Mas nos anos 80, como se sabe, pouca gente se incomoda com rimas, contemplações e elevados devaneios de espírito. Novamente aí entra a perícia de Weir, consumada na excelência de seus atores. Graças à autenticidade dos intérpretes, ele deu a uma tensão abstrata e poética uma concretude irrecusável.

Fotos Warner

A turma de jovens habituados a gravatas, cerimônias e disciplina promove excursões noturnas, secretas, para se reunir, numa caverna, nas profanas celebrações da Sociedade dos Poetas Mortos

DEUS NA LINHA — Robin Williams como o professor John Keating supreende. Ele soube dosar os cacoetes mais característicos, que fizeram dele um dos comediantes mais requisitados dos últimos tempos. Não está nem um pouco afetado, ainda que faça uma e outra careta inofensiva. Numa das aulas, por exemplo, ele fica de pé sobre a mesa e recita Shakespeare imitando a voz fanhosa do Marlon Brando do Actor's Studio. Engraçado. O professor esbanja recursos para surpreender, divertir e soltar seus alunos. Mas o núcleo do personagem é tenso, sério, inconformado e (por que não?) lírico.

O maior mérito da direção de Weir, contudo, não foi segurar as rédeas de Robin Williams. Foi fazer dos adolescentes que interpretam os estudantes grandes atores de cinema. Neil Perry, o excelente aluno que, contra a vontade do pai, deseja ser ator profissional, é vivido por Robert Sean Leonard com força dramática que só faz se avolumar para explodir ao fim do filme. Todd Anderson, o poeta reprimido que se descobre graças às técnicas liberadoras do mestre, é encarnado por Ethan Hawke. Os dois, ao lado do apaixonado e tímido Knox Overstreet (Josh Charles) e do zombeteiro Charlie Dalton (Gale Hansen) — que interrompe uma solenidade com um telefone na mão para dizer ao diretor que Deus está na linha —, compõem com outros colegas a inebriante

Standard

TEM PROGRAMAÇÃO NOVA NA TV:

INFORMAÇÃO.

NOVO VIDEOCASSETE PHILIPS VR 6558. COM INDICAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO NA TELA.

▶ **1 ANO DE GARANTIA.**

▶ **À VENDA NA ZONA FRANCA DE MANAUS.**

Para a Philips, "tecnologia" significa a maneira mais lógica de fazer as coisas. ▶ Veja por exemplo o novo Videocassete Philips VR 6558: ▶ nele, informações sobre programação e operação são processadas digitalmente e passadas na tela da sua televisão. Tão lógico, não? Afinal, não é pra lá que você olha quando está usando um vídeo? ▶ Com esse recurso, On Screen Display, você programa e opera passo a passo sem tirar os olhos da TV, evitando erros e operações indesejadas. ▶ Outra das atrações que você vai ver na tela é o Calendário, com informações de dia, mês e hora até um mês da data presente, auxiliando a pré-programação de gravações. E é lógico que a Philips não parou por aí. Seus avanços tecnológicos vão muito além: ▶ qualidade de imagem garantida por 4 Cabeças; ▶ Sistema VHS de Busca Indexada - VISS -, que localiza automaticamente para você o início de cada gravação na fita; ▶ Sistema Pal-M/NTSC automático e Controle Remoto com 35 funções, que deixa o controle total do vídeo na ponta dos seus dedos. Agora, o que você tem a fazer é conhecer de perto o novo Videocassete Philips VR 6558. Depois de tanta informação, nada mais lógico, não?

▶ BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS. ◀

PHILIPS

PHILIPS

Peter Weir dirige Robert Sean Leonard, seu melhor ator juvenil

Dead Poets Society. A fotografia de John Seale se sobressai como a cúmplice exata para as intenções de Weir. John Seale, velho colaborador do diretor, elabora as contradições do roteiro no contraste luz e sombra: antigo e jovem, pedra e carne. E transborda os vôos que a imaginação empreende nos braços da poesia com movimentos circulares de câmera, como se a imagem dançasse à musicalidade das palavras. À arquitetura soturna da Welton Academy, em linhas sóbrias dos anos 20, contrapõe-se a caverna selvagem, onde os garotos se reúnem. À luminosidade do outono, o quarto escuro. Ao branco da neve, a prisão da casa familiar sombria.

RODA E SUBLIMA — Mas é nas tomadas circulares que o arrojo de John Seale ganha a cena. Weir escolheu uma narrativa linear para sua história, mas como ela se passa durante o ano letivo inteiro, com as estações do ano bem demarcadas na paisagem, o tempo cíclico (e não linear) da natureza faz contraponto ao tempo reto da sociedade. Outono, inverno, primavera, verão giram em torno da escola. Os fluxos da sensibilidade humana afloram de dentro dos meninos, conspiram contra a disciplina. Aproveitando-se disso, a fotografia estabelece algumas rimas explícitas. Junta fogo e caverna com poesia e desprendimento. Alinha etiqueta e colarinhos e repressão e tradição, assim como opõe giros alucinados à disciplina rígida. Quando os garotos brincam no quarto com a poesia de Todd ou declamam na caverna, a câmera rodopia num furor que se intensifica quando um corte de montagem intercala uma revoada de pássaros em céu claro. A câmera orbita com obstinação em torno de Todd, o garoto reprimido, quando o professor coloca-o diante da classe para que ele diga um poema. Rodando, a câmera o levará à sublimação. O desfecho desta cena giratória, quase vertiginosa, estarrece.

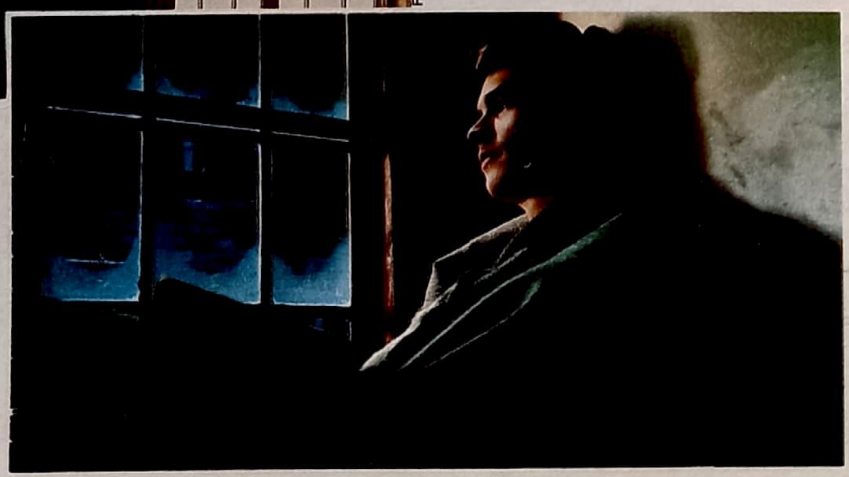
O final do filme também. Em 1959, aqueles adolescentes estavam às vésperas de vivenciar a libertação trazida com os anos 60. Os primeiros poetas *beats* — Jack Kerouac, Alan Ginsberg, Gregory Corso etc. — estavam colocando o pé na estrada, a guerrilha cubana derrubava o governo, incendiando o rastilho de pólvora que foi a luta armada como tática dos revolucionários. Aqueles adolescentes, alunos de John Keating, mal sabiam o que estava por vir, mas se deixavam embalar pelos versos que não faziam a mínima concessão. Na Sociedade dos Poetas Mortos, eles cultuavam os poemas dos grandes da literatura, a começar por Walt Whitman (1819-1892), que, segundo muitos críticos dos anos 60, teria prenunciado os rasgos do movimento *beat* e as flores do movimento hippie. Aqueles meninos da Welton Academy podem ser vistos como símbolo concentrado de toda a geração que ganharia a cena cultural e política nos anos 60.

Como símbolo, e símbolo virgem, o elenco juvenil de *Deat Poets Society* é um poderoso atrativo para o público órfão de valores éticos. Os alunos da Welton Academy ainda não se perderam nos descaminhos dos anos 60, mas encarnam a pureza dos ideais que viraram os costumes de pernas para o ar. O filme de Weir reencontra prazeres que já não eram mais levados a sério, como o sonho, a utopia, o idealismo, e, fundamentalmente, refaz a união da estética com a ética. Precisamente aqui, neste casamento perigoso mas bem-sucedido, está a surpresa (e a principal razão) do seu êxito comercial. Num tempo em que tudo o que trata da beleza das formas desconhece a noção de bem, de liberdade, *Dead Poets Society* é uma espécie de ovelha negra.

Não é um filme preocupado em inovar nem um libelo para acordar as consciências entorpecidas de sucesso e cocaína. Enquanto obra de arte, aliás, *Dead Poets Society* é mesmo antiquado e bastante correto. Enquanto mensagem, é apenas nostálgico. Faz uma profissão de fé de que a melhor poesia pode ser o roteiro da realização individual, de que a beleza é a vocação da existência humana e de que um verso vale uma vida.

Eugênio Bucci SET

Fotos Warner



Acima, o poeta Todd (Hawke), tímido. Ao lado, o sonhador Neil. A liberdade e a luz estão além da vidraça

Dead Poets Society, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Peter Weir ■ Com Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke, Gale Hansen, Dylan Kussman ■ ROTEIRO: Tom Schulman ■ FOTOGRAFIA: John Seale ■ EDIÇÃO: William Anderson ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Wendy Stites ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ PRODUÇÃO: Steven Haft para a Touchstone Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

AGORA EM VÍDEO!

Somente uma vez a cada geração acontece um filme como este!

TOUCHSTONE PICTURES e STEVEN SPIELBERG
apresentam
UM FILME DE ROBERT ZEMECKIS

Veja agora no seu vídeo Uma Cilada para Roger Rabbit. A mais genial mistura de desenhos animados e atores reais, que se tornou um deslumbrante sucesso do cinema mundial. É uma comédia divertidíssima, repleta de efeitos especiais, com muita ação, aventura e romance. Uma Cilada para Roger Rabbit: uma deliciosa diversão para adultos e crianças.

PEÇA NA SUA LOCADORA

Uma cilada para ROGER RABBIT™

VENCEDOR DE 4 OSCAR!

"Oscar®" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood.

TOUCHSTONE PICTURES e STEVEN SPIELBERG apresentam um filme de ROBERT ZEMECKIS com BOB HOSKINS, CHRISTOPHER LLOYD "UMA CILADA PARA ROGER RABBIT" CHARLES FLEISCHER e JOANNA CASSIDY.
Produzido em associação com a SILVER SCREEN PARTNERS III. Música de ALAN SILVESTRI. Produtores executivos STEVEN SPIELBERG e KATHLEEN KENNEDY. Baseado no livro: Who Censored Roger Rabbit? de GARY K. WOLF. Roteiro de JEFFREY PRICE & PETER SEAMAN.
Produzido por ROBERT WATTS e FRANK MARSHALL. Dirigido por ROBERT ZEMECKIS.

AMBLIN ENTERTAINMENT

abril vídeo

ATENÇÃO:
Exija este HOLOGRAMA colado nas fitas Touchstone.
É a sua garantia de qualidade.

TOUCHSTONE HOME VIDEO

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8416
• RJ (021) 295-2089/546-8172 • ES (027) 229-2223 • RS (0512) 34-2772 • DF/GO (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN (081) 224-2124 • BA/SE (071) 240-1543 • MG (031) 227-8014 • PA (091) 226-9130 • AM (092) 234-8164 • PR/Curitiba/Londrina (041) 253-7610 • MT/MS (067) 383-7051 • SC (0482) 23-6975 • MA/PI (098) 227-4105 • MA/Região Sul (098) 741-2152 • CE (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto (016) 625-1316 • Campinas (0192) 31-2355 • Bauru (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraíba - SP (011) 701-1590 • RO (069) 421-4911

© Touchstone Pictures and Amblin Entertainment, Inc.

Cuide da beleza natural desta região.

Não deixe que outras espécies

ameacem sua natureza.

Exija sempre Cuecas by Hering.

São confortáveis, sensuais, elegantes

e jamais destoam destas paisagens

tipicamente brasileiras.

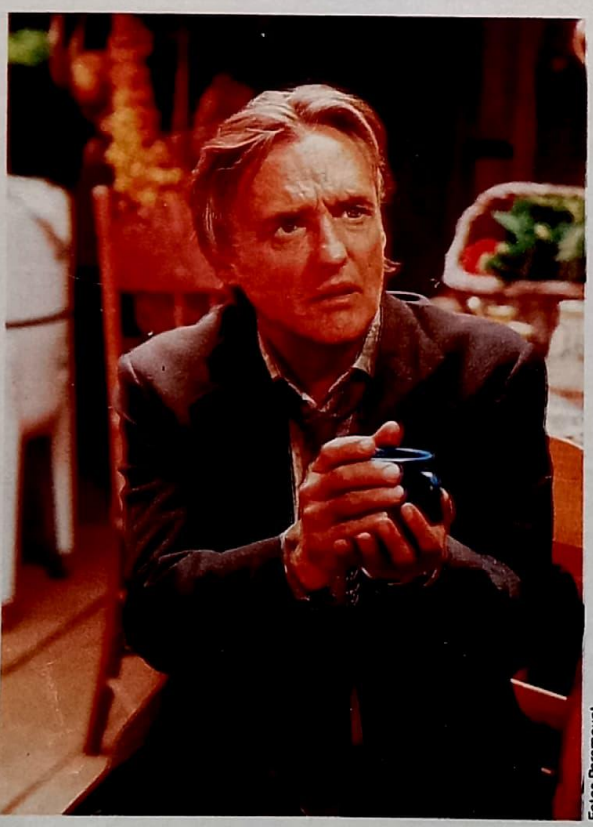
Cuecas by Hering. Gostosas de usar.

Hering

RELÍQUIA VIVA

As conturbadas locações de Flash-back, numa vila do Colorado, trazem Dennis Hopper no papel de ex-hippie perseguido por um agente do FBI

Glenwood Springs, Colorado (população: 4 600), é o tipo da cidade em que todo mundo é branco. Mais que isso: todo mundo é louro, de olhos azuis, e vagamente parecido um com o outro. Sua principal razão de ser é o rio Colorado, que passa espumando e trovejando pelo meio da cidade, levando turistas aos gritos em cima de balsas de borracha. E uma série de minas subterrâneas de água sulfúrica, quente, que os glenwoodenses transformaram em sauna natural e naquilo que os cartazes apregoam como sendo "a maior piscina de água mineral do mundo".



Fotos Paramount

"Isso aqui é terra de caipira, sim senhor", diz o motorista Bob, que alega ter sangue cem por cento navajo e ser amigo íntimo de Mick Jagger e Pete Townsend ("Pete me ligou ontem à noite, quer que eu trabalhe para ele nesta turnê", ele acrescenta, "nonchalantemente"). Bob dirige a maior caminhonete da produção.

"Carbondale. É aí que moram todos os mexicanos da região. Eles e os pretos, os índios. Empurraram todos eles para cá." Bob ajeita seu chapéu emplumado de cowboy, olha de novo pelo espelho. "Terra de caipiras."

Não exatamente um lugar onde se esperaria encontrar Dennis Hopper. Ou uma comunidade hippie completa, com mandalas, horta natural e um velho ônibus pintado com desenhos psicodélicos.

E, no entanto, há três meses, Glenwood Springs não apenas foi o lar do mais famoso ator/diretor dos anos 60 como de uma perfeita comuna alternativa, com todos os detalhes, inclusive o do ônibus. E, apesar de a região ser também guarida de verdadeiros refugiados dos anos 60, desta vez tudo é rigorosamente falso — as cabanas de madeira são meras fachadas, o ônibus foi alugado de uma escola local e pintado psicodelicamente por estudantes de artes plásticas.

Glenwood Springs não entrou no túnel do tempo, embora deva estar, ainda, refazendo-se do choque cultural — entre abril e junho, a pequena cidade foi cenário de um genuíno filme hollywoodiano: *Flashback*, estrelado por Dennis Hopper e Kiefer Sutherland e dirigido pelo italiano Franco Amurri. "O rio, as florestas, mas sobretudo a estação de trem, nos fizeram escolher Glenwood Springs", explica o produtor Marvin Worth, que tem cabelos longos e grisalhos e uma carreira com intensa participação nos anos 60 — ele assinou, entre outros, *Lenny*, *A Rosa* e *Patty Hearst*. "O filme tem quase toda a sua ação principal restrita a uma região não especificada do Oeste americano, onde comunidades hippies sobrevivem entre as montanhas — e, em diferentes momentos, seus protagonistas precisam de um rio e de um trem para desenvolver suas aventuras. E Glenwood Springs tem os dois, mais os bosques e muito espaço barato para se pôr um estúdio" explica Worth — e, de fato, além da comunidade, a produção armou um estúdio, para cenas de interiores, num galpão da estrada de ferro. Manter todo mundo feliz numa cidade de menos de cinco mil habitantes já é outra história.

SOBREVIVENTES — Worth diz que tudo correu muito bem e que o máximo de emoção que todos tiveram foi o cerco constante de louras adolescentes locais ao quarto de Kiefer Sutherland, no Hotel Colorado, o mais luxuoso do lugar. Mas não é bem isso que se revela num par de visitas ao set — instalado numa clareira da floresta, em pleno rancho Blue Creek — e algumas conversas com os cento e tantos integrantes da equipe. Num nível puramente pessoal, é duro aturar o tédio dos longos dias e frias madrugadas de filmagens numa cidade onde os jornais anunciam, como grande atração do fim de semana, "sensacional leilão de porcos de raça".

Flashback é, no mínimo, um projeto complicado. Desenvolvido por Marvin Worth a partir de um argumento de David Loughery — autor de *Star Trek V*

—, *Flashback* conta, em tom de comédia, a história de um ex-militante hippie dos anos 60 que, após duas décadas de exílio voluntário na clandestinidade, reemerge não apenas para ser preso por um jovem ambicioso agente do FBI, mas para, sobretudo, perseguir fama e fortuna com um livro autobiográfico. Depois de muita relutância de parte a parte, Dennis Hopper foi escolhido para o papel do ex-hippie — Worth temia que Hopper, seu amigo pessoal, não se desse bem com comédia, e Hopper não queria ser posto no elenco como uma relíquia viva dos anos 60. A partir de Hopper, o resto do elenco principal foi escolhido — Kiefer Sutherland, filho de Donald, como o agente do FBI ("a empatia entre ele e Hopper foi imediata", diz Worth. "Kiefer é incrivelmente talentoso", ecoa Hopper) e Carol Kane (vista pela última vez em *Os Fantasmas se Divertem*), como líder da comunidade hippie onde os dois acabam indo dar com os costados.

Para dirigir *Flashback*, Worth recrutou o italiano Franco Amurri, que, aos 30 anos, não podia sofrer de nostalgia aguda dos anos 60 — coisa que tanto Worth quanto Loughery queriam. E, com apenas dois filmes em sua carreira, não cobraria uma pequena fortuna pelo trabalho, estourando o orçamento (modesto) de 13 milhões de dólares.

Os problemas aconteceram quando todos estes elementos foram postos juntos no set isolado das montanhas do Colorado. Primeiro, tédio e depois, irritação, misturando-se a um fato que se tornou dolorosamente óbvio: Amurri não estava se entendendo nem com o esquema americano de fazer filmes (esta é sua primeira incursão em Hollywood) nem com Dennis Hopper ("ele é um ótimo ator mas uma pessoa... difícil", Amurri diz, em voz baixa, num intervalo das filmagens). E, sendo diretor, ele tem sua própria opinião sobre como fazer o trabalho. "Franco é ótima pessoa, um cavalheiro. Mas, como diretor, ele está bom para ser gerente de um hotel na Riviera", Hopper diz, às gargalhadas.

ENSOPADOS DE LAMA — Altas horas da noite, quando as temperaturas primaveris das montanhas do Colorado começam a despencar rumo ao zero — onde ficarão até a manhã —, os problemas de *Flashback* tornam-se claramente visíveis aos visitantes que se esgueiram por entre fios, cabos, trilhos e multidões de técnicos e operários, numa clareira do rancho Blue Creek. As equipes são disciplinadas, mas estão cansadas — há horas eles arrumam e desarrumam árvores e galhos, "plantando" pinheiros em trechos mais ralos do bosque, subindo e descendo potentes lâmpadas e arcos voltaicos, inclusive um que dá uma tonalidade azulada, imitando luar, e é conhecido como "A lua" ("suspende a lua mais um pouquinho", ouve-se no set, surrealisticamente). A questão é que Amurri não consegue se decidir sobre os ângulos e movimentos. Tensão e irritação estão crescendo no set.

Quando Sutherland e Hopper emergem de seus trailers para serem devidamente ensopados de lama e começarem a ensaiar uma cena em que ambos estão perdidos na floresta, Marvin Worth e o assistente de direção praticamente tomam o poder, e estão firmemente plantados atrás da câmera dando ordens, enquanto Amurri limita-se a abanar a cabeça, concordando, e a ajeitar galhos de árvores. Com o ensaio e, logo a seguir, a filmagem, as coisas não melhoram muito. Hopper pára a cena dúzias de vezes, reclama do barulho no set, discute sobre ângulos, diz que a movimentação marcada para ele está artificial e que vai mudar o diálogo porque um cara dos anos 60 jamais falaria desse jeito.

Alta madrugada, os visitantes partem em retirada rumo aos rústicos confortos de Glenwood Springs, deixando Hopper a discutir, aos brados, dentro do seu trailer, enquanto, na floresta, as exaustas equipes de apoio penduram interminavelmente luzes entre galhos e pinheiros.

Se tudo der certo, *Flashback* verá a luz das telas em abril de 1990.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Na página oposta, Hopper, como o sobrevivente dos anos 60. Acima, Kiefer, o jovem agente do FBI. À esquerda, entre um take e outro

TOMA QUE O PAI É TEU

Fotos UPI

Reflexão cômica sobre males e benesses da paternidade, O Tiro Não Saiu pela Culatra *traz um elenco de primeira — estrelado por Steve Martin, Jason Robards e Rick Moranis — para contar uma história recheada de pequenas anedotas cotidianas*

Um belo dia, bem no início das reuniões de pré-produção com George Lucas acerca do projeto *Willow*, Ron Howard entrou numa de suas "fases reflexivas". "Eu comecei a pensar na minha vida. Em tudo que tinha feito, do ator-criança que fui até o diretor que tinha me tornado, tentando avaliar qual fato seria o maior agente de mudanças em tudo o que eu já havia feito, o que havia me impulsionado nesta ou naquela direção e realmente transformado minha vida."

A conclusão foi um tanto inesperada — nem seu sucesso como ator de TV (em vários seriados familiares, dos quais o mais bem-sucedido foi *Happy Days*), nem sua amizade com George Lucas (que lhe deu um bom papel de ator em *American Graffiti* e, depois, incentivou e ajudou sua carreira de diretor), nem sua aliança com o produtor Brian Crazer (com quem fundou a superbem-sucedida produtora independente Imagine, responsável por filmes como *Splash*, *Night Shift* e *The Dream Team*), nada disso acabou saindo do balanço como o grande fato que mudou a vida deste jovem diretor.

"Ser pai foi a coisa mais extraordinária que me aconteceu", Howard descobriu. "Nada alterou tanto minha visão de mundo e minha vida cotidiana quanto tornar-me pai." Entretanto, logo a seguir, na alucinante rotina de produção de *Willow*, Howard foi catapultado diretamente para o centro de suas reflexões: para não ficar muito tempo longe de sua família (mulher grávida, uma filha de seis anos e duas gêmeas de dois), Howard levou a tropa toda consigo dos Estados Unidos para a Nova Zelândia e de lá para a Inglaterra. "E, Deus me ajude, nada faz você ficar mais alerta com as crianças do que viajar com elas!", Howard relembra às gargalhadas.

Sobrevivendo a esse turbilhão e conversando com seus amigos, especialmente com o sócio Brian Crazer e os escritores Lowell Ganz e Babaloo Mandel, Howard percebeu três coisas: "Uma é que a experiência paterna era comum a nós todos; outra era que aquilo, claramente, era um filme. A terceira é que todos nós ríamos muito quando contávamos nossas aventuras com a garotada. O filme, portanto, tinha fortes elementos de comédia".

E foi assim que nasceu *O Tiro Não Saiu pela Culatra*, uma terna reflexão sobre as delícias e os tormentos da paternidade, contados por Ron Howard e companhia: "Fizemos as contas: juntando a filharada dos roteiristas, de Brian e os meus, chegamos a 15 crianças!". E vividos por um elenco de primeira categoria: Jason Robards como um patriarca amoroso mas distante; Steve Martin, Dianne Wiest, Tom Hulce e Harley Kozak como seus quatro filhos — um paizão ansioso (Martin), uma divorciada aguerrida (Wiest), uma yuppie obsessiva (Kozak) e um caçula desligadão (Hulce), que "herda" o filho de uma namorada; Rick Moranis como o genro ultra-yuppie disposto a tentar todas as técnicas de educação moderna na filha de dois anos; Mary Steen Burgen como a nora relax, tipo mãezona, eixo de normalidade; Martha Plimpton e Leaf Phoenix (irmão de River) como um par de netos adolescentes, filhos de Wiest, com uma quota saudável de problemas; e Keanu Reeves como o clássico namorado indesejável, apêndice aflitivo do lar de Wiest e companhia.

FURIOSA PETIZADA — Estreando no início de um verão coalhado de astros e heróis de grosso calibre, esta semicomédia singela não fez feio nas telas americanas: mais de 70 milhões de dólares em ingressos com dois meses em cartaz. O charme do elenco e o poder de atração do nome Steve Martin decerto contribuíram, mas é na história mesmo que o filme

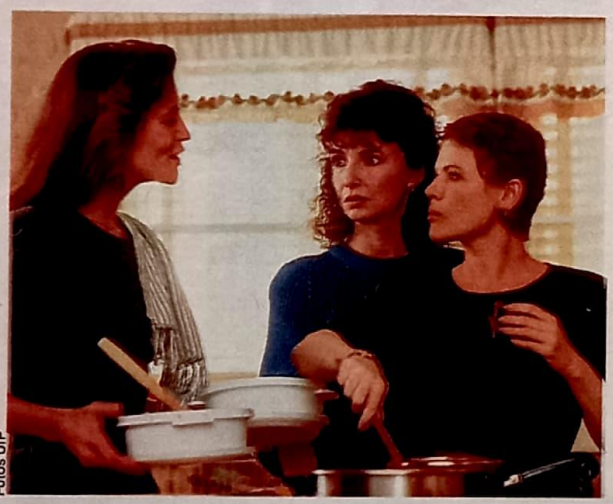
Martin no filme de Ron Howard: virando um guri de pernas pro ar na página oposta, divertindo a gurizada com balões (ao lado) e fazendo compras com os petizes (abaixo)

tem capturado a imaginação das platéias. Como pais e/ou como filhos, qualquer um pode se identificar com as diversas situações que Howard costura na trama. O irmão folgado que só aparece para filar almoço e pedir dinheiro emprestado. O pré-adolescente que descobre o sexo e não sabe o que fazer com ele. A "paixão imortal" que dura um fim de semana e termina em gravidez. A temida reunião na escola, na qual se descobre que aquele filho tão normal está apresentando "comportamento problemático". E mais: festinhas de aniversário, febres no meio da noite, vômitos, dessaranjos, palavrões de origem não especificada, reuniões de família.

Há cenas preciosas. A sensacional descoberta do vibrador de estimação com que Dianne Wiest compensa sua prolongada e amarga solteirice; Rick Moranis tentando ensinar artes marciais a sua filha de dois anos; Steve Martin substituindo um desses animadores de festas de aniversário e fazendo truques canhestros para entreter a furiosa petizada.

Como num bom filme europeu, Howard conduz sua história com estas anedotas, estes pequenos episódios arrancados do cotidiano, sem revisti-los nem de especial bravura nem de banal mesquinharia. As mulheres talvez se ressintam do papel secundário ao qual foi relegado seu ponto de vista — mesmo com a luminosa performance de Dianne Wiest. Afinal, Howard admite que Gil, o personagem de Steve Martin, é o foco de toda esta minissaga familiar e que "os papais que há em todos nós" inspiraram sua narrativa. "Nós percebemos que havia uma falha na história, que era o ponto de vista da mulher", Howard conta. "Por isso tratamos de fazer entrevistas com nossas mulheres e com as mulheres dos amigos, para pegar nem que fosse um pouco dessa informação."

O final, quando uma nova geração da família faz uma apoteótica entrada em cena, também chega um pouco perto demais da pieguice. Mas Howard defende seu ponto de vista: "Nada foi resolvido de verdade naquele final. É apenas uma trégua na vida daquelas pes-



Fotos UIP

Harley Kozak, Mary Steenburgen e Dianne Wiest em momento culinário (acima); Rick Moranis com a filha (ao lado)

RICK MORANIS E OS NOVOS COMEDIANTES

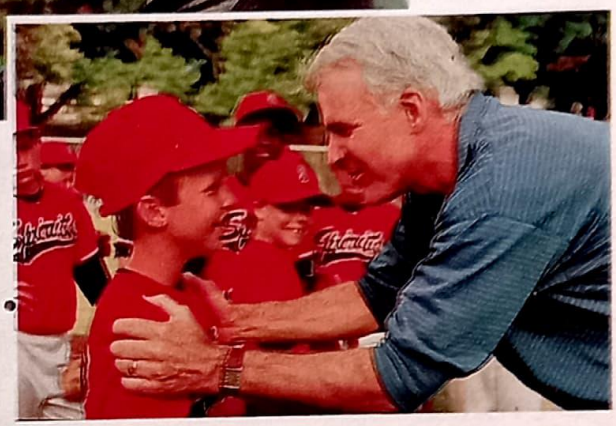
Na ala masculina da complicada família de O Tiro Não Saiu pela Culatra, *a segunda grande estrela é, sem dúvida alguma, Rick Moranis. Sua escalação para o papel já é uma sacada: em vez dos tipos maluquinhos que o fizeram célebre nas telas — o atormentado lojista Seymour, de* A Pequena Loja dos Horrores; *o contador possuído de* Os Caça-fantasmas; *e, mais recentemente, o cientista desligado do supersucesso Disney deste verão,* Querida, Encolhi as Crianças —, *Moranis faz um pai caretérrimo, seriíssimo, inteiramente dominado pela obsessão de tornar sua filhinha um Einstein de saias, de preferência antes de ela entrar para a escola primária. Como nas melhores comédias — e como acontece aos melhores comediantes —, o Nathan de Moranis não tem a menor noção do quão hilariantes são suas idéias pedagógicas. Para ele, trata-se de exaltada missão paterna, que ele executa com o rigor de uma operação militar enquanto, é claro, a platéia se arrebenta de rir. "Nathan é puro, sincero ", Moranis conta. "Eu só podia interpretá-lo assim; de outra forma, não faria sentido."*

Com a estréia de O Tiro Não Saiu..., *Moranis fechou o melhor verão de uma carreira que — como no caso de tantos outros comediantes famosos — começou na TV, com o programa* SCTV. *Com três filmes nas telas* Os Caça-fantasmas 2, Querida, Encolhi as Crianças *e* O Tiro Não Saiu..., *Moranis pode se considerar estabelecido. E, no aluvião de scripts que lhe foram oferecidos, escolheu "com o máximo cuidado" trabalhar de novo ao lado de Steve Martin, na comédia* My Blue Heaven. *"A parte mais difícil não é aceitar, mas rejeitar os scripts certos", diz Moranis. "Neste ofício, principalmente com comédia, tem-se que lutar para não ficar estereotipado."*

Ele está certíssimo. Canadense de Toronto, Moranis alinha-se com seus conterrâneos Catherine O'Hara e Jeffrey Jones (os donos pós-modernos da casa mal-assombrada de Os Fantamas se Divertem) *na ala cerebral da*

soas; os problemas ainda estão todos lá, e a gente sabe que eles vão continuar lutando para resolvê-los". E de fato a família de *O Tiro Não Saiu...* não é como as das comédias de TV, em que tudo dá certo e crises se resolvem em 30 minutos, com intervalos para comerciais. "Isso era exatamente o que nós não queríamos", conta Howard, que foi tantas vezes o filho-modelo de "famílias" assim. "Não queríamos um esquema 'papai sabe tudo'. Queríamos ir além, fazer as coisas um pouquinho mais arriscadas, mais duras, como na vida real. É tão difícil ser pai ou mãe hoje; as dúvidas são tão imensas. Como cineasta e como pai, sei que situações ideais não existem."

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles



Jason Robards é o patriarca Frank e Tom Hulce, o caçula desligado (ao lado); abaixo, Martin e o filho atleta

Parenthood, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Ron Howard ■ Com Steve Martin, Mary Steenburgen, Dianne Wiest, Jason Robards, Rick Moranis, Tom Hulce ■ ROTEIRO: Lowell Ganz e Babaloo Mandel, baseado na história de Lowell Ganz, Babaloo Mandel e Ron Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Todd Hallowell ■ FOTOGRAFIA: Donald McAlpine ■ MÚSICA: Randy Newman ■ PRODUÇÃO: Brian Crazer ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

nova comédia americana, formada pelos egressos do SCTV *— que fez pela comédia nos anos 80 o mesmo que o programa* Saturday Night Live *conseguiu nos 70, ou seja, ser um berço e uma escola de jovens talentos. E, diante do fato óbvio de que muitos comediantes tornam-se célebres apesar dos péssimos filmes que fazem (quem pode saudar sem reservas os últimos "veículos" de Chevy Chase e Dan Aykroyd ou mesmo Eddie Murphy), Moranis tem razão em sua estudada cautela.*

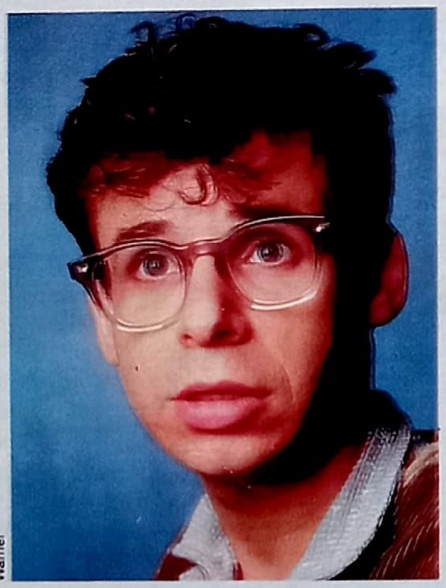
Na outra ponta do espectro de novos comediantes estão os intuitivos, formados nos clubes e teatros — comédia ao vivo é um dos business *de maior lucratividade nos Estados Unidos hoje. É uma leva ainda em estado bruto, cuja veia cômica tem raízes no vaudeville e não na arte dramática. Sua estrela suprema é Roseanne Barr, que é feia, gorda e grossa e, apesar ou por causa disso tudo, estrela absoluta na TV, com um show que leva seu nome, no qual ela interpreta... uma dona de casa feia, gorda e grossa. Barr estréia no cinema este ano, ao lado de uma parceira e tanto (Meryl Streep), no filme* She Devil, *em que faz o papel de... sim, uma dona de casa feia, gorda e grossa.*

As contrapartidas masculinas de Roseanne Barr são os gorduchos, feios e grossos Sam Kininson (cuja persona *é uma mistura de cafajeste com metaleiro e que tem brevíssima carreira cinematográfica, mas é sucesso nos clubes) e Bobcat Goldwaith (que fica na linha angustiado-patético e já foi visto em diversos filmes da série* Loucademia de Polícia*).*

*Nem gordo nem grosso é "Weird" Al Yankovic, que vem de uma carreira de enorme sucesso no rádio e no disco, com parodias de canções célebres (*Eat It, Fat*), e acaba de estrear nas telas em* O Vidiota da UHF, *uma espécie de pretexto para colagem de diversas sátiras.*

E nem um pouco gordo, mas batendo todos os recordes de grossura é Andrew Dice Clay, cuja especialidade é ofender qualquer ser vivo que não seja homem, branco e americano, e que, depois de uma ponta no filme Casual Sex, *está fazendo seu primeiro papel de protagonista num projeto escrito sob encomenda para ele — que Deus nos acuda!*

É de certa forma exemplar esta safra de comediantes para os anos 90, dividida exatamente entre ironia e grossura, sem quase nada no meio. Com 252 comédias prontas para estrear e 579 sendo filmadas, Hollywood parece estar dizendo que o absurdo e a caretice na América deste fim de século não podem ser abordados de nenhuma outra forma. A.M.B.



Warner

Warner

Rick Moranis (ao lado) vive um pai que pretende transformar a filha num Einstein de saias. Em Querida, Encolhi as Crianças *(abaixo), sucesso nos EUA*

STEVE MARTIN

Comediante com status de ator, ele evoluiu da comédia maluca para papéis com desenhos mais sutis; já fez* Esperando Godot *na Broadway e agora espera encontrar um bom diretor europeu

Quando a família de Steve Martin mudou-se para o subúrbio de Anaheim, a uma hora de Los Angeles, seus pais mal podiam saber o que estavam realmente fazendo: despertando uma carreira adormecida. Anaheim abriga dois dos maiores parques de diversões da Califórnia e dos Estados Unidos — Disneylândia e Knott's Berry Farm. E muito em breve o adolescente Steve — que já era, em sua própria definição, "o palhaço da turma" na escola — estava freqüentando os parques, não como visitante mas como funcionário, trabalhando nas lojas que vendiam truques de mágica e *gadgets*. E, rapidamente, aprendendo truques com balões, sua especialidade — tornando-se uma das atrações no rol de entretenimento.

Das esquinas do mundo da fantasia para as telas de Hollywood e uma bem-sucedida carreira como ator e autor, foi uma trajetória não muito longa.

Fiel a sua veia cômica — que tem ressonâncias afetivas, como ele explica nesta entrevista exclusiva —, Martin foi trabalhar como roteirista de programas humorísticos de TV e depois como comediante em clubes e teatros, até ser definitivamente atraído pelo cinema, no final dos anos 70, com o filme *O Panaca* — não sem antes cumprir uma temporada no antológico programa de TV *Saturday Night Live*, contracenando com Eddie Murphy e Dan Aykroyd (Martin recusa-se a rever esses programas hoje, porque diz que não se considera engraçado neles e fica "constrangido"). No cinema, sua carreira foi serena, evoluindo sensatamente da comédia maluca, tipo *Cliente Morto Não Paga*, *Três Amigos* e *O Médico Erótico* (ou *Homem de Dois Cérebros*), para desempenhos mais contidos e repletos de nuances, como *Roxanne* e *Os Safados*. E até uma montagem teatral séria, *Esperando Godot*, ao lado de Robin Williams, na Broadway. Diretores e colegas só costumam ter elogjos para Martin. Ao contrário da maioria dos comediantes, ele é cerebral, metódico, intelectualizado e faz para seus personagens o tipo de preparação que, em geral, atores dramáticos da escola Strasberg desenvolvem para suas *performances* — cria um passado, motivações, desejos. Bill Murray, que contracenou com ele numa cena clássica de *A Pequena Loja dos Horrores*, conta que, só para aquele breve instante no consultório do dentista, Martin envolveu-se em intermináveis ensaios e chegou a mudar de sua casa em Los Angeles para Nova York — onde Murray mora —, só para poder desenvolver com o parceiro a dinâmica da cena.

Ron Howard, que o escolheu para o papel central de *O Tiro Não Saiu pela Culatra* — Gil, o paizão bom e aflito — porque "não havia nenhum ator que se encaixasse tão perfeitamente nas sutilezas do personagem", tem lembranças de inúmeras reuniões com Steve para definir coisas como uma corrida de Gil comemorando um triunfo esportivo do filho ou se ele deveria ou não fazer truques com balões numa cena (hilária) de festa de aniversário. "Steve achava que ia fazer os truques bem demais, porque ele é um especialista nisso", Howard conta. E isso estragaria a credibilidade do personagem. (Martin achou um jeito de fazer os truques canhestra e convincentemente.)

Com *O Tiro Não Saiu...* ainda nas telas, Steve Martin está partindo agora para mais dois projetos; como ator, ele começa a filmar no final de outubro a comédia *My Blue Heaven*, ao lado de Rick Moranis e Joan Cusak, dirigido por Herbert Ross. *Heaven* conta as agruras de uma testemunha num processo contra o crime organizado, que é obrigada a assumir uma nova identidade para escapar dos sócios dos bandidos que ajudou a mandar para a cadeia.

Como ator, autor e co-produtor, ele ataca, logo depois, num filme que ainda tem o título provisório de *L.A. Story* e que define como uma história de amor passada em Los Angeles. Uma dica sobre o que pode vir a ser esse projeto secreto Steve dá no finzinho da conversa, quando fala de como quer ser dirigido por europeus, especialmente Volker Schlondörff.

SET — *Como você, que não é pai, saiu-se tão bem no papel de superpai, personagem central de* O Tiro Não Saiu pela Culatra*?*

STEVE MARTIN — Bom, posso não ser pai, mas já fui criança.

Acho que peguei meu ponto de vista a partir daí. Depois, eu vivia cercado de crianças no set: as famílias dos atores, os atores infantis, as famílias deles. Havia milhares de crianças à minha volta! Era fácil entrar no clima certo!

SET — *É difícil contracenar com crianças?*

MARTIN — A base de tudo tem de ser a sinceridade, quando se trabalha com crianças; com atores adultos, não, você pode simplesmente representar. Com crianças, tem de haver algo mais. Então eu simplesmente fui com calma, devagar. Fiz a garotada gostar de mim; fazia truques de mágica para ela... Eles adoraram!

SET — *Sente-se mais confortável com crianças agora? Pensa na possibilidade de, talvez, ser pai de verdade?*

MARTIN — Hummm... Só se fosse como no set. Eu já disse isso antes: seria ótimo ter filhos se eles ficassem com você das oito às cinco, com as noites e fins de semana livres. No set, é ótimo: você chega, lhe vestem todo, diverte a molecada. Depois, eles vão para casa, para os pais deles, que têm de aturar a confusão... Além do mais, se alguém vomita em cima de você, rapidamente vem um assistente e limpa sua roupa ou lhe dá roupas novas...

SET — *Você era engraçado quando era garoto?*

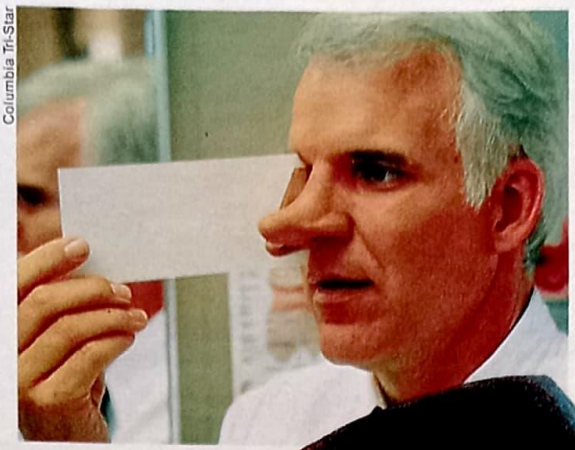
MARTIN — Era, era sim. Eu era o palhaço da turma; na minha classe, fazia imitações... Não, não sei de quem tirei isso. Meu pai é um sujeito muito engraçado. Mas acho que a maior parte de meu senso de humor veio da TV, de coisas como *Os Três Patetas*. Foi um grande acontecimento na minha vida, em 1955, quando papai apareceu com uma televisão lá em casa.

SET — *Por que você se sentiu atraído justamente pela comédia?*

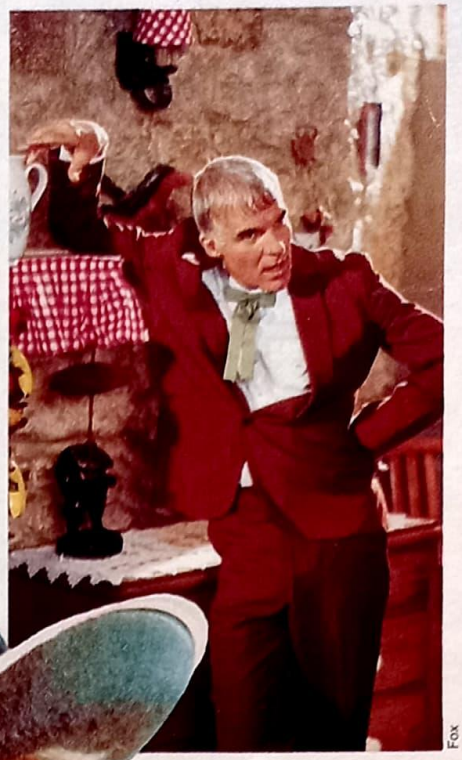
MARTIN — Engraçado, eu estava pensando nisso justamente durante estas filmagens. Eu me dei muito bem com Mary Steenburcen (*que faz o papel de sua mulher no filme*) e, até inconscientemente, agia comicamente com ela, fazendo palhaçadas. Sabe por quê? Só para vê-la rir. Eu gosto de ver alguém rindo de mim. Tem a ver com afeição, com amizade... e depois eu acredito plenamente que as pessoas ficam felizes quando riem. Deve ter algum elemento químico que o corpo produz, sei lá... Um dia os cientistas ainda vão descobrir.

SET — *Além do elemento afetivo, você é dos que acreditam que a comédia pode fazer pensar?*

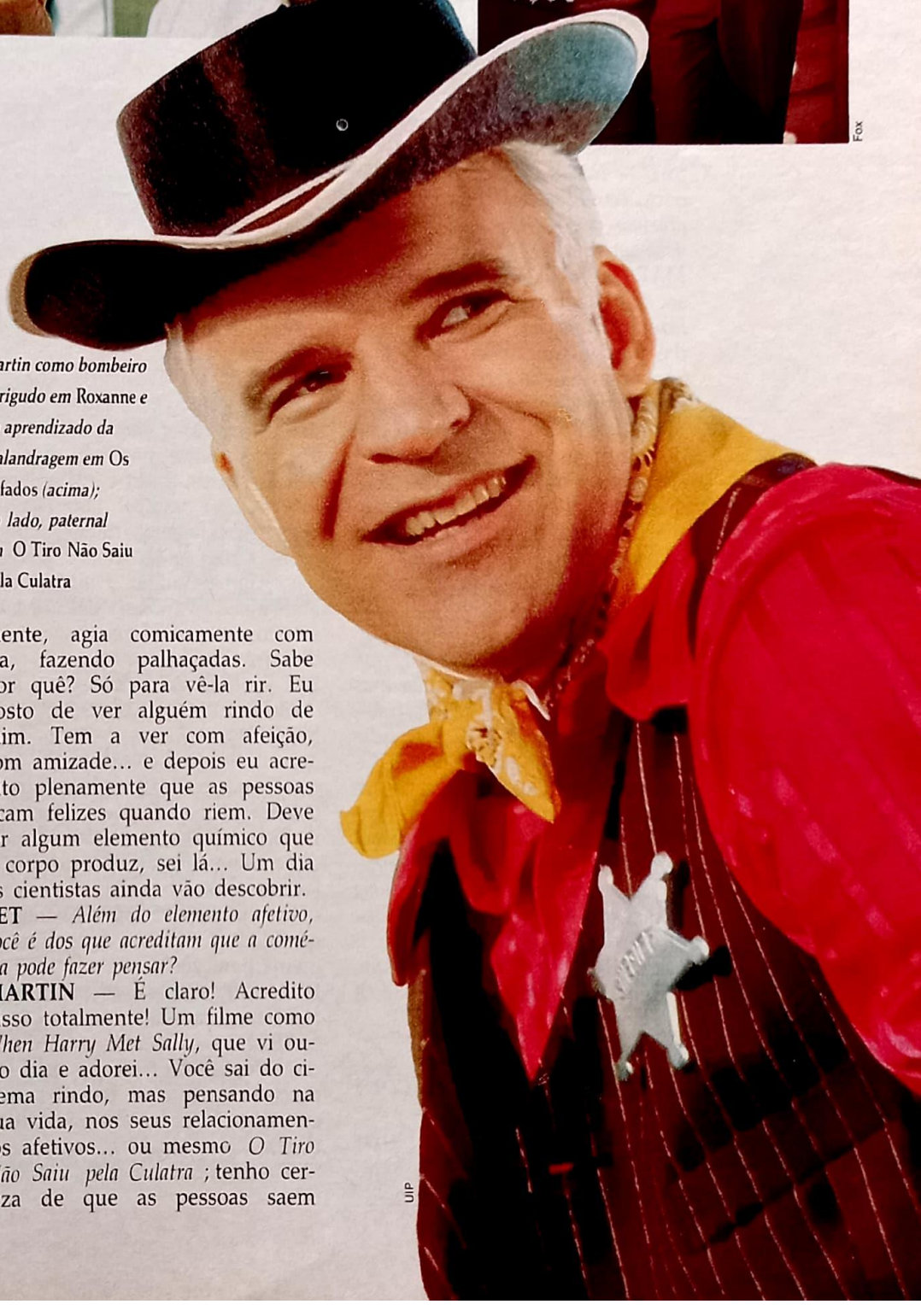
MARTIN — É claro! Acredito nisso totalmente! Um filme como *When Harry Met Sally*, que vi outro dia e adorei... Você sai do cinema rindo, mas pensando na sua vida, nos seus relacionamentos afetivos... ou mesmo *O Tiro Não Saiu pela Culatra* ; tenho certeza de que as pessoas saem



Columbia Tri-Star



Fox



UIP

Martin como bombeiro narigudo em Roxanne *e no aprendizado da malandragem em* Os Safados *(acima); ao lado, paternal em* O Tiro Não Saiu pela Culatra

Steve Martin "com a cachorra" em O Panaca, *num momento de nu explícito*

pensando em suas vidas como pais e como filhos. E sentindo-se bem.

SET — *Você começou sua carreira profissional como comediante ao vivo, em parques de diversões e depois em clubes e teatros. Por que parou no auge da popularidade?*

MARTIN — Porque não dava mais. Eu me sentia esgotado. Estava cada vez mais difícil criar textos e situações novas. E a platéia parecia exigir sempre a mesma coisa, o mesmo Steve Martin... Depois que fiz meu primeiro filme, *O Panaca*, eu soube, com total certeza, que jamais pisaria num palco como contador de piadas.

SET — *Depois do sucesso de* O Panaca, *você ficou confuso quanto a seu próximo passo? Não temeu ficar de novo aprisionado por uma situação?*

MARTIN — Fiquei muito confuso. Ninguém me pressionou para fazer *O Panaca 2* ou coisa parecida, mas foi uma crise para mim. Será que eu ia ficar repetindo aquele tipo de papel por toda a minha vida? Eu ainda não sabia distinguir um bom de um mau script ou avaliar as pessoas com quem se vai trabalhar. Esse é um tipo de educação que só vem com o tempo neste ofício.

SET — *O que tirou você desse impasse?*

MARTIN — O surgimento do script de *Pennies from Heaven*, que não era um comédia rasgada mas um musical. Vi logo que se tratava de um bom texto. Eu podia não entender de script, mas certamente sabia ver o que era um bom texto.

SET — *Quando sua carreira cinematográfica já estava firmente estabelecida, você se deu ao luxo de fazer uma ponta em* A Pequena Loja dos Horrores. *Por quê?*

MARTIN — Novamente, porque o script era excelente. É tão difícil aparecer um bom texto neste ofício! Acho que aparece um em cada dois anos! Quando li *Loja*, disse a mim mesmo: "Isto é um bom filme!". Nunca penso realmente sobre o tamanho ou importância do papel, engraçado. Minha preocupação é estar num bom filme.

SET — *Foi essa preocupação que o levou a escrever* Roxanne *para você mesmo?*

MARTIN — Quando reli *Cyrano de Bergerac*, eu vi claramente que ali estavam piadas do século XIX perdidas numa grande trama cômica. Que tudo aquilo podia ser transposto para piadas do século XX. E teríamos uma história moderna. Foi assim que tudo começou.

SET — *Correram muitos rumores acerca do clima tenso no set de filmagem de* Três Amigos, *dirigido por John Landis — um diretor que depois veio a ter problemas com outros atores, inclusive Eddie Murphy. O que aconteceu?*

MARTIN — Tive vários filmes com situações tensas e desagradáveis no set. Mas não vou falar sobre isso. Entre nós três, Chevy Chase, Martin Short e eu, o clima foi o melhor possível. Somos amigos e nos falamos muito depois desse filme; aliás, saímos de férias, minha mulher e eu, com o Martin e a mulher dele. Mas, sim, tivemos divergências com o diretor.

SET — *E que tal trabalhar com Michael Caine em* Os Safados?

MARTIN — Acima de tudo, fora de cena não há coisa melhor que trabalhar com Michael. Um almoço com Michael Caine é uma das melhores coisas que existem. Ele é tão tranqüilo, tão divertido, não leva nada muito a sério... Você fica desejando que algumas dessas qualidades passem instantaneamente para você.

SET — *Você acha que, para o público, é um comediante ou um ator?*

MARTIN — Um ator, sem dúvida. Mas acho também que foi preciso dez anos de trabalho para que isso fosse estabelecido com clareza.

SET — *Você faria um papel dramático?*

MARTIN — Faria. Mas teria de ser algo muito bem escrito, algo especial; não poderia ser uma situação absurda. Teria de ser, digamos, algo como *O Tiro Não Saiu...* sem as partes engraçadas.

SET — *Você é famosíssimo nos Estados Unidos mas ainda um pouco cult no exterior. Como você encara essa situação?*

MARTIN — Eu acho ótimo. Gosto do fato de ser meio *underground* no exterior. É um processo gradual mesmo. Na Alemanha, por exemplo, o público é dividido quanto a meus filmes e gosta das comédias rasgadas, como *O Médico Erótico*, mas rejeitou *Roxanne*, porque era romântico.

SET — *Você percebe que influenciou muita gente?*

MARTIN — Influenciar é uma coisa. Copiar é outra. Infelizmente, o que eu vejo são muitas cópias de Steve Martin por aí. Porque admito que sou muito facilmente copiável; tenho um trabalho muito definido.

SET — *O que existe no futuro para você?*

MARTIN — Ainda estou na captura do grande filme. Ele está lá fora, em algum lugar. Sei que meu destino é trabalhar com diretores europeus.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

"Depois que fiz* O Panaca *soube, com total certeza, que jamais pisaria num palco como contador de histórias"

VOCÊ VAI MORRER

DE MEDO!

Chegou TERROR e FICÇÃO!
Uma reunião de todos os clássicos do gênero numa edição especial, onde você vai saber tudo sobre os mestres do horror, bater um papo com o monstro Freddy Krueger e conhecer o Segredo do Abismo.
TERROR e FICÇÃO traz ainda a trajetória do Batman através dos tempos e os 25 anos de Jornada nas Estrelas.
E mais: Uma seleção com os 100 melhores vídeos do gênero!
Está tudo aqui. Calafrios, pesadelos, TERROR e FICÇÃO.
Essa vai ser de arrepiar!

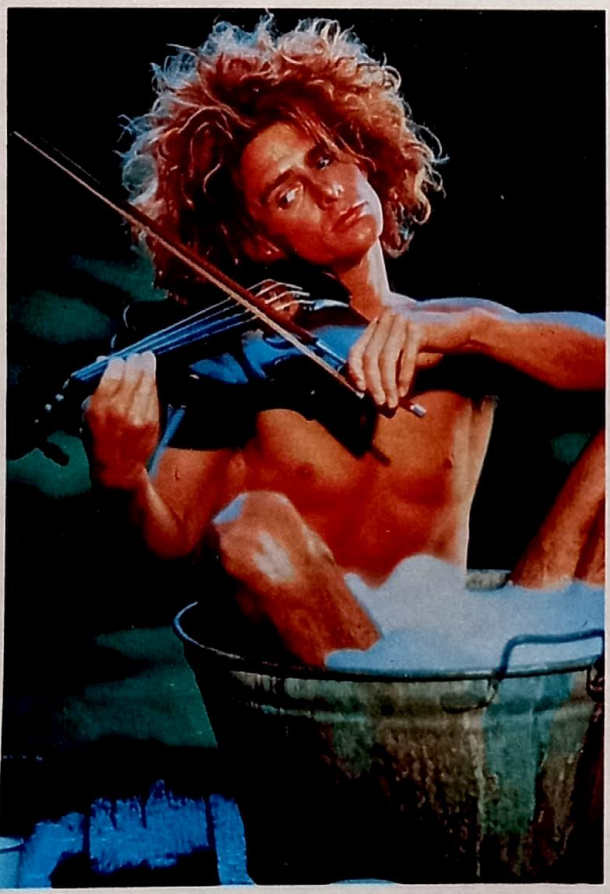
NAS BANCAS **GRÁTIS 2 SUPERPOSTERS**

EDITORA AZUL

O MAIS PINEL DOS MESES

Columbia Tri-Star

Novembro promete mais risos do que era de se esperar, com uma série de comédias francamente divertidas e despretenciosas



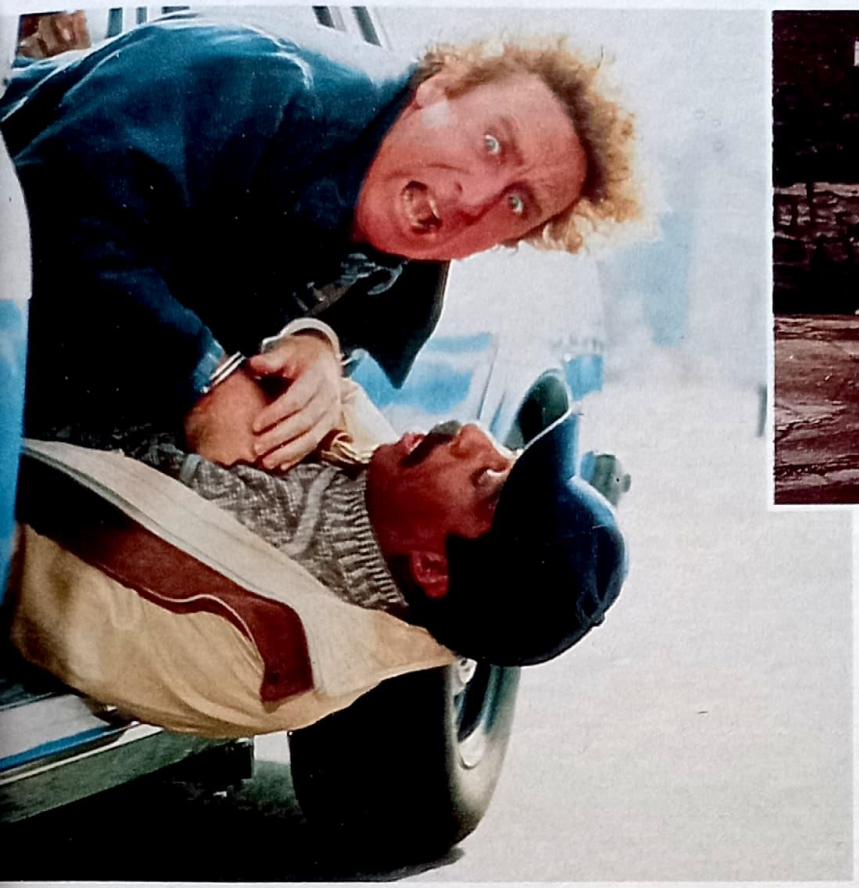
Warner

O JOVEM EINSTEIN

O australiano Greg Pead, 35 anos, faz sua estréia cinematográfica com o devido estardalhaço. Adotando o nome mais ou menos artístico de Yahoo Serious. O inquieto debutante arranjou um orçamento de minguados quatro milhões de dólares, bancou o co-roteirista, assinou a produção e a direção e encarregou-se do papel principal: ele é *O Jovem Einstein*. Filme pronto, a Warner americana comprou-lhe os direitos de distribuição nos EUA e o sucesso, que já não era pouco na Austrália, está sendo reeditado na América, ao mesmo tempo que a fita chega ao Brasil para aumentar o índice de gargalhadas deste hilário novembro.

Proezas mercadológicas à parte, os dotes cinematográficos de *O Jovem Einstein* são medianos. A idéia central parece uma piada de cursinho pré-vestibular. O cientista que inventou a teoria da relatividade, segundo o fotômetro de Serious, nasceu numa fazenda de maçãs na Tasmânia, a sudoeste da Austrália, e descobriu a fissão do átomo quando tentava fabricar cerveja gasosa no laboratório do avô. Indo ao continente, ele conhece uma libérrima versão de Marie Curie (Odile Le Clezio), de quem se enamora, e tem suas fórmulas ($E=mc^2$ entre elas) surrupiadas por Preston Preston (John Howard). Einstein aproveita para inventar a guitarra elétrica, o rock'n'roll, o surf, o amor à natureza e o pacifismo. Tudo isso na primeira década do século XX, quando o protagonista faz das suas. Algumas gagues no fim do filme, no mesmo estilo piada de cursinho, animam a platéia. A vantagem de *O Jovem Einstein* é que ele é apenas candidato ao prêmio Nobel. *Eugênio Bucci*

Young Einstein, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Yahoo Serious ■ Com Yahoo Serious, Odile Le Clezio, John Howard, Pewee Wilson, Su Cruickshank ■ ROTEIRO: David Roach e Yahoo Serious ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Steve Marr, Laurie Faen, Colin Gibson e Ron Highfield ■ FOTOGRAFIA: Jeff Darling ■ MÚSICA: William Motzing e Martin Armiger ■ PRODUÇÃO: Yahoo Serious e Warwick Ross ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



UIP

Na página oposta, Yahoo Serious como Einstein jovial, ao lado, Wilder e Pryor, em terra de cego e surdo; acima, o quarteto amalucado de De Médico e Louco..., *com Keaton, Lloyd, Furst e Boyle*

CEGOS, SURDOS E LOUCOS

Qual a pior coisa que poderia ocorrer ao infeliz Dave (Gene Wilder), um ex-ator surdo que perdia as falas toda vez que seu interlocutor virava no palco? Claro que depender de outro deficiente igualmente atrapalhado. Após quase ser atropelado no trânsito de Manhattan, recebe em sua loja uma oferta de emprego do crioulo cego Wally (Richard Pryor). Wally não vê Dave, mas ouve sua voz. Dave vê Wally, mas para entendê-lo precisa ler seus lábios. O diálogo demora a engatar, mas finalmente ambos acabam se entendendo em seus defeitos. O surdo guia o cego negro como se fosse seu radar quando ele tenta acertar um branco numa briga. Unidos, formam um homem normal (apesar de confuso).

Wally ensina Dave a não estragar sua vida pela deficiência — com ou sem ouvidos e olhos, seriam "os mesmos bundões de sempre", diz. Agora, só falta um crime para embolar definitivamente o meio-de-campo. Um homem é morto ao entrar na loja por uma mulher sexy. Obviamente, a polícia prende os dois. Como explicar que focinho de porco não é tomada? O cego sentiu o paradisíaco perfume Shalamar, mas não viu a assassina. O surdo não ouviu o tiro, mas viu as esculturais pernas da gata. Ela, Eve (a charmosa Joan Severance), ao lado do comparsa, é que vai tentar (ambos como advogados) libertá-los das grades. Mas Wally e Dave fogem. Agora a dupla tem de escapar da polícia e do casal, que tenta destruir qualquer prova do crime. Numa ótima seqüência, Dave (que não ouve, mas sabe o que vê) aponta o revólver para a estonteante Eve, que acabou de sair do banho, apenas para vê-la derrubar a toalha ao levantar as mãos.

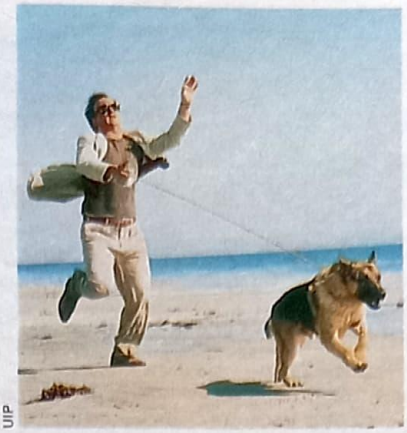
O canadense Arthur Hiller não é o que poderíamos chamar de diretor de comédias. Impessoal, não se dá bem com grandes vôos e tem grandes desastres em sua carreira (*Os Prazeres de Penélope*, de 1966 e *O Homem de La Mancha*, de 1972), ao lado de alguns filmes até competentes (*Não Podes Comprar o Meu Amor*, de 1964, e *Hospital*, de 1971). Ficou famoso por provocar infinitas lágrimas em adolescentes de todo o mundo com o lacrimogêneo *Love Story* (1970). Um cego e um surdo fazendo policiais e bandidos de bobos é uma boa idéia. No entanto, o filme é eficiente mais pelo harmônico entrosamento entre Wilder e Pryor (uma dupla que sempre funciona bem — *Banzé no Oeste*) do que pela burocrática direção de Hiller. Leve e otimista, provoca poucas gargalhadas, mas não insulta cegos nem surdos.

Antonio Querino Neto

See no Evil, Hear no Evil, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Arthur Hiller ■ Com Richard Pryor, Gene Wilder, Joan Severance, Kevin Spacey, Alan North ■ ROTEIRO: Eliot Wald & Andrew Kurtzman, Earl Barret & Arne Sultan e Gene Wilder, baseado na história de Earl Barret, Arne Sultan e Marvin Worth ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Robert Gundlach ■ FOTOGRAFIA: Victor J. Kemper ■ MÚSICA: Stewart Copeland ■ PRODUÇÃO: Marvin Worth ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia/Tri Star

DE MÉDICO E LOUCO TODO MUNDO TEM UM POUCO

O mais picante desta comédia bem medíocre é o pitoresco: Michael Keaton, que vive o Batman em dezenas de cinemas brasileiros, truculento e emburrado, vive aqui um tipo biruta. De comum com o Batman, seu personagem em *De Médico e Louco Todo Mundo Tem um Pouco* tem a mania de dar chutes, chutes a esmo. Keaton é Billy, que ao lado de Jack (Peter Boyle) e Albert (Stephen Furst) está internado em um hospital psiquiátrico de New Jersey. Eles não são necessariamente loucos, apenas "desajustados", como a maioria das pessoas pelas ruas. Henry, metódico, acha que pode ser o médico e não o paciente. Jack, ex-publicitário, após abandonar o ofício só consegue pensar em Deus. Albert, um vidiota aca-



UIP

Ao lado, Jim Belushi e o cachorrão de K-9; Mary Stuart Masterson e Robert Downey Jr. em O Céu se Enganou

bado, só abre a boca para reproduzir falas televisivas.

Eles ganham a simpatia do dr. Weitzman (Dennis Boutsikaris), que promove um passeio a um jogo de basquete como terapia adicional. Ocorre um incidente com o grupo e o doutor some. Desamparados, os doidos se vêem à solta na cidade. Além das confusões, eles livram o doutor das garras de policiais assassinos.

Esses tais loucos nem fazem muitas coisas engraçadas. Como afirmou o produtor Christopher Knight, trata-se de uma "comédia com sensibilidade". Essa "sensibilidade", que deixa o espectador entre o riso e a piedade, causa uma estranha sensação de indefinição de humor.

Walter de Silva

The Dream Team, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Howard Zieff ■ Com Michael Keaton, Christopher Lloyd, Peter Boyle, Stephen Furst ■ ROTEIRO: Joń Conolly e David Loucka ■ FOTOGRAFIA: Adam Holender ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Todd Hallowell ■ MONTAGEM: C. Timothy O'Meara ■ MÚSICA: David McHugh ■ PRODUÇÃO: Christopher W. Knight ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

O CÉU SE ENGANOU

Corinne, com 21 anos, casa-se com Louie (Christopher McDonald). Quando Corinne está grávida, Louie morre atropelado. No céu, ele pega uma fila interminável para cadastrar sua entrada. Faz um tremendo escândalo para voltar à Terra e entregar o brilhante que ele havia comprado para Corinne. Com 20 anos de atraso, ele consegue voltar mas sem o brilhante, sem memória e sem seu velho corpo. Ele reencarna na pele do jovem Alex Finch (Robert Downey Jr.).

Alex conhece Miranda (Mary Stuart Masterson, de *Alguém Muito Especial*) na faculdade, e se apaixonam. Mas Miranda é filha de Corinne. E dele também! Ao tentar uma vaga no *Washington Post*, Alex conhece o simpático Philip Train (Ryan O'Neal, de *Love Story*), seu amigo na vida passada, que o leva à casa de Corinne. Ele reencontra Miranda, mas reconhece "algo especial" em relação a Corinne e à casa onde viveu. Aos poucos a memória da vida anterior se apossa de Alex. Ele tem certeza de que é o marido reencarnado de Corinne e pai de Miranda.

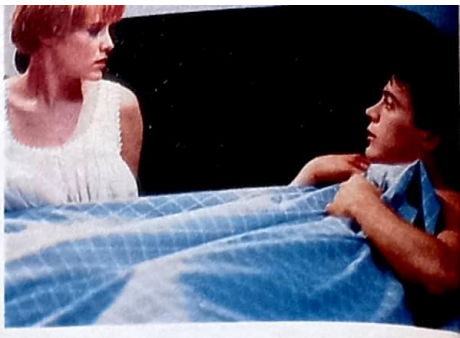
A reação dos personagens à volta de Alex é séria e perplexa. O eixo do humor de *O Céu se Enganou* é o protagonista e o fato de ele ser tratado como um louco aceitável. Ele foge do incesto com o mesmo rigor com que cerca Corinne, a mãe da garota que o quer.

O elenco responde muito bem ao comando de Robert Downey Jr. (*O Rei da Paquera* e *Abaixo de Zero*), que está em excelente forma como um engraçado amante à moda antiga. Cybill Shepherd, da série de TV *A Gata e o Rato*, após 6 anos fora das telas, aparece numa convincente interpretação da quarentona Corinne. Está belíssima. Mary Stuart Masterson faz juz à sensualidade materna e sustenta o pólo de tentação que confunde o atarantado Alex.

De *Ritmo Quente* (*Dirty Dancing*) para *O Céu se Enganou*, o diretor Emile Ardolino excedeu as expectativas, realizando uma comédia romântica cabal.

W. S.

Chances Are, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Emile Ardolino ■ Com Cybill Shepherd, Robert Downey Jr., Ryan O'Neal, Mary Stuart Masterson, Christopher McDonald ■ ROTEIRO: Perry Howze e Randy Howze ■ FOTOGRAFIA: William A. Fraker ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Dennis Washington ■ MONTAGEM: Harry Keramidas ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ PRODUÇÃO: Mike Lobell ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star



K-9 – UM POLICIAL BOM PRA CACHORRO

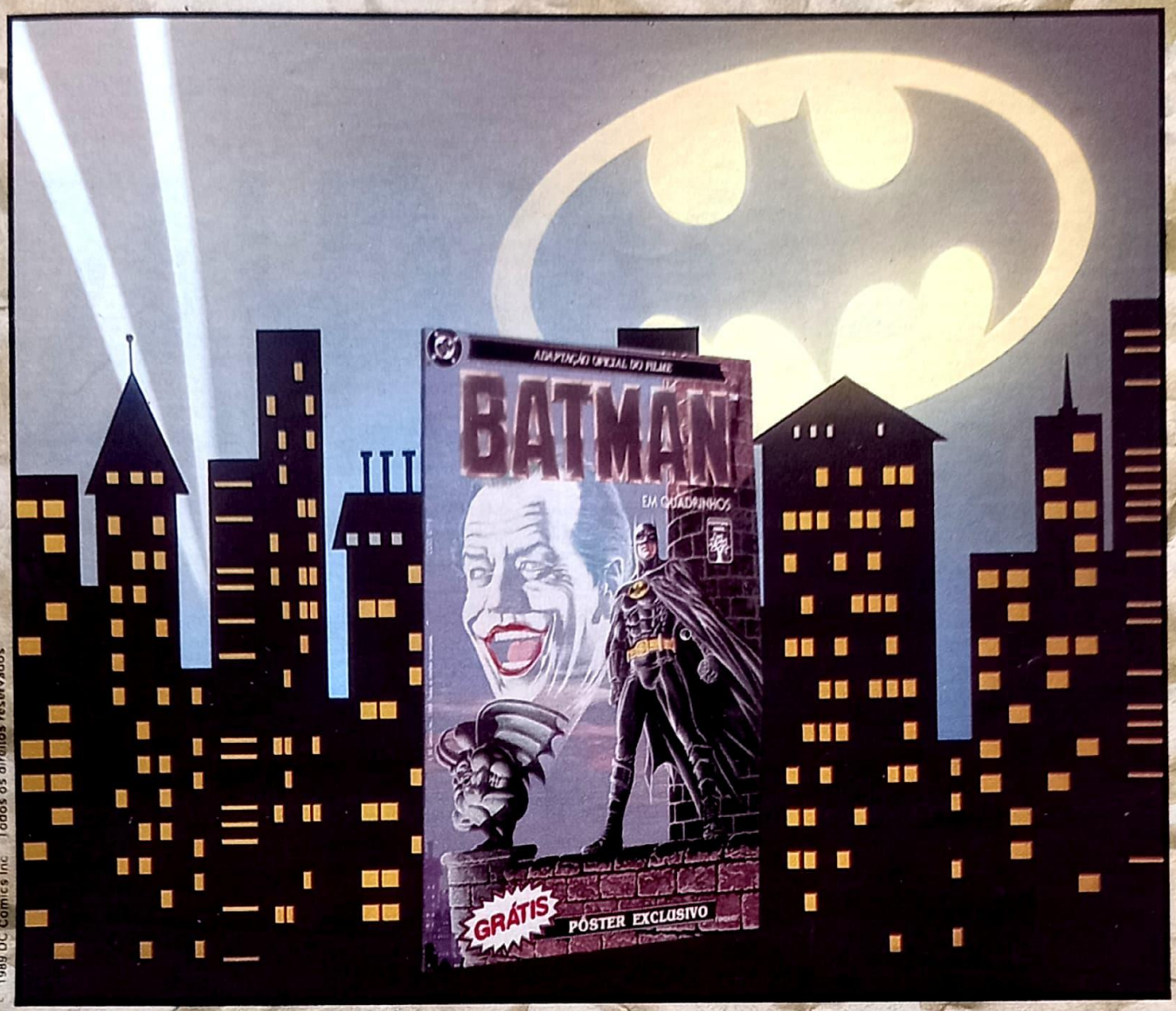
O detetive Thomas Dooley (James Belushi) não é exatamente um tipo durão. É turrão. Por ser um cara impetuoso e um pouco desengonçado, ele tem dificuldade em conseguir um parceiro para combater o narcotráfico da cidade de San Diego. Ninguém o quer, e sozinho um policial não é ninguém, principalmente nessa maré cinematográfica de duplas policiais.

Inconformado, Thomas faz uma série de estripulias para conseguir ao menos um cão policial farejador de drogas, um pastor alemão que atende pelo nome de Jerry Lee. Tornou-se um K-9: policial que trabalha com cachorro. Logo, eles ficam amigos. E, para não fugir à fórmula, brigam entre si, trocam grunhidos, latidos e imprecações. Mas, em ação, formam uma dupla da pesada e do barulho. A indisposição pessoal (e animal) só vem à tona quando Thomas quer se isolar com sua namorada Tracy (Mel Harris) e Jerry Lee não deixa.

O efeito vital do humor de *K-9 — Um Policial Bom pra Cachorro* não está apenas no bom desempenho de James Belushi (irmão do falecido comediante John Belushi), nos diálogos eficientes ou na peculiar configuração policial-cachorro. Também está nas ágeis seqüências de ação (câmera e edição) que temperam a comédia e revigoram o filme: Diversão certa.

W. S. SET

K-9, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Rod Daniel ■ Com James Belushi, Mel Harris, Kevin Thige, Ed O'Neill ■ ROTEIRO: Steven Siecel e Scott Myers ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: George Costello ■ MONTAGEM: Lois Freeman-Fox ■ MÚSICA: Miles Goodman ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon e Charles Gordon ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP



© 1989 DC Comics Inc. Todos os direitos reservados

BATMAN

A ADAPTAÇÃO DO FILME PARA QUADRINHOS

O filme que traz o magistral encontro entre Batman e Coringa está aqui nesta edição em quadrinhos luxuosíssima! Você vai vibrar e guardar pra sempre este cenário.

Batman, o herói maldito, frente a frente com o Coringa, o louco de cabelos verdes. Um encontro inesquecível... Você não pode perder. Nas Bancas.

EDITORA ABRIL

AFINAL, DE HERÓI E LOUCO, TODO LEITOR TEM UM POUCO.

GRÁTIS! POSTER SENSACIONAL!

Já estão disponíveis também: O álbum de figurinhas e a edição em quadrinhos com o texto original em inglês.

CHEVY CHASE

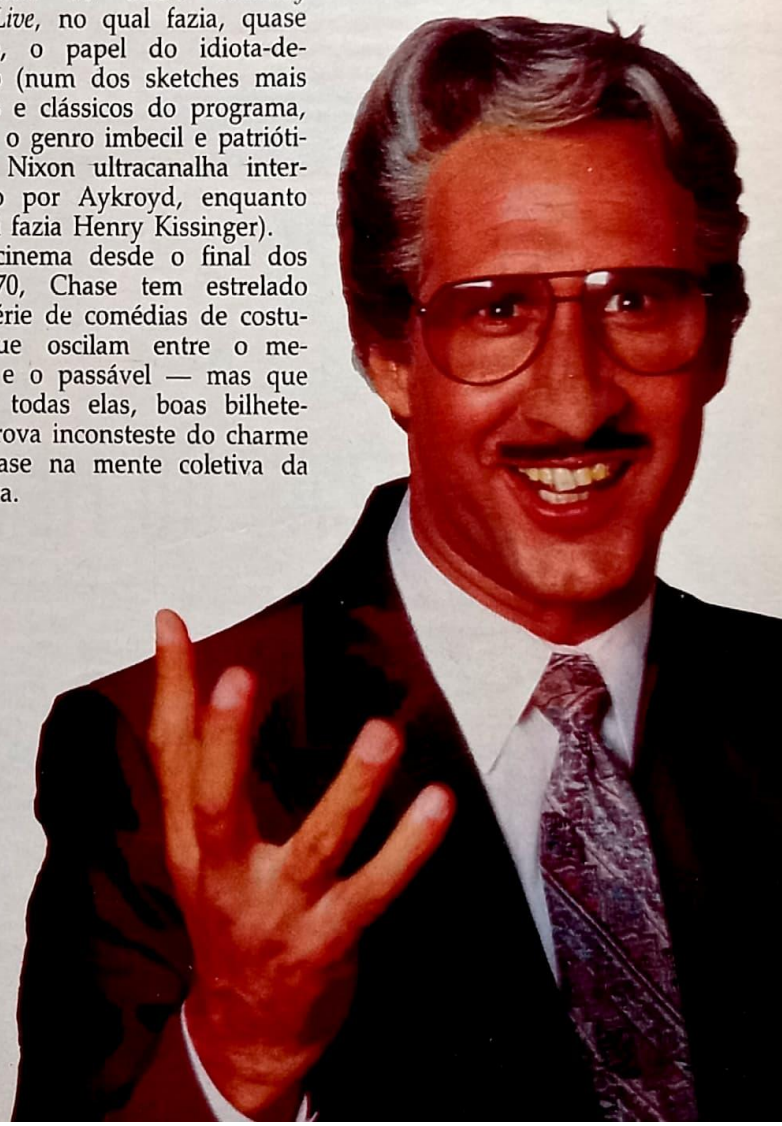
Ele, que arranca gargalhadas por ser simplório, fala como é ser uma metamorfose ambulante no papel de repórter em* Fletch Lives. *O filme não tem distribuição garantida no Brasil

Quatro anos depois de sua primeira aventura — quando, à força de uma dúzia de disfarces e nomes falsos, ele elucidava uma trama de tráfico de drogas que começava na praia de Venice e terminava nos altos escalões da polícia de Los Angeles —, o repórter I. M. Fletcher voltou a atacar. E por bons motivos: ele foi responsável por uma das maiores bilheterias da carreira de seu protagonista, o comediante Chevy Chase, num filme que é seu maior sucesso internacional *Assassinato por Encomenda* (*Fletch*, 1985).

Agora, com *Fletch Lives* e um roteiro que toma todas as liberdades possíveis com o personagem criado pelo autor Gregory McDonald, Chase Fletch, se não repetiu o feito de 1985, chegou perto — mais de 31 milhões de dólares de bilheteria, em três meses em cartaz, no primeiro semestre —, uma prova de que, acima e além de qualquer modismo, mania ou nome importante, o público americano gosta mesmo é de rir. E isso é o que Chase vem fazendo ao longo de 17 anos: com sua altura (quase dois metros) e sua cara de joão-ninguém, Chase é o próprio americano médio, não muito brilhante, um tanto ingênuo, um eterno caipira em luta com um mundo cada vez mais complicado. Como a maior parte de sua geração — Eddie Murphy, Steve Martin, Billy Cristal, Bill Murray, John Candy —, Chase vem da TV e, como os melhores de sua geração — Murphy, Murray, Aykroyd, o falecido John Belushi —, ele se lançou na primeira temporada do ácido *Saturday Night Live*, no qual fazia, quase sempre, o papel do idiota-de-plantão (num dos sketches mais hilários e clássicos do programa, ele era o genro imbecil e patriótico do Nixon ultracanalha interpretado por Aykroyd, enquanto Belushi fazia Henry Kissinger).

No cinema desde o final dos anos 70, Chase tem estrelado uma série de comédias de costumes que oscilam entre o medíocre e o passável — mas que foram, todas elas, boas bilheterias, prova inconsteste do charme de Chase na mente coletiva da América.

De óculos de grau, paletó xadrez e jeans, bebendo água mineral e reclamando bem-humorado de dor nas costas — ele já sofreu deslocamento de três discos da coluna vertebral, por conta de cenas agitadas de TV e filmes, inclusive o primeiro *Fletch* —, Chevy Chase conversou sobre o retorno a seu personagem favorito e também sobre dentes, o Sul dos Estados Unidos e o papel da imprensa.



SET — *Tanto você mesmo, em entrevistas, quanto os críticos, em resenhas, concordam numa palavra para definir Fletch, seu personagem: irônico. Por que Fletch é irônico?*

CHEVY CHASE — Se você for olhar no dicionário, sabe qual a definição para irônico? Cômico, só isso. (*Segundo o* Webster's New World Dictionary, *irônico significa "aquele que quer dizer o contrário do que está expressando; sarcástico".*) É claro que ele é irônico — ele é um gozador. O que eu gosto mais em Fletch — e o que é irônico nele — é que ele é um cara capaz de atravessar o inferno, se disfarçar, pôr maquiagem, peruca, o diabo, só para obter informação — muitas vezes uma informação que ele talvez conseguisse com um telefonema.

SET — *O primeiro Fletch era baseado no livro de Gregory McDonald. Este, contudo, está creditado como um roteiro original de Leon Capetanos, baseado no personagem de McDonald. Por quê?*

CHASE — Francamente, nós procuramos... Ritchie (o diretor Michael Ritchie), eu, a Universal... procuramos outros livros de McDonald com o mesmo personagem e não achamos nada que pudesse ser adaptado para o cinema. Eu não tinha planos concretos para fazer um segundo *Fletch*, mas é claro que estava aberto a propostas. Eu dizia: "Claro que faço, mas dêem-me um bom script, que preserve essas características que eu tanto gosto em Fletch". Quando Capetanos apresentou o seu... Capetanos nasceu e se criou no Sul dos Estados Unidos, e tem uma visão muito aguda e irônica do chamado "Novo Sul". Ele não tinha propriamente um roteiro mas uma idéia muito clara da história que queria contar, e era uma ótima idéia, muito engraçada. (*Leon Capetanos é o autor de, entre outros,* Um Vagabundo na Alta Roda *e* Luar sobre Parador.)

SET — *Que tal usar um vestido?*

CHASE — Foi horrível, me senti muito desconfortável. Na verdade, eu briguei muito com o estúdio para que tirassem aquela cena fora. Mas eles quiseram, diziam que a cena era engraçada... Eu não achei tão engraçada assim... mas funcionou bem no filme, tenho que admitir. Eu me sentia tão esquisito, com aqueles peitos falsos, os quadris falsos... No início eu tinha também umas coisas aplicadas no rosto, mas estava desconfortável demais, estava assustador! Eu ficava dentro daquele vestido só pensando: "Bem, Dustin (Hoffman) também fez isso, mas Dustin bate no meu ombro, ele pode se fazer passar por uma garota! Eu tenho quase dois metros de altura, eu pareço mais um cavalo!".

SET — *E que tal seus outros disfarces no filme?*

CHASE — Gostei muito! Eu adoro dentes, você sabe, então adoro qualquer disfarce que faça uso de falsos dentes. Meu favorito é o curandeiro. Foi demoradíssimo criar aquele personagem, eu ficava três horas na sala de maquiagem, recebendo nariz falso, dentes falsos, queixo falso, peruca... a idéia de que Fletch tivesse tempo ou vontade de usar aquele disfarce era algo que eu não conseguia entender, mas, enfim, são as liberdades que se pode tomar num filme...

SET — *Por que você gosta de dentes?*

CHASE — Porque eles são tão práticos! Você tem uma caracterização instantânea com dentes! Jack Nicholson também acha isso. Estávamos conversando outro dia, pouco depois de ele chegar das filmagens de *Batman*, e ele me disse: "Que papel ótimo, com aquela maquiagem toda, eu só precisava mover os olhos e deixar a maquiagem fazer o papel!". Com os dentes é a mesma coisa: no momento em que você põe uma dentadura postiça, algo acontece instantaneamente. Neste filme eu estou usando de novo um jogo de dentes falsos que usei pela primeira vez num dos personagens de *Fletch*. Eu gosto tanto desses dentes que os tenho usado sempre desde então — em casa, para brincar com as crianças, em festas, na casa do meu pai... eles são um grande sucesso!

Fotos Universal

Como um camaleão, Chevy Chase tanto pode ser Claude Henry Smoot (página oposta) como Bobby Lee Swartz (acima)

SET — *O que você mais gosta em Fletch quando ele não está disfarçado?*

CHASE — É quando ele não está disfarçado que eu gosto mais dele! Porque ele é divertido, simpático, gozador, um tanto simplório até, às vezes... de todos os personagens que já fiz, ele é o mais parecido comigo.

SET — *É verdade que este filme ia se chamar* Fletch Saves (Fletch Salva) *e que a Universal mudou o título na última hora? Por quê?*

CHASE — Bem... eu diria que, na Universal, as pessoas estão um pouco cheias de ter passeatas e protestos todo dia debaixo da janela. Se isso puder ser evitado... e *Fletch Saves* na verdade é um título muito inocente para um filme muito inocente que de forma alguma é um *Última Tentação de Cristo* (*que a Universal produziu e lançou*). Ele não ofende nem religiosos, nem comunidades do Sul, ninguém, é apenas e simplesmente uma comédia! Mas o estúdio foi muito claro e incisivo quanto a isso, dizendo: "Não queremos que algum grupo fanático se sinta ofendido sem sequer ter visto o filme". Foi uma decisão deles.

SET — *O filme é muito satírico quanto aos costumes do Sul, abordando até temas delicados, como conflito racial. Vocês tiveram problemas com isso durante ou depois da filmagem?*

CHASE — A abordagem era tão claramente de comédia, e as pessoas conhecem bem minha carreira como comediante. Não, não tivemos problema. Este não é um *Mississippi em Chamas*. É para rir, simplesmente. E, além do mais, o chamado Novo Sul é esclarecido o suficiente não apenas para aceitar que se ria de seus antigos usos e costumes como também para, ele mesmo, rir de si próprio. Existe sem dúvida muito mais senso de humor no Sul, hoje.

SET — *Depois de algum tempo de sucesso, muitos comediantes se vêem tentados a fazer filmes sérios, dramas, e abandonar temporariamente a comédia. Você pensa nisso?*

CHASE — Bem, na maioria dos filmes há sempre um pouco de tudo, há cenas dramáticas e cenas de pastelão até. Alguns atores já fizeram filmes essencialmente dramáticos, como Michael Keaton em *Clean and Sober*. Keaton, Tom Hanks, esses caras podem fazer qualquer tipo de fime e já mostraram isso claramente. Acho que eu também conseguiria. Mas, assim de imediato, não tenho nenhum plano. Talvez porque todo mundo conheça tanto meu talento cômico, ninguém nunca se aproximou com uma proposta para filmar um drama sério. Eu não tenho nada contra, aliás. Apenas sei qual é o meu forte, e o meu forte é comédia. Cinema é, em muitos aspectos, uma indústria, um *business*. E grande parte do *business* requer que você tenha uma idéia clara de suas limitações e pontos fortes, qual é a sua platéia. Tenho um grande público que acompanha meu trabalho como comediante e respeito esse público. E acho que eles não vão dar a menor bola para mim se eu fizer um papel sério, dramático.

SET — *Quais são seus sentimentos quanto a fazer continuações?*

CHASE — Acho que não há uma resposta padrão para essa pergunta. Tudo depende do filme. Tenho dois personagens aos quais não me importo de voltar: um é Fletch, o outro é Clark Griswald, do filme sobre férias — aliás vou fazer outro filme sobre férias, só que desta vez são os parentes que vêm visitar Clark e a família. Eu gosto desses personagens, o público gosta desses personagens, e não há razão para não se fazer mais filmes com eles. Temos grandes séries de filmes, os *Guerra nas Estrelas*, os *Indiana Jones*... o público ama ver Eddie Murphy como o *Tira da Pesada!* Por que não fazer esses filmes? Nosso papel é divertir o público, e se o público

O SEU VIDEOCASSETE TEM QUATRO CABEÇAS.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

Universal

Num instante sem disfarces, Chevy Chase pesca com Cleavon Little

FLETCH LIVES, A PIADA CONTINUA

I. M. Fletcher, o incansável repórter de um fictício jornal de Los Angeles, está passando por maus bocados — entediado com suas pautas, acossado pelo advogado da ex-esposa, que quer lhe arrancar pequenas fortunas a pretexto de pensão. A saída cai do céu, ou quase: uma tia, da qual ele nem se lembrava, morre providencialmente, deixando de herança para o sobrinho uma propriedade no coração do Sul dos Estados Unidos.

Sem maiores delongas, Fletch larga tudo e ruma pra Belle Isle (nome da propriedade), sonhando com a vida de um nababo sulista — numa das melhores cenas do filme, ele se vê como o protagonista de Canção do Sul, *aquele filme de Walt Disney, cercado de bichinhos, passarinhos e escravos sorridentes que cantam "Zip-a-dee-doo-dah". É claro que Belle Isle já passou de seus dias de glória há muito tempo, e, entre os resmungos de um misterioso caseiro que ele herdou junto com a casa (Cleavon Little, grande ator, num papel menor), as visitas inesperadas da Ku Klux Klan e o também súbito assassinato de uma bela advogada, Fletch percebe que tem mais que uma herança: tem um complicado caso para ser investigado. Como no filme anterior, ele usa uma série de disfarces, e alguns, como o de um curandeiro milagroso, são os responsáveis pelas maiores gargalhadas. De resto, o filme deixa-se assistir sem maiores compromissos ou exigências, com a curiosidade de ter a beleza cristalina de Julianne Phillips — ex-senhora Bruce Springsteen — como coadjuvante.* A.M.B.

quer continuar a ver esses personagens, por que não?

SET — *O que você acharia se um repórter fosse xeretar na sua vida da mesma forma como Fletch se intromete na vida de seus personagens?*

CHASE — Ah, eu odiaria! Mas, por outro lado, Fletch parece nunca se meter diretamente na vida das pessoas mas na morte delas. E quando ele se intromete na vida das pessoas, ele nunca vai xeretar na vida íntima, pessoal, delas. Há uma grande diferença aí entre fazer uma investigação e violar a vida privada das pessoas.

SET — *Qual é sua relação com a imprensa?*

CHASE — De novo, não tenho uma resposta genérica. Lamento o fato de que a imprensa tenha se voltado tanto para o sensacionalismo nos últimos três ou quatro anos. Isso se deve em parte ao sensacionalismo na TV. E é lamentável para todos, inclusive para os profissionais de imprensa, que têm cerceada sua liberdade de produzir bons textos, boas reportagens.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles SET

MAS VOCÊ SÓ PRECISA DE UMA PARA ESCOLHER A MELHOR FITA.

O seu videocassete é avançado, sofisticado, tem quatro cabeças.

Só que nenhuma delas pensa. Se você usar uma fita ruim, a imagem também vai ser ruim. A Verbatim está lançando a Super High Grade, uma fita que tem maior densidade de partículas magnéticas. Mais partículas significam resultados muito melhores na gravação e na reprodução das imagens. E um desempenho de som superior ao das fitas comuns. Fabricada com perfeito acabamento de superfície, a High Grade permite melhor resolução de imagem e maior vida útil.

Use a cabeça. Use a High Grade da Verbatim.

Verbatim®

SINÔNIMO DE PRECISÃO EM TODAS AS LÍNGUAS.

WINONA RYDER

Sucesso desde* Beetlejuice, *ela brilha em* A Fera do Rock, *sente falta de uma juventude normal e acha os astros juvenis complicados

Warner

No momento em que Winona Ryder entra em cena pela primeira vez em *A Fera do Rock* (*Great Balls of Fire*), de rabo-de-cavalo, bola de chiclete na boca, nervosamente abraçada a seus livros escolares, o espectador percebe que o filme toma outro rumo, adquire um novo ritmo, uma nova luz. Entre um punhado de personagens a um milímetro da caricatura — os maneirismos de Dennis Quaid como Lewis, os paroxismos de Alec Baldwyn como Jimmy Swaggart —, a Myra de Winona Ryder brilha com uma intensidade especial, uma espécie de inocência genuína, íntegra. Quando ela confessa a Jerry que tem medo de não conseguir se casar e ter filhos antes de o mundo ser destruído pela bomba atômica, o difícil é não acreditar. E no momento que teria tudo para ser ou grosseiro ou patético — a noite de núpcias do casal Lewis ou, como Winona a chama, "a cena da inserção" —, ela progride fluidamente de timidez para apreensão, para dor, para prazer. Uma menina de 13 anos vivendo uma década em poucos minutos.

Atriz profissional desde os 13 anos — quando viveu a menina feia e sensível rejeitada por Corey Haim em *Lucas* —, Winona tem um *background* fora do comum. Seus pais, Michael e Cindy Horowitz (Winona é seu nome verdadeiro, o mesmo da cidade do Arizona onde nasceu; Ryder foi um sobrenome artístico sugerido pelo pai), militantes da cena *sixties* em San Francisco, foram amigos de Aldous Huxley (de quem Cindy editou um livro de ensaios) e Timothy Leary (que é o padrinho de Winona).

Seu primeiro contato com as câmeras foi aos 12 anos, num teste para um filme que acabou não fazendo — mas que levou a seu papel de estréia em *Lucas*. Nos cinco anos seguintes, Winona fez mais quatro filmes além de *Great Balls of Fire* — alguns de pouco sucesso, como *1969* e *Square Dance*, mais o cultíssimo *Heathres* e, é claro, seu grande hit, *Os Fantasmas Se Divertem*. Agora, Winona está trabalhando com o diretor Jim Abrahams — de *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* e *Corra que a Polícia Vem Aí* —, na comédia *Roxy Carmichael*. Ela também está filmando *Mermaids*, em que faz a filha adolescente do personagem vivido por Cher.

SET — *É muito difícil para uma jovem de 18 anos, vivendo nos anos 80, interpretar uma adolescente de 13 anos nos anos 50?*

WINONA — A idade em si não é o mais difícil. Eu estava com 16 anos, quando filmei; são apenas três anos de diferença para a idade de Myra na época. A dificuldade está em viver uma pessoa tão diferente de você mesma, uma pessoa de uma outra era.

SET — *Como você resolveu essa dificuldade?*

WINONA — Conversando com minha mãe, conversando com Myra... felizmente eu tenho verdadeira fascinação pelos anos 50. Sempre tive, aliás. Sempre escuto rock dos anos 50, curto a moda da época, coleciono revistas desse período. Meu pai é dono de uma livraria especializada nos anos 50 e 60, e a casa em que me criei era repleta de bugigangas, revistas e livros dessa época, uma espécie de museu-loja dos anos 50.

SET — *Quais são, na sua opinião, as principais diferenças entre a garotada de hoje e a juventude dos anos 50, a geração de Myra e de Jerry Lee Lewis?*

WINONA — Creio que os jovens nos anos 50 eram mais resguardados, mais protegidos. Eu cresci na região de San Francisco, na Califórnia. E vi, desde muito cedo, garotos e garotas de

minha idade usando drogas, bebendo, envolvendo-se em coisas pesadas, perigosas, muito cedo, cedo demais. Isso é muito triste.

SET — *Aos 18 anos, você já tem cinco de carreira profissional como atriz. Você sente falta de uma juventude normal?*

WINONA — Sinto, sinto sim. Eu só estudei por correspondência, com professores particulares, até me formar no segundo grau, há dois meses. Nunca tive muitos amigos de minha idade, colegas de classe, essas coisas. No meio cinematográfico, você conhece apenas pessoas mais velhas. Ou então todos esses "astros juvenis", que são ainda mais complicados e perturbados que os adultos...

SET — *Num momento em que quase todos os jovens atores americanos estão ocupados com comédias tolas, você tem escolhido filmes muito* sui generis *e até perigosos, como* Heathers *e* Os Fantasmas Se Divertem. *O que a impulsiona nessas escolhas?*

WINONA — Acho que tenho muita sorte. Conheço pessoas muito talentosas que, por sua vez, conhecem outras pessoas muito talentosas; é como uma grande família. E as oportunidades de trabalho surgem daí, das circunstâncias. É claro que também me oferecem outras coisas. Já me ofereceram muitos papéis bobos em comédias juvenis, mas isso simplesmente não me interessa.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles SET

Como a ingênua Myra, em A Fera do Rock *(ao lado). Na página oposta, no set de* Beetlejuice.

Fotos Fox

O PECADO VENIAL DE *A FERA DO ROCK*

Em Memphis, Jerry Lee é contratado pela lendária Sun Records de Sam Phillips — o descobridor de Elvis —, estoura com um par de discos, casa (ainda não havia se divorciado da esposa anterior) com uma prima em segundo grau de apenas 13 anos, Myra (Winona Ryder), e com o escândalo (ampliado por causa de suas letras de conotação erótica e por seu comportamento endiabrado nos palcos) decai vertiginosamente. (Depois viriam bebedeiras, mais três casamentos — Myra foi a terceira dentre seis esposas —, mortes suspeitas e prisões — mas isso o filme não mostra.)

No entanto, filme e ator parecem caricaturas do modelo original. Se Quaid peca pelo exagero, ao ampliar os trejeitos e o dandismo pueril de Jerry Lee, A Fera do Rock *falha no tom, suave demais para um tema tão próximo do inferno. ("Se eu tiver que ir ao inferno vou tocando meu piano.") A impressão que fica é de que o filme assemelha-se muito às inúmeras bolas de chiclete que mostra: é inflado, colorido e atraente a princípio, mas quando estoura revela a sua consistência de nada.*

Uma pena. Assim mesmo, salvam-se vários momentos — especialmente os musicais, já que o próprio Killer, como é chamado Jerry Lee, regravou todos os seus sucessos apenas para serem dublados (e bem) por Dennis Quaid, que ensaiou piano meses a fio antes das filmagens.

A ambientação, carros, roupas, móveis e a relativa ingenuidade dos anos 50 também estão bem retratados, assim como as interpretações de Winona Ryder e de Alec Baldwin (ambos estavam em Os Fantasmas Se Divertem*), como o primo pregador, de Jerry Lee, Jimmy Swaggart (isso mesmo, o famoso Jimmy Swaggart, que recentemente se viu envolvido num enorme escândalo sexual), estão excelentes. John Doe, o guitarrista do X, grupo americano que revisita o rockabilly com rara autenticidade, surpreende no papel do pai de Myra e também baixista da banda de Killer.*

Baseado no livro autobiográfico de Myra, o filme é um presente muito bem embrulhado mas um tanto frustrante para os verdadeiros fãs do cantor. Para os que não conhecem o Killer, pode ser uma película divertida. Mas não um presente.

Daniel Benevides

Acima, Jerry Lee Lewis (Dennis Quaid) toca fogo no piano. Abaixo, comportado ao lado de Myra (Winona Ryder)

Great Balls of Fire, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Jim McBride ■ Com Dennis Quaid, Winona Ryder, John Doe, Stephen Tobolowsky, Trey Wilson, Alec Baldwin ■ ROTEIRO: Jack Baran e Jim McBride, baseado no livro de Myra Lewis e Murray Silver ■ FOTOGRAFIA: Affonso Beato ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: David Nichols ■ CANÇÕES: Jerry Lee Lewis ■ PRODUÇÃO: Adam Fields ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

QUADRADO AMOROSO

sexo, mentiras e videotape ***mostra personagens que não sabem onde colocar o desejo***

A Palma de Ouro ganha em Cannes por Steven Soderbergh tem o caráter de uma revelação. Modestíssima produção de 1,2 milhao de dólares, *sexo, mentiras e videotape* (o autor exige que o título seja grafado em minúsculas, à maneira do poeta conterrâneo e. e. cummings, que também escrevia o nome assim) abriu-lhe as portas da indústria cinematográfica. Se dinheiro e talento fizerem um bom casamento, o nome desse jovem de 26 anos vai estar entre os bons dos anos 90.

Seu *sexo, mentiras e videotape* é uma pequena peça muito bem talhada sobre este trinômio dos anos 80. Soderbergh conseguiu fazer um cinema rarefeito nas imagens, embalado por algum sexo e muitas palavras. Um certo preciosismo formal, que tem sido a tônica de tudo o que se julga vanguarda nos dias de hoje, fica quase sempre num segundo plano. Intercalando alguns momentos surpreendentemente cômicos, este filme, que tinha tudo para se transformar num legítimo exemplar "cabeça" (muita masturbação mental, blablablá e jogos do intelecto), resulta num conto maroto de amor e enganos, perfeitamente incrustado no final da década.

Ann (Andie MacDowell) e John (Peter Gallagher) formam um casal perfeito. Ela deixa a casa um brinco; ele é um jovem advogado em franca ascensão. O que Ann deixa escapar a seu terapeuta, no entanto, é que John não a toca há meses. John, por sua vez, tem um caso com a irmã dela, Cynthia (Laura San Giacomo), uma lúbrica garçonete de botas.

Graham (James Spader, melhor ator em Cannes), um amigo de colégio do marido que chega para uma visita prolongada, faz as vezes de elemento desagregador. Ele é o oposto do yuppie John. Veste camisas negras e jeans e calça coturnos, enquanto o advogado desfila uma variedade de suspensórios, gravatas e ternos bem cortados. Tudo o que Graham possui cabe em seu automóvel. John designa a esposa para ajudar o amigo a encontrar uma casa. Os dois acabam se conhecendo melhor: ela confessa sua abstinência; ele, impotência. Graham só tem prazer assistindo a vídeos da própria lavra, com gravações de depoimentos de mulheres a respeito de suas vidas sexuais.

Este arcabouço simples é tratado com economia de meios e diálogos inteligentes que derivam para o riso amargo. Quando Graham acaba subvertendo as relações do quadrângulo (já que a irmã e a esposa também gravam depoimentos, e o marido descobre tudo), calcadas na mentira de que ele se diz adversário, o resultado, longe da crueldade e do pessimismo, aponta uma saída prosaica mas transparente. Pode ser que simplicidade e transparência sejam os nortes dos anos 90.

Carlos Volpato

sex, lies and videotape, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Steven Soderbergh ■ Com James Spader, Andie MacDowell, Peter Gallagher, Laura San Giacomo, Ron Vawier ■ ROTEIRO: Steven Soderbergh ■ FOTOGRAFIA: Walt Lloyd ■ MÚSICA: Cliff Martinez ■ PRODUÇÃO: Robert Newmyer e John Hardy ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Art Films

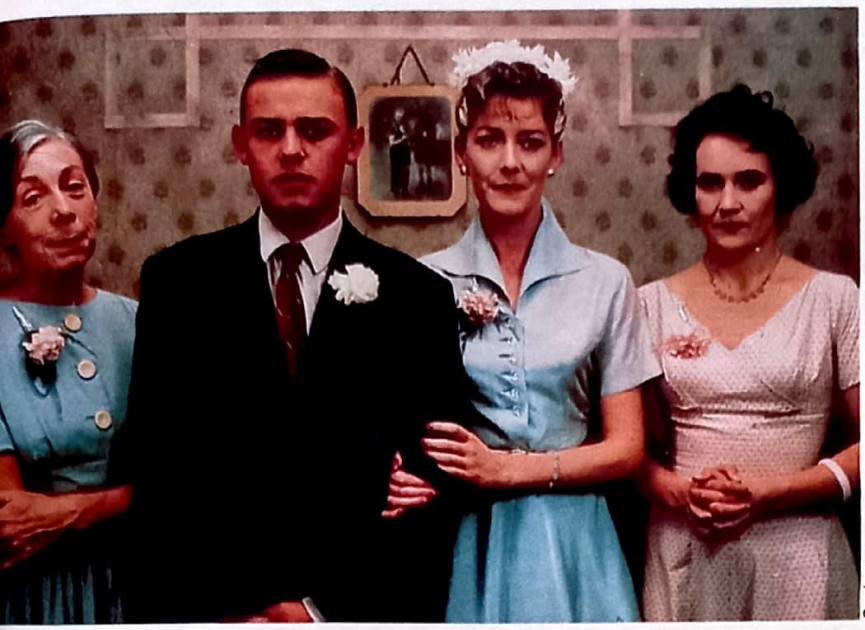
Dois vértices do quadrângulo: a lúbrica Cynthia (Laura San Giacomo) no colo do yuppie John (Peter Gallagher)

LAIO BRITÂNICO

***Saudosismo e crítica ao patriarcado ecoam em* Vozes Distantes**

O universo temático do cineasta inglês Terence Davies se resume a religião, sexo, morte e conflito familiar. Esses quatro temas, abordados em *Vozes Distantes*, já haviam sido levados à tela pelo diretor na trilogia dos curtas-metragens *Children* (1976), *Madonna and Child* (1980) e *Death and Transfiguration* (1983), exibida no Festival de Nova York de 1984.

Vozes Distantes é um quebra-cabeça cuja ordem caberá ao es-



Pandora

Freda, Williams, Angela e Maisie: mãe e filhos em pose familiar (ao lado); abaixo, as mulheres caricaturadas e sua república

Embrafilme

pectador montar. Enterros, batismos e casamentos aparecem de forma desordenada, simbolizando ritos de passagem de cada personagem.

A trama desse primeiro longa-metragem de Terence Davies concentra-se no cotidiano conflituoso de uma família da classe trabalhadora inglesa, residente na Liverpool da década de 50. Ellen (Angela Walsh), Tony (Dean Williams) e Maisie (Lorraine Ashbourne) são filhos de um pai psicótico (Pete Postlethwaite), que constantemente espanca a esposa (Freda Dowie), uma mulher doce e frágil.

Ao contrário do que possa parecer, *Vozes Distantes* não envereda pelo psicodrama. A narrativa é contida mesmo nos instantes mais nervosos, como na seqüência em que Tony, revoltado com a brutalidade do pai, esmurra uma janela. Terence Davies explora essa contenção inserindo no decorrer do filme canções populares das décadas de 40 e 50, a maioria cantada à capela. Mais do que um preciosismo estético, as canções, interpretadas pelos personagens, funcionam como uma válvula de escape. É por meio delas que eles fogem de suas angústias individuais e atingem um estado de total melancolia coletiva, sublimando assim a agressividade. Outro ponto importante desse verdadeiro álbum de fotografias dourado está na crítica ao patriarcado. Na primeira parte do filme ("Distant Voices"), o fogo cerrado de Davies centra-se na violência paterna. Na segunda ("Still Lives"), são os filhos que reproduzem e sentem na carne, de maneira menos violenta, a força da instituição familiar patriarcal. É curioso notar que nessa segunda parte as mulheres começam a ensaiar uma reação, ainda que tímida, à pressão masculina.

Vencedor do prêmio da crítica em Cannes (1988), *Vozes Distantes* é mais uma surpresa do cinema inglês dos anos 80.

Ricardo Cota

Distant Voices, Still Lives, Inglaterra, 1988 ■ DIREÇÃO: Terence Davies ■ Com Freda Dowie, Pete Postlethwaite, Angela Walsh, Dean Williams, Lorraine Ashbourne, Sally Davies ■ ROTEIRO: Terence Davies ■ FOTOGRAFIA: William Diver e Patrick Duval ■ MÚSICA: Tommy Reilly ■ PRODUÇÃO: Jennifer Howarth ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

MILAGROSO VLADIMIR

Didática leninista se transfigura em 1º de Abril

Os *sketchs* teatrais universitários do início dos anos 70 eram generosos, esforçados e repletos de boas intenções mas politicamente pueris e esteticamente pobres. Assim é o filme de Maria Letícia, só que em longa-metragem. A idéia é mostrar o período de janeiro de 1963 (plebiscito sobre o parlamentarismo) a abril de 1964 (golpe militar) através da vida numa república de mulheres. O tom é de alegoria política mecanicista, e os personagens são caricaturais ao extremo. Há a solteirona carola (Rosamaria Murtinho, premiada em Gramado), que marcha com a família e com Deus pela liberdade; há a militante antiimperialista (Maria Letícia); há o operário puro, explorado e perseguido (Chico Diaz) etc. etc. Para cúmulo, a despótica dona da casa onde funciona a república (Ida Gomes) trama a venda do imóvel para um ganancioso capitalista americano (Emiliano Queiroz), que pretende construir no local um shopping center (valei-me, meu santo Lênin!).

Não que *1.º de Abril* seja desprovido de atrativos. A fotografia e a montagem mesclam bem, em certas passagens, os personagens da ficção com imagens documentais de passeatas e comícios. Mas o mais alto momento estético do filme são os trechos de um jogo Brasil e Bélgica no Maracanã, com jogadas maravilhosas de Pelé e Garrincha. Grandes artistas.

José Geraldo Couto

1.º de Abril, Brasil, 1989 ■ DIREÇÃO: Maria Letícia ■ Com Rosamaria Murtinho, Ida Gomes, Tessy Callado, Maria Letícia ■ ROTEIRO: Maria Letícia e Emiliano Queiroz, com base na peça *Vejo um Vulto na Janela, Me Acudam que Eu Sou Donzela*, de Leilah Assumpção ■ FOTOGRAFIA: Edson Santos ■ MONTAGEM: Marília Alvim ■ MÚSICA: Sérgio Dias ■ DIREÇÃO DE ARTE: Mixel ■ PRODUÇÃO: Maria Letícia para a Estúdio ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

SAPATEADO NÃO TEM IDADE

Tap — a Dança de Duas Vidas *evoca nos pés o cinema dos anos 30*

Escrito e dirigido por Nick Castle Jr. (filho do famoso coreógrafo Nick Castle, que trabalhou para Fred Astaire e Gene Kelly), *Tap* — um semimusical romântico sobre a regeneração de um cara mau — recupera para o fim dos anos 80 o sabor de uma arte que encantou o cinema dos anos 30: o sapateado. Recheado de swing e estalos de dedos, *Tap* é nostálgico e tem uma ótica absolutamente negra da arte e da vida. Ao deixar a prisão, Max Washington (Gregory Hines) arranja um empreguinho, mas, ao reencontrar seus amigos - do Sonny's — um clube reduto do sapateado negro —, é tentado pelo veterano Lil Mo (Sammy Davis Jr., ótimo) a se dedicar ao *tap*, arte na qual é tão bom quanto seu lendário pai. Max também reencontra a bela Amy (Suzzanne), filha de Lil Mo, com quem teve um caso.

Na catedral do *tap*, querem que Max seja um "hoofer", como se diz respeitosamente na gíria do Harlem. Ser um "hoofer" é algo mais, algo acima de dançarino. Mas seu pai viveu para o sapateado e "dançou". Morreu duro! E outras tentações rondam Max: é convidado por seus antigos comparsas (gângsteres de alta classe) a voltar à ativa no roubo de jóias. Ele ama o purismo do gueto negro, mas precisa ganhar a vida e enfrenta também o comercialismo dos musicais da Broadway. Seu orgulho não engole a mediocridade oportunista: Max quase bate num arrogante diretor que lhe ordena sapatear com um sorriso nos lábios. Max precisa de espaço. Só suportou a solitária no presídio, sem enlouquecer, sapateando e fazendo com que todos ouvissem seus pés batendo.

Lavar pratos, ele não consegue. E as jóias são uma tentação. Ou se dedica a sua arte (que se inspira nos ruídos urbanos) ou ao crime. Eis a questão. O roqueiro engenheiro de som (Timmy Capello) tem um plano esdrúxulo: colocar sensores no sapato de Max ligados ao sintetizador. Ele tocaria com os pés, que reverberariam como um instrumento amplificado ("tap-tronics" é o nome da engenhoca usada no filme). O "bad guy" está sendo regenerado pela arte, e o sapateado jazzístico faz um pacto com o rock para não ser engolido pelo tempo. Seus pés troam como canhões, como se o estilo do sapateado que ele baila com Amy (ao som de *Cheek to Cheek*, de Irving Berlin, como Ginger e Fred negros) fosse algo leve demais para um mundo tão *heavy*.

Antonio Querino Neto

Tap, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Nick Castle ■ Com Gregory Hines, Suzzanne Douglas, Savion Glover, Bunny Briggs, Joe Morton, Samy Davis Jr. ■ ROTEIRO: Nick Castle ■ FOTOGRAFIA: David Gribble ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ COREOGRAFIA: Henry LeTang ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Patricia Norris ■ PRODUÇÃO: Gary Adelson e Richard Vane ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Max Washington (Gregory Hines) e algumas de suas partners fazendo ouvir os pés tonitruantes

Fotos Columbia Tri-Star

Columbia Tri-Star

AFOGAMENTO HORRIPILANTE

Abismo do Terror *naufraga sem charme nos próprios erros*

Mais um exemplar da onda que mergulha no oceano e o encara como o grande universo de mistérios do nosso tempo, *Deepstar Six*, dirigido por Sean S. Cunningham (que aterrorizou e fez rir platéias com os sanguinolentos *Sexta-Feira 13* e *Terror nas Sombras*), aborda as desventuras de uma tripulação de exploradores no inóspito e sedutor fundo do mar. Se bem que, no filme de Cunningham, ele não pareça exatamente "sedutor", pois o tédio da trama é infinito, nem a

Uma aparição canhestra da "coisa", parecida com uma lagosta gigante

Columbia Tri-Star

carnificina de praxe do estilo do diretor salva o projeto da monotonia dessa "imensidão azul" de segunda.

A tripulação do laboratório Deepstar Six deve instalar mísseis sobre cavernas numa região desconhecida. O sério supervisor Van Gelder (Marius Weyers de *Os Deuses Devem Estar Loucos*) quer explodi-las para colocar logo os mísseis, mas Joyce (Nancy Everhard) estuda o local e acha a decisão precipitada, pois lá pode existir um tipo de vida pré-histórica desconhecido. No entanto, a Marinha pode fechar o projeto, caso os mísseis não sejam logo instalados. Finalmente, as cavernas são explodidas, e o solo começa a ceder. Parte da missão entra na zona desconhecida, o projeto não tarda a se descontrolar pela ação do neurótico Snyder (Miguel Ferrer), que põe tudo por água abaixo.

A violação da área desconhecida libera o que todos temiam: uma "coisa" feroz, indestrutível e gigante, que vai papando vários tripulantes. O roteiro parte de uma idéia até curiosa (apesar de batida), mas se prende em detalhes que não esclarecem o fundamental da trama. Temos de adivinhar que diabos aquela gente está fazendo lá, qual o objetivo da Marinha etc. Os diálogos pendem entre incompreensíveis termos técnicos e o sentimentalismo babaca ("Vamos ter um filho", "Quando sair daqui quero um big mac" etc.). Sobretudo a ingenuidade dos efeitos visuais bregas e a implausibilidade do monstrengo tornam o filme um espetáculo frio. O tipo de suspense remete ao *Alien* de Ridley Scott. Mas Cunningham nada tem de "estilista". Sua "coisa" fálica é quase um subalien submarino. Os tripulantes (cuja incompetência dói) nada têm de heróis e não são nada charmosos. Encaram como "bico" uma missão que não suportam e não vêem a hora de se livrar dessa história toda.

Antonio Querino Neto

Deepstar Six, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Sean S. Cunningham ■ Com Taurean Blacque, Nancy Everhard, Greg Evigan, Miguel Ferrer, Nia Peeples, Matt McCoy ■ ROTEIRO: Lewis Abernathy e Geof Miller ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: John Reinhart ■ FOTOGRAFIA: Mac Ahlberg ■ MÚSICA: Harry Manfredini ■ PRODUÇÃO: Sean S. Cunningham e Patrick Markey ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Há 10 anos fazendo mesas de SOM e BAR personalizadas com a grife Helô Pinheiro

Modelos e Promoções Artísticas

IPANEMA SOM

Mesas de Som - Bar

Rua Cardeal Arcoverde, 573
CEP 05407 - Pinheiros - SP

280-0551 - 280-2748 — 852-2868 - 852-7548

JAZIGOS AMIGOS

Acima da média, O Cemitério Maldito *tem ritmo com pavor e humor*

Na frente da casa, uma rodovia com tráfego pesado. Atrás, um cemitério de animais — em sua maioria, cães e gatos atropelados pelos caminhões na estrada. Mais atrás, um antigo cemitério indígena, onde, segundo a lenda, os enterrados (bichos e gente) voltam à vida, mas com um aspecto estranho e maléfico. Na casa, recém-chegados de Chicago, vivem o médico Louis Creed (Dale Midkiff) e sua família: mulher, filhos pequenos e o gatinho Winston Churchill. Seu único vizinho é o velho solitário Jud Crandall (Fred Gwynne, o Herman da série de TV *Os Monstros*).

Esse sinistro recanto (nos arrabaldes da cidadezinha de Ludlow, no Maine) é o cenário desta história de Stephen King, que funde o tradicional suspense parapsicológico do escritor (*Carrie, O Iluminado*) com o tema mais em voga no terror contemporâneo: os mortos-vivos. O roteiro de King é um pouco prolixo, com excesso de subtemas e personagens secundários (como a família da mulher de Creed), mas a diretora Mary Lambert (a mesma do inédito *Siesta*) evita habilmente a dispersão, aproveitando a potencialidade dramática de cada plano e demonstrando bom sentido de ritmo. Particularmente feliz é a contraposição de imagens fortes, denotando o moderno (os caminhões, sólidos e reluzentes) e o arcaico (o cemitério indígena, envolvido em bruma), o dia e a noite, a ciência e o mito.

Não consegue (talvez nem tente) evitar os clichês em certas passagens, mas compensa isso com o bom humor de outras (o fantasma no aeroporto, por exemplo). No conjunto, um filme acima da média do gênero: divertido, envolvente e, sobretudo, apavorante.

José Geraldo Couto

Pet Sematary, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Mary Lambert ■ Com Dale Midkiff, Fred Gwynne, Denise Crosby, Brad Greenquist ■ ROTEIRO: Stephen King, baseado em seu livro *O Cemitério* ■ FOTOGRAFIA: Peter Stein ■ MONTAGEM: Michael Hill e Daniel Hanley ■ MÚSICA: Elliot Goldenthal ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Michael Hanan ■ PRODUÇÃO: Richard P. Rubinstein para a Paramount ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

UIP

Dr. Louis Creed (Dale Midkiff) investe pelas alamedas do cemitério de animais

FICÇÃO OFTALMOLÓGICA

Eles Vivem *exibe sofisticados alienígenas invisíveis a olho nu*

Como na saudosa série televisiva *Os Invasores*, "eles" já estão entre nós, e o pesadelo já começou. Só que eles (os alienígenas) se disfarçam tão bem que só com óculos especiais é possível ver sua verdadeira face por trás da aparência de pacatos cidadãos. Também com a ajuda desses óculos pode-se constatar que eles controlam a mídia, a política e a polícia dos Estados Unidos. E manipulam a mente de cada indivíduo através de mensagens subliminares em revistas, outdoors e transmissões de TV. As poucas pessoas que conhecem a terrível verdade e tentam combatê-la são caçadas como subversivas.

Entre esses combatentes clandestinos está o trabalhador sem casa John Nada (o ex-campeão mundial de luta livre Roddy Piper). Um dos momentos cruciais do filme é uma briga de rua entre Nada e seu colega de trabalho Frank (o não menos robusto Keith David, que já trabalhou com Carpenter em *O Enigma de Outro Mundo*). É uma da mais violentas e seguramente a mais longa briga já filmada. Tudo porque Nada quer convencer Frank a botar os óculos milagrosos.

Graças a uma astuciosa inversão do esquema tradicional dos filmes B de ficção científica dos anos 50 (em que a referência à "invasão comunista" era evidente), Carpenter conseguiu realizar um filme inteligente, crítico e divertido. Para um cineasta independente que sempre soube criar algo interessante em gêneros desgastados como o terror (*Halloween, Príncipe das Trevas*) e a ficção científica (*Starman, O Enigma*

Ao lado, a mais longa briga já filmada, entre Frank (Keith David) e Nada (Roddy Piper); abaixo, José Rico, Marcélia Cartaxo e Milionário numa das cenas das calçadas da vida

Columbia Tri-Star

de Outro Mundo), *Eles Vivem* é um filme-síntese que atesta tanto sua maturidade quanto a disposição para manter uma saudável atitude provocadora.

José Geraldo Couto

They Live, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: John Carpenter ■ Com Roddy Piper, Keith David, Meg Foster, George "Buck" Flower ■ ROTEIRO: Frank Armitage (pseudônimo de John Carpenter), com base no conto "Eight O'Clock in the Morning", de Ray Nelson ■ FOTOGRAFIA: Gary B. Kibbe ■ MÚSICA: John Carpenter e Alan Howarth ■ DIREÇÃO DE ARTE: William J. Durrell Jr. e Daniel Lomino ■ MONTAGEM: Gib Jaffe e Frank E. Jimenez ■ PRODUÇÃO: Larry Franco para a Alive Films ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

SERTÃO SEM PEJO

A rudimentar saga de Milionário e José Rico segue em Sonhei com Você

Embrafilme

Depois de uma truncada carreira de ator, iniciada em *Amuleto de Ogum* (1974) e em novelas de TV (*Pecado Rasgado, Sassaricando*), Ney Sant'Anna em *Sonhei com Você* faz sua estréia na direção de longas-metragens, dando continuidade à especulação musical sertaneja que seu pai, Nelson Pereira dos Santos, empreendeu com *Estrada da Vida* (1979). Aproveitando o que foi aclamado por alguns como "realismo sertanejo" (ou repudiado por outros em virtude da linguagem cinematográfica elementar), Ney — que já foi assistente de direção de Nelson — reapresenta os mesmos dois protagonistas, os cantores e compositores Milionário e José Rico.

Os heróis do sertão agora fogem da polícia. Estão na pobreza de novo e lutam contra o inescrupuloso empresário Malaquias (Raimundo Silva), que tem tripudiado com o talento da dupla desde o primeiro filme. Marcélia Cartaxo (de *A Hora da Estrela*) é uma caminhoneira que vai a Brasília defender as terras do pai (Jofre Soares), ameaçado por um latifundiário sem dó.

A interpretação de Marcélia fica próxima ao estilo "fundo de quintal" dos dois protagonistas, e o filme certamente vai atingir seu alvo. Os fãs de música sertaneja — fiéis até mesmo na China, onde *Estrada da Vida* foi sucesso popular — já laurearam "os gargantas de ouro" com 16 discos do mesmo metal e certamente vão render-se ao enredo: uma farsa quase circense, muito próxima ao imaginário contido nas quadrinhas das letras de suas músicas.

Dilson Gomes

Sonhei com Você, Brasil, 1989 ■ DIREÇÃO: Ney Sant'Anna ■ Com Milionário, José Rico, Marcélia Cartaxo, Jofre Soares, José Raimundo, Ada Chaseliov, Joel Barcellos ■ ROTEIRO: Ney Sant'Anna ■ FOTOGRAFIA: Walter Carvalho ■ MÚSICA ORIGINAL: Sérgio Saraceni ■ PRODUÇÃO: Regina Filmes, Embrafilme, Nelson Pereira dos Santos ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

VENDE-SE PEIXE

Conheça em SAÚDE deste mês, o alimento mais saudável para o seu organismo.
O peixe, que contém vitaminas, minerais e quinze vezes menos gorduras que a carne bovina.
Você ainda vai ler na revista SAÚDE sobre os diversos rótulos que aparecem por aí e que você tem que tomar cuidado.
Alguns podem ser enganosos e causar vários problemas.
E mais: O índice anual de SAÚDE, ginástica para iniciantes e muito mais.
Em SAÚDE o mar está para peixe.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

ANITA EKBERG

Miss Suécia 51, ela virou um outdoor vivo e sensual pelas mãos de Fellini, seduziu os mais famosos galãs de Hollywood e ascendeu como deusa no cinema mundial

Num atrevido outdoor, seus seios transbordam fora do vestido justo, seus cabelos de ouro escorrem malcriados e seus olhos gordos de deusa nórdica perseguem transeuntes desavisados, sob a lúbrica frase "Bevete piú latte!" (beba mais leite). Nunca o saudável líquido branco esteve em tão boa companhia. Nunca um simples decote subverteu tanto o trânsito e a rotina. Nunca um simples cartaz publicitário perturbou tanto uma vida como a do austero dr. Antonio (Peppino De Filippo) no episódio "As Tentações do Dr. Antonio", do filme *Boccaccio 70* (1962). No filme, Fellini, esse desavergonhado e infantil cineasta, zomba (com a genialidade de praxe) da cruzada moral que o atacou em *La Dolce Vita*.

RKO

Homem acima de qualquer suspeita, o dr. Antonio de repente se vê às voltas com uma gigantesca e loira encarnação dos mais convidativos pecados, em forma de outdoor (Anita Ekberg). Ela o persegue, a danada, nos mais recônditos sonhos. O defensor da moral e dos bons costumes sente-se um anãozinho à mercê da escultural fêmea e de sua "vozinha de menina amedrontada" (segundo Fellini). Quase um ensaio sobre a maquinação publicitária da libido, o cálido filme invade-nos indiscretamente, como o *appeal* do demônio loiro do anúncio.

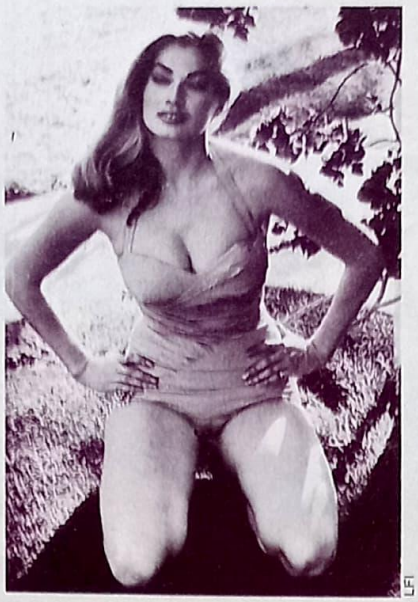
E eles continuam lá: os seios redondos, perfeitos e alvos da escandinava Anita Ekberg. A mais velha de sete irmãos, filhos de um casal da provinciana cidade báltica de Malmö (Suécia), não teve passado teatral. Sua carreira começou quando a mãe incentivou-a a participar do concurso de *miss* daquela cidade. Anita carregou o buquê de *miss* Malmö, que resultou no título de *miss* Suécia (1951) e começou a abrir-lhe as portas de Hollywood. E ela aparece como a dama de honra de busto ressaltado em *O Jogador do Mississippi* (1953).

Década de 50. Na primeira noite em que jantam juntos, o galã Tyrone Power levanta nos braços a carnuda e grande Anita Ekberg (nascida em 1931) e a beija "como um homem beija uma mulher, para lhe fazer sentir que a amo". Na seqüência seguinte, ela veste um vestido preto longo, estreito, até os joelhos e largo até os tornozelos. Música suave. "Você tem as mais belas espáduas que eu ja vi", sussurra o galã. E continua: "Esse vestido é estupendo. Quanto pagou por ele?". Anita se ofende, mas ri, afinal não é exatamente de bom-tom perguntar a uma dama o preço de seu vestido. Ainda mais quando ela o está usando!

AMOR SECRETO — Mas o conquistador não desiste: "Preciso saber, porque quero pagar os estragos que farei. Daqui a pouco eu rasgarei esse seu vestido". E Power, o "amante excepcional e sem defeitos", o rasga impetuosamente, para revelar as tais espáduas divinas. O episódio citado não é filme. É real. Tyrone Power foi o primeiro grande amor de Anita (que durou um ano, com projetos matrimoniais e tudo). Uma das suas mais fogosas paixões, ao lado de um industrial italiano "magro, esportivo e cheio de charme", um "amor secreto" que a atriz escandinava nunca revela em suas memórias. Ela aparecia em público com um acompanhante fixo (Franco Silva), um "testa-de-ferro" pago pelo industrial, que declarava seu amor com bagatelas do tipo safiras, brilhantes e Ferraris (especialmente construídas). Dizem que o xá do Irã e o rei Hussein ficaram com água na boca e quiseram encomendar uma Ferrari igual. Nunca conseguiram.

Robert Mitchum ficou caidaço pela *blondie* e fez uma corte cômica: tentou escalar o balcão de sua casa, mas levou pancadas e cigarros acesos na mão. Depois disso, desistiu e retornou ao álcool, uma paixão que não machuca tanto. Até o xá do Irã arrastou as suas asinhas ditatoriais para o lado de Anita. Convidou-a para ir a Teerã e tentou convencê-la com grandes quantidades de caviar, a preferência gastronômica da atriz. Nada feito. A loira não era assim tão comprável e não se excitou com esse papo de "Mil e Uma Noites", preferindo a simplicidade garantida das jóias e Ferraris do tal ricaço. Aonde ela fosse, vinham os *paparazzi* italianos como urubus, o que produziu alguns es-

À direita, o padrão nórdico de sensualidade e seu maiô anos 50. Abaixo, foto promocional da Paramount (1956)


LFI

Paramount

Warner

Sipa-Press

Acima, uma jogada de ombros para a Warner (1951). Ao lado, numa pose mais madura

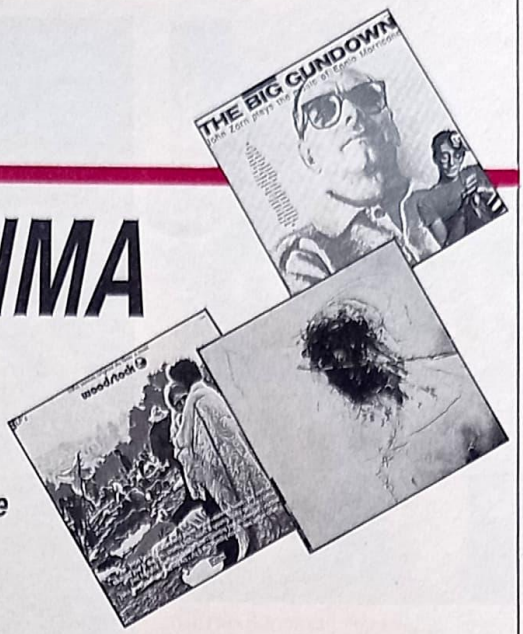
cândalos rotineiros. Franco Silva — o namorado "de fachada" — não aceitou seu verdadeiro lugar e insistiu agressivamente. A briga virou caso jurídico, com a atriz acusando-o de falsificação e violação de domicílio. A atriz teve muitos "casos". Mas nunca quis ser sustentada por nenhum homem e nunca morreu de amores pela instituição do casamento (segundo afirmou). Anita (que do contrato de *miss* passou direto ao de atriz) seguiu uma via diferente da maioria das divas: só posou nua e pisou no palco em fim da carreira (sem grande convicção). Numas férias, entra em cena Rod Taylor, que usou o velho golpe de apresentar-se como velho amigo. Rod tinha "um belo rosto, dois grandes olhos azuis e um corpo musculoso". Anita quis se casar com o ator (que era casado), mas nas vésperas das núpcias Rod, que tinha bebido todas, revelou-se violento, fato que abriu os olhos da moça: "Esse bêbado não serve para mim!". E a estrela voltou para os braços endinheirados de seu industrial. Os dois pombinhos viajam e são embalados por ventos caribenhos. Por pouco tempo. De volta à Itália, ela descobre que seu homem tinha uma amante — a atriz Beatrice Altariba. O ricaço então é arrancado do pedestal e torna-se um "ex". Como havia feito com tantos homens (inclusive Marcello Mastroiani, que ela "gelou"), Anita esnoba também o outrora adorado dono de um império econômico.

"SUTIÃ USADO" — Mas entra na lábia de Erik van Nutter e se casa com ele em 1963. Ela tem a manha até de devolver o iatezinho que seu "ex" envia de presente. O sabidão Nutter pára de trabalhar, passa a beber dos ganhos da star e queima cartas e lembranças do passado com Frank Sinatra, Tyrone Power, Yul Brynner, Rod Taylor e outros casos dessa "fustigadora de homens". Após muitas brigas, um segundo aborto e a tentativa de divórcio, Rik levou-lhe móveis, tapetes, iate, pratos, copos, obras de arte e... muitos milhões de liras! Na cara dura. Ela, que enlouqueceu calidamente tantos homens, foi cair no conto de um vigarista vulgar. "Frederick foi o primeiro ladrão da minha vida. Os últimos foram os que assaltaram minha casa antes do Natal de 1977", afirmou. Depois de tantos dissabores (inclusive problemas de saúde), veio o produtor Fred Berhoff, um amor "calvo", maduro e confortador.

Fez poucos filmes realmente imprescindíveis, com exceção de *Guerra e Paz* (1956), de King Vidor, em que interpreta a bela Helena, prima de Henry Fonda no galante mundinho dos aristocratas russos; de *Boccaccio 70*; e de *A Doce Vida* (1959) — o símbolo italiano de certo clima decadente da Via Veneto, tanto quanto Ekberg é o símbolo lascivo dessa obra-prima. Espalhou seu calor em *O Jogador do Mississippi* (1953, com Tyrone Power), *Interpol* (1957), *Zarak* (1956), *The Mongols* (1961), *Gold of the Amazon Women* (1979) e outros filmes. Mas ninguém nunca disse que seu talento é maior que sua beleza de estátua clássica, sua estatura, seus seios (ela recebeu cartas de fãs pedindo um "sutiã usado") e sua voluptuosidade e personalidade fosforescente. Ao ser indagado sobre *A Doce Vida* (a atriz escandinava aparece também em *Clowns* e *Entrevista*, ambos do cineasta italiano), Fellini, o notório pecador, imediatamente respondeu (numa associação livre): "Anita Ekberg! A pantera e garota, com seus agentes e maridos que desapareciam como sombra junto a uma torrente luminosa. Um *iceberg* do Norte que se derreteu na Itália. Ela enche o ar de um tipo especial de luz". Como a atriz Sylvia (seu papel em *A Doce Vida*), que atravessa a madrugada do entediado jornalista Marcello e entra descalça na Fontana di Trevi para banhar-se sob o orvalho. Só por capricho.

Antonio Querino Neto SET

A CERTÍSSIMA TRINDADE



Três importantes álbuns provam que são muito mais do que meras trilhas sonoras convencionais

◆ *Passion* (Virgin/EMI-Odeon) é o álbum duplo instrumental que traz a música composta por Peter Gabriel para o polêmico *A Última Tentação de Cristo*, música esta que não só valorizou muito o filme de Martin Scorsese como também se revelou um dos pontos altos da carreira solo do antigo líder do Genesis. Se em sua incursão anterior por trilha sonora — em 1985, com *Birdy*, de Alan Parker — Gabriel em grande parte limitou-se a adaptar para versões instrumentais composições próprias que já havia gravado, aqui ocorre justamente o oposto. A partir de seu envolvimento com a feitura da trilha, Gabriel decidiu expandir esse projeto, incluindo nele temas que não constavam do filme, pois *Passion* (nome dado originalmente para *A Última Tentação...*) "deveria se sustentar como um trabalho em separado", como afirmou o próprio músico no encarte do álbum. O resultado confirmou plenamente suas expectativas: levando ao extremo uma tendência já presente em seus LPs anteriores de incorporar sonoridades da música do Terceiro Mundo ao seu trabalho, Gabriel fez dessa mistura uma densa sucessão de tramas instrumentais, num perfeito equilíbrio entre a eletrônica e os sons acústicos oriundos de várias nacionalidades. Desta maneira, músicos paquistaneses, turcos, indianos, senegaleses e marroquinos, entre outros, convivem harmoniosamente com cobras de estúdio, como o guitarrista David Rhodes, o baterista Billy Cobham e o violinista L. Shankar. Por tudo isto, *Passion* marca uma guinada radical na carreira de Gabriel, o primeiro depois de *So* (1986) — seu álbum mais pop e de maior sucesso comercial —, e talvez desagrade aos seus fãs de última hora, sequiosos por mais hits como "Sledgehammer" e "Big Time". Mas são inegáveis ao menos três atributos a este novo trabalho de Peter Gabriel: qualidade, integridade e ousadia.

◆ Outro caso em que a trilha sonora extrapola a música contida no filme é *Woodstock* (Atlantic/WEA), o álbum triplo que registra os famosos "três dias de paz e amor" e que, ao se comemorarem 20 anos da realização do festival, é relançado no Brasil. Com performances antológicas de nomes como Jimi Hendrix, Sly & The Family Stone, Santana, Joe Cocker, Richie Havens e Crosby, Stills, Nash & Young, entre outros, o álbum traz para o vinil um pouco da emoção e energia daquele celebrado evento e — junto ao filme de Michael Wadleigh — talvez possa ser considerado o mais importante documento dos tempos do *flower power*.

◆ Por fim, um disco que não é exatamente de uma trilha sonora, mas que no entanto tem muito a ver com o cinema: trata-se de *The Big Gundown (John Zorn Plays the Music of Ennio Morricone)*, editado pela Nonesuch/WEA e que, como o subtítulo explicita, apresenta temas do renomado "trilheiro" italiano executados por John Zorn, um dos mais destacados músicos da cena musical da vanguarda nova-iorquina. Arregimentando um extenso e eclético cast de instrumentistas — fundamentado na nata do som experimental de Nova York, mas que incluía até veteranos como o tecladista Big John Patton e o gaitista Toots Thielmans —, Zorn concebeu um trabalho extremamente inovador e pessoal, baseado em nove temas consagrados de Morricone (e complementado com a faixa "TRE NEL 5000", uma colagem musical de autoria do próprio Zorn, que destoa consideravelmente do resto do LP). Assim, não é de surpreender que no meio da faixa-título, por exemplo, irrompam frases ditas em português (a cargo dos percussionistas brasileiros participantes) seguidas de uma legítima batucada ou até que os próprios temas tornem-se irreconhecíveis para quem conhece o arranjo original. Mas essas recriações de Zorn receberam o aval do próprio Morricone, que nota, num texto constante da capa interna do disco, que "muitas pessoas já fizeram versões de minhas composições, mas ninguém ainda as tinha feito assim". A observação é pertinente, pois Zorn, afinal, acabou por reinventá-las.

Celso Pucci

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL ASSINATURAS, RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP.

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

EDITORA AZUL

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)

RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)

RECIFE TEL. (081) 224-0655
DAS 8H30 ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H

SALVADOR TEL. (071) 247-1022
DAS 8H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H

BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H

PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30

BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H

CURITIBA TEL. (041) 263-3013
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30

FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO. ATRAVÉS DELE VOCÊ PODE ALTERAR DE UMA ÚNICA VEZ O ENDEREÇO DE TODAS AS REVISTAS QUE ASSINA. COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA:

EDITORA ABRIL
ASSINATURAS

RUA DO CURTUME, 769 - CEP 05065 - SÃO PAULO - SP.

OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO 3 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR OU ESCREVA SEU NOME E SEU CÓDIGO DE ASSINANTE.

NOME _____

CÓDIGO DE ASSINANTE _____

ATENÇÃO: VOCÊ ENCONTRA SEU CÓDIGO DE ASSINANTE NA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO DE SUAS REVISTAS.

NOVO ENDEREÇO _____ CEP _____

BAIRRO _____ EST. _____ TEL. _____

CID. _____

REVISTAS QUE VOCÊ QUER RECEBER NESTE NOVO ENDEREÇO:

por José Geraldo Couto

O PASSAGEIRO: PROFISSÃO REPÓRTER

(Professione: Reporter, 1975)

Em 1976, para os jovens universitários de esquerda — pelo menos para os da minha turma —, o cinema tinha que ser, antes de tudo, politicamente comprometido ("engajado", como dizíamos então). No panteão dos centros acadêmicos adoravam-se deuses de ocasião: Costa-Gavras, Pontecorvo, Montaldo... Nós que amávamos tanto a revolução, íamos ao cinema em bandos.

Mas foi sozinho, desarmado e desprevenido, que eu entrei uma tarde no extinto cine Marachá, na rua Augusta, para ver o novo filme do "decadente, irracionalista e traidor da classe operária" Michelangelo Antonioni. Ao sair para a rua, duas horas depois, tomei o ônibus errado e só fui descobrir quando vi pela janela um bairro desconhecido. A revolução tinha acontecido, só que dentro de mim, e eu estava literalmente perdido.

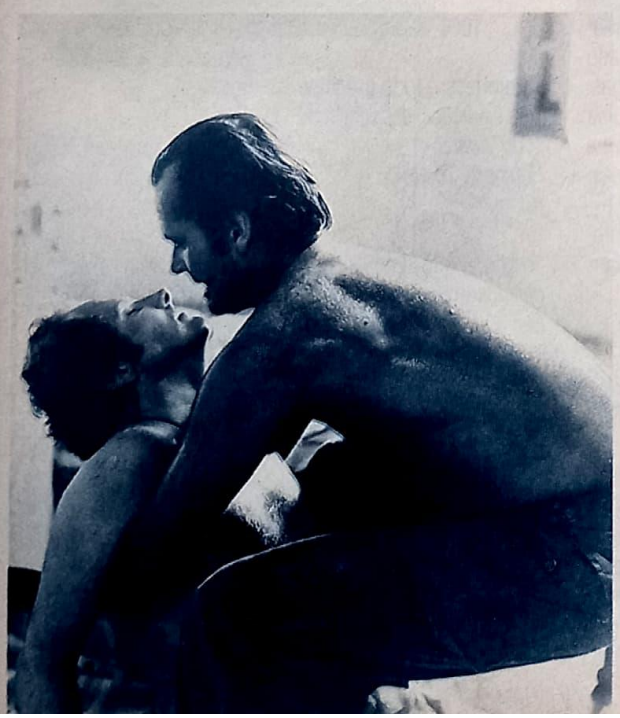
Acho que o tema do filme, em uma palavra, é a liberdade. Uma liberdade muito mais ampla, profunda e problemática do que a simples liberdade política pela qual clamávamos. Como o Mattia Pascal de Pirandello, o herói de *O Passageiro* — o repórter vivido por Jack Nicholson — faz-se passar por morto para abandonar sua vida anterior: mulher, profissão, casa, pátria. Em busca da liberdade total, ele acaba experimentando a insuportável leveza do não-ser: a liberdade total é igual à morte. Pois é possível fugir de um país, de uma mulher, de um emprego. Mas será possível viver uma nova vida, escapar de si mesmo — das raízes, relações e lembranças que formam um identidade tão inapagável quanto uma impressão digital?

Para o repórter de Antonioni, o problema é ainda mais complicado. Para passar por morto, ele teve que assumir, num hotelzinho perdido no norte da África, a identidade de outro homem, seu vizinho de quarto, sobre o qual não sabe nada. Só o que ele tem para começar sua nova vida é um passaporte e uma agenda com anotações de compromissos e telefones. A partir daí, tateando no escuro, entre excitado e hesitante, ele vai descobrir quem é o homem no qual se transformou. Uma mulher que ele encontra por acaso (Maria Schneider) vai ajudá-lo nessa descoberta, que acompanhamos passo a passo, com o coração aos pulos. Curiosamente, é dentro de uma igreja que ele tem a revelação de sua nova identidade: é um traficante de armas para movimentos de libertação africanos. Mal começou, sua nova vida já está por um fio.

Antes de mergulhar seu herói no abismo, Antonioni erige algumas imagens inesquecíveis de liberdade: Jack Nicholson movendo os braços como asas num teleférico sobre o mar de Barcelona; Maria Schneider com os cabelos ao vento numa estrada de província ladeada de árvores... Nunca o obscuro Antonioni fez um filme tão luminoso, como se quisesse — nesta ode ao efêmero e ao passageiro — exaltar igualmente a poesia do que permanece, a arquitetura e a paisagem de todos os lugares. A Barcelona múltipla e retorcida de Gaudí, as areias douradas do deserto, a brancura ofuscante das aldeias andaluzas — tudo é mostrado em sua beleza solar, ardente e imperativa. O mundo é belo para quem está de passagem.

O final é uma vertigem lenta, de uma beleza insuportável. Deitado em sua cama num hotelzinho de Algeciras, o passageiro olha para fora da janela. Acompanhando seu olhar, a câmera inicia um lento movimento em direção à rua. Sem nenhum corte, ela "atravessa" as grades da janela, ganha a rua de terra batida, detém-se antes de chegar à *plaza de toros* em frente, faz um giro de 180 graus e focaliza o quartinho onde jaz, agora, o cadáver do herói. Imaginar o que a câmera eludе nesse seu notável movimento de sete minutos é algo que me angustia até hoje.

Já atribuíram a esse plano vários significados: é a vida que se esvai; é a alma que se liberta do corpo e contempla a matéria inerte; é o cineasta que rompe a convenção narrativa e se denuncia como senhor do ponto de vista... Não sei. Sei que é cinema puro. E pura poesia. SET



O repórter (Jack Nicholson) e o homem em quem se transformará

José Geraldo Couto, 32 anos, é crítico da SET. Formado em história e jornalismo, escreveu os livros *André Breton* (Brasiliense) e *Brasil: Anos 60* (Ática)

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson P. Gomes
Editor Assistente: Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Izaú Norbertino, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores
Críticos: Alex Antunes, Amir Labaki, Antonio Querino Neto, Inimá Simões, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Brenda Fucuta, Celso Pucci, Daniel Benevides, Denise A. Faria, Herse Monteiro Filho, Lúcio Ribeiro, Marcelo Bernardes, Marli Belloni, Mônica P. da Silva, Ricardo Cota, Wagner Almeida Silva, Tânia Marques
Arte: Fernando Morra
Fotografia: Carlos Mancini
Revisão e Preparação de Textos: Jorge A. de Jesus
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: André De Napole Del Matto, Iracema Gil, Ricardo Mateoli
RJ - Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 Porto Alegre — RS
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 180,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal do BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 31 de outubro a 30 de novembro. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

SAINDO DO PORÃO II

O leitor Jorge S. Morgira reclama da "política de capas" da SET (n.º 7, ano 3). Não concordo porque, pessoalmente, compro a revista independentemente da capa. Filmes nacionais? Que tal um número especial como o último que saiu sobre guerra? Então veremos se o público prestigia mesmo o cinema nacional.
Jonas Alves Sales
(São Paulo/SP)

MADURO, RENOVADO E MORNO

Parabenizo pelo alto padrão técnico e editorial de SET, mas há ainda algumas deficiências a serem suplantadas, como, por exemplo, uma melhor cobertura do cinema brasileiro, que existe e dá provas de maturidade e renovação, ainda que mornas.
Genecy de Souza Silva
(Manaus/AM)

PREFERÊNCIA NACIONAL

A revista SET, que nos últimos meses tornou-se mais nacional (desnecessariamente), deve tomar cuidado para não cair no piegas. Muitos leitores exigem uma cobertura maior do cinema nacional, mas se esquecem de que nem sempre as expectativas em torno das produções brasileiras são correspondidas.
Luiz Fernando Lima Braga Jr.
(Muriaé/MG)

COISAS DE DIRETOR

Gostaria de saber por que no comentário do filme *O Iluminado* (n.º 3, ano 3) nada foi dito sobre o corte de quase 30 min. feito pela Warner. Constatei o fato porque na lingüeta da fita pode-se ver que é uma fita de 120 min., e o filme tem 144.
Alexandre S. Neto
(São Paulo/SP)

O diretor Stanley Kubrick acompanha pessoalmente as cópias e o material promocional (o que inclui o rótulo da caixa) dos filmes que serão lançados em vídeo. A distribuidora foi consultada, e fomos informados de que o master que veio dos Estados Unidos foi reeditado por Kubrick para que o filme fosse veiculado em CD e pelos canais de televisão.

SEMPRE MODERNOS

Parabenizo a seção "Tempos Modernos", na qual Luiz Nazário faz um ótimo trabalho sobre o cinema mudo.
Luciano Simões Silva
(São Paulo/SP)

Parabéns pelo excelente trabalho desta revista, principalmente as seções "Tempos Modernos" "Mitos" e "Filmoteca".
Bosco Ximenes
(Rio de Janeiro/RJ)

1000 VÍDEOS

Parabéns a toda a equipe pela edição especial de *1000 Vídeos*.
Robinson Chiarelo
(Birigüi/SP)

Espero que todo ano vocês façam um número especial com a seleção de *1000 Vídeos*.
Álvaro R. Laranjeira Jr.
(São Paulo/SP)

CORREIO ENTRE OS LEITORES

Compro os cartazes originais dos filmes *Ases Indomáveis*, *Águia de Aço* e *Os Caça-fantasmas*. Endereço: rua Teixeira Freitas, 41, ap. 105, Porto Alegre — RS. CEP 90630
Adriana Porto Serpa

Troco material sobre Sylvester Stallone. Endereço: av. Anhangüera, 7385, Setor Rodoviário, Goiânia — GO. CEP 74000
Nilton F. dos Santos

Desejo me corresponder com leitores que possuam material de musicais antigos, filmes de suspense e sobre Barbra Streisand. Endereço: Quadra D-24, 25, Ouro Preto, Olinda — PE. CEP 53250
Rivaldo Pinheiro

Quero entrar em contato com alguém que tenha a trilha sonora de *ET — O Extraterrestre*. Endereço: rua Ferreira Leite, 213, Muriaé — MG. CEP 36880
Luiz Fernando L. B. Júnior

ERRATA

A matéria "007 de Carne e Sangue" (n.º 7, ano 3) cita *Licença para Matar* como sendo o 16.º filme da série. Na verdade, esse é o 17.º, sem contar a sátira *Cassino Royale*.

Em SET Especial 1000 Vídeos, à página 128, na sinopse do filme *O Cangaceiro*, a atriz Vanja Orico faz Maria Bonita, e a professora é interpretada por Marisa Prado.

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

TELA QUENTE TODO DIA.

Ação

Aventura

Drama

Ficção

Musical

Infantil

Terror

Documentário

Comédia

A melhor programação de TV é aquela que você mesmo faz. Sem comerciais nem horário político. Nada para interromper sua emoção.

Pra sintonizar seus filmes preferidos, a locadora é o grande canal. Lá tem sempre uma novidade da Warner Home Video esperando por você.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Bros. Video Inc.

Handycam Video 8

CCD - F330

CCD - F280

8

O jeito mais profissional de ser amador.

A Sony Handycam Video 8 possui o revolucionário sistema 8mm, que utiliza uma fita compacta com alta definição de imagem e som. Esta fita reproduz até 2 horas de gravação.

O sistema 8mm permite que a câmera seja extremamente leve (1,2kg) e compacta, facilitando o transporte em passeios e viagens. A sua operação pode ser feita com apenas uma das mãos, sem esforço.

O manuseio da câmera é muito simples, pois seus controles de foco, tracking e iluminação são automáticos. O zoom aproxima a imagem 6 vezes.

A Handycam Video 8 reproduz como um videocassete normal, conectada em sua TV.

E permite edições, utilizando qualquer tipo de videocassete.

Sony Handycam Video 8. À venda na Zona Franca de Manaus.

SONY

LIBERA SUA CRIATIVIDADE.